

organizadores

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA

FESTEIA- Tema Clássico

Dez Anos de um Festival de Teatro
(1999-2008)



organizadores

CARLOS A. MARTINS DE JESUS
LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA

FESTE A- Tema Clássico

Dez Anos de um Festival de Teatro
(1999-2008)



ORGANIZADORES

Carlos A. Martins de Jesus, Luísa de Nazaré Ferreira

TÍTULO

FESTEIA - Dez Anos de um Festival de Teatro (1999-2008)

EDITOR

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

EDIÇÃO

1ª/2010

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO

Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva,
Francisco de Oliveira, Nair de Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO DA COLECÇÃO

Delfim Ferreira Leão

AUTORES DOS TEXTOS

Ana Seiça Carvalho, Aníbal Rocha, Carlos A. Louro da Fonseca, Carlos A. Martins de Jesus, Carlos Morais, Carmen Leal Soares, Chantal Collion, Delfim Ferreira Leão, Emilio Flor, Isabel Melo e Silva, José Luís Navarro, José Ribeiro Ferreira, Luísa de Nazaré Ferreira, Maria de Fátima Silva, Maria do Céu Fialho, Mário Paulo Martins, Paulo Sérgio Ferreira

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Carlos A. Martins de Jesus

CAPA

Carlos A. Martins de Jesus, sobre foto de José Antunes

DESENHOS ORIGINAIS

Catarina Ferreira

IMPRESSÃO

Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, nº 83 - Loja 4
3030-185 Coimbra

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

ISBN: 978-989-8281-21-0

DEPÓSITO LEGAL: 306475/10

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

PUBLICADO NO ÂMBITO DO PROGRAMA POCI 2010 - FUNDAÇÃO PARA A
CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

ÍNDICE

Prefácio

7

OS COMEÇOS

José Ribeiro Ferreira

9

10 ANOS DE SENSAÇÕES EFÉMERAS
E DE EMOÇÕES ETERNAS

Delfim Ferreira Leão

12

FESTIVAL INTERNACIONAL
DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO
DEZ ANOS DE ACTIVIDADE

1999 2004
16 78

2000 2005
30 92

2001 2006
38 106

2002 2007
54 110

2003 2008
68 118

OS LIVROS-BILHETE

133

GRUPOS PARTICIPANTES E ESPAÇOS

141

ÍNDICE DE ESPECTÁCULOS

145

PREFÁCIO

Neste volume se contemplam dez anos daquele que é, em Portugal, o único festival de teatro inteiramente dedicado aos autores e temas clássicos. De natureza essencialmente universitária e amadora – o que não impossibilitou, pontualmente, a integração de grupos profissionais –, o Festival de Teatro de Tema Clássico, na sua dupla vertente de Festival Escolar e Festival Internacional de Verão, tem sido um dos veículos mais eficazes da divulgação da cultura greco-romana em Portugal, tarefa conseguida, em parte, graças ao seu carácter marcadamente itinerante.

Optámos por organizar este livro por forma a que o seu leitor pudesse ter acesso de forma rápida e intuitiva à maioria das produções teatrais e musicais apresentadas nos Festivais. Em cada ano, os programas completos dos espectáculos exibidos pela primeira vez são seguidos do material específico de cada actuação, onde se incluem sinopses, fichas técnicas, fotografias, cartazes e outro tipo de material publicitário. Buscámos acima de tudo a organização de um catálogo de espectáculos, recorrendo, sempre que possível, a textos da autoria de especialistas da área dos Estudos Clássicos, impressões sobre os textos e a sua *mise en scène* que, de alguma maneira, conferem ao livro uma evidente dimensão crítica. Também não foi descurada a projecção mediática do Festival, pelo que são reproduzidas, a cada passo, notícias da imprensa escrita.

Dois textos iniciais, da autoria de José Ribeiro Ferreira e de Delfim Ferreira Leão, os dois presidentes da associação promotora dos Festivais (FESTEIA – Tema Clássico), reflectem sobre aspectos preliminares. Assim, o texto de José Ribeiro Ferreira – o grande mentor e dinamizador deste Festival – aborda os primeiros anos, realçando os intuitos fundamentais que presidiram à sua criação, resultado de contactos informais que se vinham fazendo com grupos e associações de Espanha. Delfim Ferreira Leão, o presidente em exercício, procura elaborar uma síntese dos dez anos ilustrados no volume, destacando a importância da divulgação do teatro clássico e dos seus valores nos nossos dias.

Além do catálogo dos livros-bilhete editados, que ascendem já às três dezenas, o *Índice de Espectáculos* permite, entre outras coisas, ter uma ideia clara da quantidade

de peças levadas à cena no âmbito dos Festivais, sendo que, no que aos textos de teatro clássico conservados diz respeito, se pode ver como, por iniciativa do FESTEIA, pisaram já os palcos nacionais três de Ésquilo, seis de Sófocles, onze de Eurípides, seis de Aristófanes (de onze), um de Menandro, doze de Plauto e um de Terêncio. Dados que, no global, constituem uma confortável percentagem do total das peças antigas que chegaram até nós. Basta para isso pensarmos, por exemplo, no caso de Ésquilo (sete peças preservadas) ou de Sófocles (do qual apenas o *Ájax* não teve ainda uma apresentação). Igualmente importante é a lista, que se procurou ser completa, dos grupos participantes, além dos espaços e instituições que, ao longo dos anos, se associaram à missão do Festival de Teatro de Tema Clássico. Que a todos eles o presente livro possa servir de tributo – eis um dos grandes objectivos dos seus organizadores.

Passados dez anos – e, à data em que estas páginas vêm a lume, quase outros dois – é com grande alegria que apresentamos este catálogo. Julgamos também cumprir uma função documental, ao publicar as memórias de um festival de teatro, o único do seu género em terras portuguesas, que agora ficam acessíveis a curiosos, estudiosos, actores e encenadores. Num tempo em que a encenação de peças clássicas em Portugal, por companhias profissionais, tem vindo a crescer de forma surpreendente – reflexo de um reconhecimento do seu valor que, tardio ou não, é sem dúvida merecido –, estamos pois confiantes em que o presente volume faz todo o sentido.

Abra-se o pano! Que vos saiba bem o espectáculo!

Carlos A. Martins de Jesus

Luísa de Nazaré Ferreira

OS COMEÇOS

Vários foram os factores que estiveram na origem da ideia de realizar um Festival de Teatro de Tema Clássico. Em primeiro lugar, a consciência de que a cultura clássica criou valores intrínsecos de grande relevância que estão na base do viver e sentir do homem moderno. Mas também, em aproximado patamar de importância, a noção de que o teatro exerceu papel de relevo na transmissão dos ideais, temas e mitos greco-romanos que, parte integrante da cultura de hoje, continuam a ser utilizados por autores contemporâneos para expressarem anseios, preocupações, vivências. Tenha-se em conta que o teatro helénico e latino estava profundamente implicado na vida e na formação do homem e do cidadão, que equacionava perante o público problemas de piedade e de insolência, situações de medição das forças humanas com as do destino e questões de justiça; que abordava assuntos do dia a dia, quer o homem fosse visto como elemento da sociedade, a pólis, quer observado como indivíduo sujeito ao jogo de interesses e paixões.

Foi essa noção e crença que levou o Instituto de Estudos clássicos – aproveitando a circunstância de ter entre o seu corpo docente pessoas com gosto e apetência para a representação – a promover a criação de um grupo de teatro, oficializado em 1998, a que depois foi dado o nome feliz de Thíasos (do grego *thiasos* que no período helenístico e na actual língua grega se aplica às companhias de teatro). Talvez não seja descabido referir que a gestação do grupo se vinha a processar desde 1991, ano em que alguns alunos encenaram *Sé Velha – Pedras Vivas*, da autoria de Delfim Leão. Esses mesmos estudantes, a que outros se associaram, representaram parte do *Soldado Fanfarrão* de Plauto, em tradução e encenação de Carlos A. Louro Fonseca (1992); produziram um vídeo, cuja rodagem decorreu em Conimbriga, de *As Mulheres no Parlamento* de Aristófanes, com direcção de Delfim Leão (1996); apresentaram o *Auto da Alma* de Gil Vicente (1997) e o *Epídico* de Plauto (1998), encenados por José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, respectivamente – duas peças que obtiveram significativo êxito, em especial a última, e consolidaram o grupo em definitivo. Nesse mesmo ano de 1998, actuou em Coimbra (Museu Nacional Machado de Castro) o Grupo de Teatro Clásico Griego ‘Selene’ (Instituto Enseñanza Secundaria Carlos III, de Madrid) que, a solicitação do Instituto de Estudos Clássicos, aqui veio apresentar a *Andrómaca* de

Eurípides e endereçou o convite a alguns professores do Instituto – entre os quais estava o signatário destas linhas – para participarem, como observadores, no Festival de Teatro Grecoromano de Segóbriga. Aí assistiram a várias peças com cerca de duas mil pessoas, na sua grande maioria estudantes, a vibrarem ou seguirem interessadas as representações.

Era então Directora de Conimbriga a Dr^a Adília Alarcão que sempre procurara valorizar o local arqueológico com representações dramáticas e chegou a promover, juntamente com a Liga de Amigos de Conimbriga, a criação de um grupo de teatro – o Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga, de fugaz existência.

Foi a conjugação de todas essas circunstâncias – em especial a aceitação pelo público da representação do *Auto da Alma* e do *Epídico* – e o facto de continuarmos a acreditar nas possibilidades formativas do teatro greco-romano e no seu nada despreciando papel pedagógico que fez nascer – quase impôs – a criação de um festival de teatro clássico e a promoção de representação de obras do teatro greco-romano ou de espectáculos com ele relacionados.

E assim, promovido pelo Instituto de Estudos Clássicos, Museu de Conimbriga e Liga de Amigos de Conimbriga, iniciou-se em 1999 com o nome de **Encontros de Teatro de Tema Clássico Conimbriga – Aeminium – Sellium**, associando três cidades já com existência no tempo dos Romanos, que passaram a designar-se desde 2001 **Festival de Teatro de Tema Clássico**. Nos anos seguintes, o Festival estendeu-se a Viseu, a Braga, a Odrinhas (Sintra), a várias outras localidades, como se pode ver no decurso desta publicação, e foi criada uma associação para o organizar (5 de Março de 2002): Festival de Teatro de Tema Clássico – Associação Promotora, que adoptou a sigla **FESTEIA – Tema Clássico**. Os espectáculos, pensados para serem apresentados ao ar livre, decorrem em locais históricos e contribuem para mútua valorização: animam os espaços monumentais e deles recebem enquadramento e cenário que os valorizam.

Visando melhor aproveitamento e compreensão das representações, quer através da prévia preparação e exploração nas escolas, quer pela leitura posterior, foram distribuídos, como bilhete, os textos encenados, integrais, em pequenos livros de bolso. Considerou, e considera ainda, a organização que, dessa forma, mediante esse trabalho antecipado e a releitura subsequente, além de se divulgar o teatro, se contribui de forma significativa para a formação do gosto pelo espectáculo teatral e se promove também a leitura.

Não foram fáceis os primeiros anos do Festival, com o desânimo a pairar, a cada passo, como ave de rapina. Aos poucos, porém, foi-se impondo, e hoje tem público fiel, sobretudo em determinadas cidades. Se de início a Liga de Amigos de Conimbriga teve

papel relevante no lançamento das suas estruturas, o FESTEIA e o Thíasos passaram depois a liderar e a assumir por inteiro a sua organização, de maneira a agilizar o processo de montagem do Festival.

E o Festival de Teatro de Tema Clássico, apesar dos seus curtos dez anos, parece já ter ultrapassado a fase de adolescência e tem potencialidades para continuar o seu caminho e a sua missão.

José Ribeiro Ferreira

10 ANOS DE SENSações EFÉMERAS E DE EMOÇÕES ETERNAS

Dez anos de actividade, duzentos e quarenta e dois espectáculos de teatro e de música, cinquenta mil espectadores e igual número de livros-bilhete distribuídos. Se o limite de caracteres não deixasse escrever mais do que duas parcas linhas, bastaria a frase anterior para resumir a essência da actividade do FESTEIA – Festivais de Teatro de Tema Clássico, ao longo da sua primeira década de existência. Chegaria para fornecer dados estatísticos, aos quais há que reconhecer alguma pertinência e validade, mas seria claramente insuficiente para registar o que se procurou captar ao longo deste volume: a própria natureza efémera das artes performativas. À letra, efémero denomina aquilo que ‘dura um dia apenas’ e, quando aplicado a um espectáculo cénico ou musical, essa designação reduz-se ainda mais, confluindo nos breves instantes de uma ou duas horas de actuação. De fora, ficam os extensos meses de montagem das produções, de organização dos eventos, a saga dos contactos e a demanda incerta de apoios, o trabalho logístico, geralmente relegado para as margens da penumbra e do anonimato. Contudo, mesmo fazendo justiça ao peso determinante destes agentes, será ainda assim necessário compreender que, na realidade, todos eles são acessórios, porque se encontram ao serviço do fim último que é o espectáculo.

Embora o FESTEIA sempre tenha acolhido performances musicais, o que caracteriza a sua actividade consiste sobretudo na promoção do teatro. O vocábulo grego *theatron* é um dos termos que mais fortuna haveria de ter na história da cultura. Etimologicamente relacionado com o verbo *theaomai*, ‘ver’, parece indiciar que, na origem, o teatro era sobretudo um tipo de manifestação artística destinada a deleitar os olhos. A ser assim, a palavra – proferida, recitada ou cantada – teria inicialmente um peso bastante reduzido ou até talvez não existisse de todo, ao menos com a densidade, elevação e grandeza a que a tragédia grega nos habituou, logo a partir de Ésquilo. E é precisamente ao peso esmagador do *logos* dramático que se deve muitas vezes a tentação de crer que o teatro antigo dispensava todos os códigos cénicos, para centrar-se unicamente no livre curso das ‘palavras aladas’, para recorrer à feliz expressão da epopeia homérica. Não era, porém, assim. O teatro clássico identificava-se mais com uma

forma de arte complexa e total, onde havia texto, música, dança e também um poderoso impacto visual, conseguido graças à cenografia, à cuidada elaboração do vestuário, a ‘efeitos especiais’ simples mas eficazes, ao movimento potenciado, em especial no teatro grego, pela presença em cena da verdadeira moldura humana que é o coro – de doze, quinze, vinte e quatro elementos – e não a pálida e envergonhada aparição a que regra geral se vê reduzido em reposições modernas. Teria de ser um espectáculo, em toda a extensão abarcada pelo termo latino: *spectaculum* deriva de *specio*, que não significa apenas ‘ver’ (esse é o sentido do verbo simples *specio*), mas antes ‘observar com toda a atenção’. De facto, o teatro estava pensado para motivar emoções que deveriam perdurar na memória, não só por causa dos grandes dilemas e questões que suscitava, mas também enquanto experiência sensorial e plástica intensa.

É nesta aparente contradição que reside a essência da representação teatral: durar apenas uns instantes, ser uma experiência efémera, única e irrepetível, mas garantir, com a mesma generosidade das grandes criações artísticas, a intemporal aptidão para ser continuamente revisitada e refeita em renovadas metáforas da existência humana. É essa, também, a marca distintiva dos grandes clássicos gregos e latinos, que perpassaram, incólumes, a poalha dos tempos, a fim de se oferecem à inquietação e ao deleite. Para resgatá-los do passado, há que saber traduzi-los, na dupla acepção de os verter para uma outra língua, mas também de os adaptar a esse processo de apropriação que é todo o ensaio hermenêutico, toda a operação de (re)leitura e de interpretação. Por isso, ao longo desta década o FESTEIA esforçou-se para que cada espectador fosse também um leitor e, pela mesma razão, o texto original, que ainda não é teatro, mas onde está latente a experiência performativa, foi vertido para português e publicado em livro de bolso, servindo também de bilhete em todas as produções apresentadas.

Além da sensibilização para as artes performativas e para a leitura, a organização dos Festivais procurou também que os espectadores se sentissem motivados a visitar locais com interesse arqueológico. Para isso, em vez da tradicional representação em espaço fechado, foi privilegiado o enquadramento cénico ao ar livre, que levou à valorização do património arquitectónico nacional, reforçando assim não apenas o carácter único da performance, bem como a natureza itinerante e descentralizada desta iniciativa cultural. É por este conjunto de valências, cuja concretização dependeu do contributo de centenas de pessoas, que as actividades do FESTEIA se traduziram, nesta dezena de anos, num poderoso meio de divulgação da cultura greco-latina e sua

perenidade, bem como numa expressão particularmente elucidativa da articulação entre investigação avançada, inovação pedagógica, transferência de saberes e divulgação da cultura científica.

Aos artistas, aos mecenas e aos espectadores que tornaram possível a confluência, num mesmo projecto, de cinquenta mil sonhos – o nosso muito obrigado.

O Presidente da Direcção do FESTEIA,
Delfim Ferreira Leão

Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico



dez anos de actividade

ENCONTROS DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO CONIMBRIGA – AEMINIVM – SELLIVM

22 de Maio de 1999, 19.00 horas, Conimbriga
Dido e Eneias de H. Purcell, grupo Canto e Drama, Conservatório de Música de Coimbra

26 de Junho de 1999, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
Samia de Menandro, grupo Hélios de Madrid

27 de Junho de 1999, 18.00 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC

18 de Julho de 1999, 18.00 horas, Conimbriga
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC

22 de Julho de 1999, 18.00 horas, Conimbriga
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC

24 e 25 de Julho de 1999, 21.30 horas, Conimbriga
Os Persas de Ésquilo, grupo A Escola da Noite de Coimbra

31 de Julho de 1999, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

1 de Agosto de 1999, 21.30 horas, Tomar
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC

8 de Agosto de 1999, 21.30 horas, Tomar
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

22 de Agosto de 1999, 18.00 horas, Conimbriga
Viriato de João Aguiar, grupo Fatias de Cá de Tomar

4 de Setembro de 1999, 18.00 horas, Conimbriga
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

5 de Setembro de 1999, 18.00 horas, Conimbriga
Viriato de João Aguiar, grupo Fatias de Cá de Tomar

18 de Setembro de 1999, 18.00 horas, Conimbriga
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

19 de Setembro de 1999, 18.00 horas, Conimbriga
Viriato de João Aguiar, grupo Fatias de Cá de Tomar

30 de Setembro de 1999, 21.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

ENCONTROS DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

CONIMBRIGA - AEMINIUM - SELLIUM

Maio a Outubro de 1999

DIDO & AENEAS de H. Purcell - Conservatório de Música de Coimbra
Conimbriga, 22 de Maio às 19 horas

SAMIA de Menandro - Grupo Selene de Madrid
Pátio da Universidade, 26 de Junho às 21:30 horas
Conimbriga, 27 de Junho às 18 horas

O EPIDICO de Plauto - Grupo Thiasos de Coimbra
Conimbriga, 18 de Julho às 18 horas
Museu Machado de Castro, 22 de Julho às 21:30 horas
Cidade de Tomar, 1 de Agosto

OS PERSAS de Ésquilo - Grupo A Escola da Noite de Coimbra
Conimbriga, 24 e 25 de Julho às 18 horas

MITOS CLÁSSICOS NA POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA
- Grupo Teatro Clássico de Conimbriga
Pátio da Universidade, 31 de Julho às 21:30 horas
Cidade de Tomar, 8 de Agosto
Conimbriga, 4 e 18 de Setembro às 18 horas
Museu Machado de Castro, 30 de Setembro às 21:30 horas

VIRIATO de J. Aguiar - Grupo Fatias de Cá de Tomar
Conimbriga, 22 de Agosto; 5 e 19 de Setembro às 18 horas



1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

***Dido & Eneias* de H. Purcell**
Grupo Canto e Drama
Conservatório de Música de Coimbra

Direcção e orientação artística

Isabel Melo e Silva

Direcção do coro

Isilda Margarida

Acompanhamento ao piano

Júlio Dias

Concepção e execução de figurinos

Ruy Malheiro

Assistência de figurinos

Catarina Braga, Mariana Abrunheiro

Produção / Grafismo / Programa

Mariana Abrunheiro, Catarina Braga

Elenco

Lara Martins (Dido)

João de Morais Fernandes (Eneias)

Maria do Castelo Gouveia (Belinda)

Ana Carina Reis (Segunda Mulher)

Catarina Braga (Feiticeira)

Ana Sofia Domingues, Mariana Abrunheiro
(Bruxas)

Mariana Abrunheira (Espírito)

Sopranos

Ana Carina Reis, Catarina Braga,

Maria do Castelo, Mónica Baptista,

Sara Martins, Sandra Lopes

Contraltos

Ana Isabel Mendes, Ana Sofia Domingues,
Carlos Manuel Pocinho, Catarina Sereno,
Raul Campos, Maria Dulce Freitas, Mariana
Abrunheiro, Raquel Luís

Tenores

Eduardo Alves, Henrique Guerra,
Humberto Teixeira, João de Morais Fernandes,
Moisés Fonseca, Nuno Correia,
Paulo Alexandre Fernandes, Rui Costeira

Baixos

João Lopes, Isa Freitas, Mário Miguel Morais,
Nuno Miguel Araújo, Rui Pedro Cruz

Dido e Eneias foi composta por Henry Purcell, com libreto de Nahum Tate, a partir de um episódio da *Eneida*, de Virgílio. A ópera divide-se em três actos, sendo o segundo formado por duas cenas. É considerada, por uma grande parte de historiadores musicais, a primeira ópera inglesa, havendo, no entanto, a teoria sustentada por alguns musicólogos, de que se trata de uma “masque” (semi-ópera, subgénero semi-operístico), infinitamente mais desenvolvida e inspirada do que as habituais, sendo única dentro do panorama operístico internacional. De facto, existe apenas uma composição semelhante, *Vénus e Adónis*, de John Blow, em cujo modelo Purcell se pôde basear. *Dido e Eneias* é um caso isolado na produção de Purcell, uma vez que, em 1690 (um ano depois da estreia no Colégio Interno para raparigas de Josias Prest, Londres), começou a colaborar com os teatros públicos londrinos, escrevendo semi-óperas (“masques”) no seu sentido mais ou menos tradicional e afastando-se definitivamente da ópera.

Dido, rainha de Cartago, mostra-se relutante em declarar o seu amor ao Príncipe Eneias, um fugitivo da destruição de Tróia. A sua irmã Belinda e a sua corte incentivam-na a avançar e, quando Eneias apresenta um pedido de casamento, Dido aceita, para regozijo de todos. No entanto, bruxas malévolas planeiam a desordem, levantam uma tempestade e enviam a Eneias um duende disfarçado de Mercúrio, relembrando-o de que deve seguir o seu caminho até Itália. Para grande satisfação das bruxas, Eneias segue o conselho e deixa Cartago. Desolada pela traição de Eneias, Dido despede-se da vida.

Adaptado do Programa

Ópera em ambiente romano

O ambiente romano do pátio interior do Museu de Conímbriga foi o palco ideal, no sábado, para o grupo "O Canto e o Drama", do Conservatório de Música de Coimbra, fazer a sua estreia na ópera

Obra "Dido & Eneias", de Henry Purcell, baseada no

poema épico "Eneida", que Vergílio escreveu a pedido do imperador Augusto, encaixa perfeitamente no local, pois retrata uma época e um local que não deverão ser muito diferentes da antiga cidade de Conímbriga.

A epopeia retrata a história do jovem romano Eneias, que regressava a Roma após a tomada de Tróia. Uma violenta tempestade dispersa a frota romana tendo o barco do herói de Vergílio ido parar

ao norte de África, junto de Cartago. Ai, depois de cair de amores pela rainha Dido, a história prossegue até chegar à região do Lácio, onde formou uma colónia romana.

Ópera que se preze tem um final dramático. Esta não foge à regra, pois Eneias e Dido morrem de forma trágica.

Nove estudantes do conservatório, dirigidos por Isabel Melo e Silva, protagonizaram esta ópera, apoiados por um pequeno coro.

Os figurinos ficaram a cargo de Ruy Malheiro. Pormenor curioso foi o acompanhamento musical, pois no lugar da habitual orquestra apenas se fez ouvir o piano de Júlio Dias.

A representação de sábado marcou o início do programa "Encontros de Teatro Clássico", que dura até Outubro.

José Carlos Salgueiro

(texto e fotos)



A rainha de Cartago, Dido, frente ao coro



Eneias encontra Dido após uma tempestade o ter empurrado para Cartago

Diário de Coimbra
(24 de Maio de 1999)
Texto e fotos de
José Carlos Salgueiro



Samia (A rapariga de Samos)
de Menandro
Grupo Hélios de Madrid

Tradução

José Luis Navarro

Encenação

José Luis Navarro, Gemma López

Coreografia

Ioannis Fousianis

Figurinos

Gemma López Martínez

Confeção do vestuário

La Soleá

Decoração e adereços

Jesús López Salinero

Iluminação e som

Carlos Guitart

Fotografia

Ángel Martínez

Elenco

Miguel Ángel Navarro, Javier García,
Antonia Paso (Démea)

Javier Valverde (Mósquion)
Laura Chica,

Maria del Mar Monserrate (Crísida)

Javier Torrijos (Parmenão)

Rafael Esteban (Nicérato)

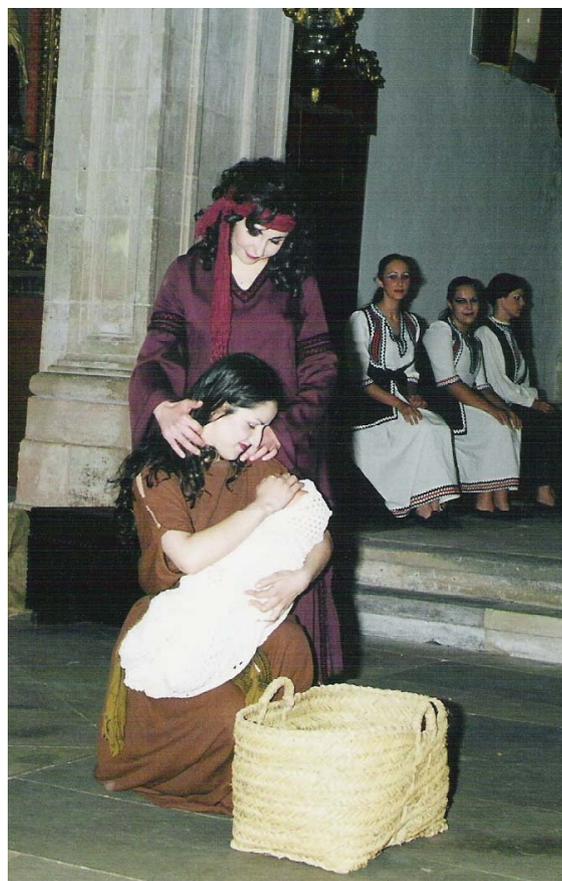
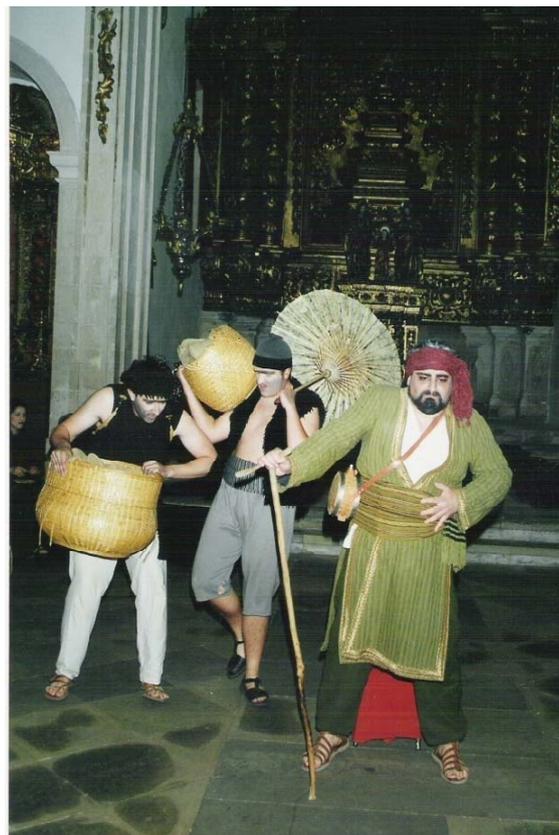
Abraham Company (Cozinheiro)

Ruth Rubio (Plângon)

Óscar García, Carlos Guitart
(Escravos de Démea)

Coro

Cristina Palomo (Corifeu), Amparo Torres,
Cayetana Paso, Javier Torrijos, Ana García,
Ruth Rubio, Cristina Sánchez, Héctor Bolanos



A história passa-se em Atenas, nos finais do séc. IV a.C. No cenário avistamos o interior de duas casas: uma humilde, pertence a Nicérato; a outra, mais brilhante e decorada, é propriedade de Démea. São ambos amigos e no início da comédia encontram-se a passar férias no Ponto. A sua entrada em cena constitui um dos momentos mais cómicos do espectáculo, com os “recuerdos” e o cansaço bem visível dos turistas, as queixas dos escravos e as exigências do velho rico, que até tem direito a um banho de pés que fica a meio. Na sua ausência, o filho adoptivo de Démea, Mósquion, engravidou Plângon, filha legítima de Nicérato. Para evitarem a ira dos pais, os jovens entregam a criança a Crísida, a mulher de Samos, por quem

Démea morre de amores e com quem vive. Esta situação gera grandes confusões, primeiro na casa de Démea, depois na de Nicérato, mas, no final, tudo se resolve, e a peça termina com um faustoso banquete e uma belíssima festa de casamento.

Luísa de Nazaré Ferreira
in *Humanitas* 51 (1999) 381-382.



Samia de Menandro
Museu Nacional
Machado de Castro
Fotos de José Batista

Epídico de Plauto

Grupo Thíasos do IEC

Tradução

Walter S. Medeiros

Encenação

Paulo Sérgio Ferreira

Guarda-roupa

Luísa de Nazaré Ferreira,
Catarina Ferreira, Maria Manuela Silva

Contra-regra

Alessandra Oliveira

Luz

Pedro Santos, Ilídio Cadime

Som

Nuno Caldeira, José Luís Coelho,
Paulo Mota Gaspar, Paulo Sérgio Ferreira,

Nuno Gertrudes

Maquilhagem

Alexandra Santos, Patrícia Nunes

Elenco

Rui Henriques (Epídico)

Bento Silva (Tesprião)

Paulo Mota Gaspar (Estratípocles)

José Luís Coelho (Queribulo)

Delfim Ferreira Leão (Apécides)

José Luís Brandão (Perifanes)

Patrícia Nunes (Lirista anónima)

Nuno Gertrudes (Soldado fanfarrão)

Patrícia Santos (Filipa)

Alexandra Santos (Acropolístis)

Nuno Filipe José (Onzeneiro)

Mariana Matias (Teléstis)

Paulo Sérgio Ferreira

(Director da Companhia)

Bruno Lourenço (Escravo do Soldado)

Carla Brás (Cântara, escrava de Perifanes)

Encontros de Teatro Clássico prosseguem com "Epídico"

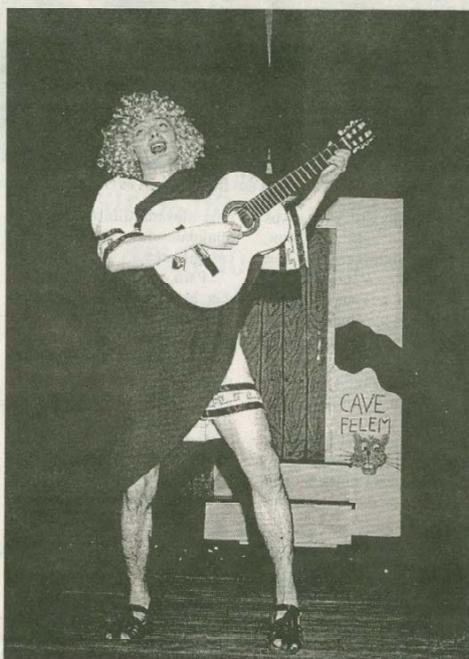
¶ L. P.

"Epídico" de Plauto é o espectáculo que prossegue amanhã e, depois, dia 22 e 1 de Agosto, o programa dos Encontros de Teatro de Tema Clássico com apresentações em Coimbra, no Museu Machado de Castro e em Tomar. No final do mês, o Grupo de Teatro Clássico de Coimbra apresenta, em estreia, no Pátio da Universidade, o espectáculo "Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea".

Embora já antes tivesse apresentado outras peças, nomeadamente "O Soldado Fanfarrão", de Plauto, "As Mulheres no Parlamento", de Aristófanes, de que resultou um vídeo, e "O Auto da Alma", de Gil Vicente, o Thíasos - Grupo de Teatro do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra apresentou-se a um público mais vasto com o "Epídico" em Abril de 1999.

Característica fundamental do grupo, é a de aplicar a teoria que se pesquisa no Instituto de Estudos Clássicos, que o integra e financia "para já", enquanto procura outros e novos apoios e termina os estatutos.

Quanto a "Epídico", as 15 personagens criadas por Plauto vão estar em cena a dar corpo e voz a um enredo complexo que, de acordo, com uma nota



¶ "Epídico" é o espectáculo que marca encontro com o teatro clássico

da produção começa assim: antes de partir para a guerra, dera Estratípocles ao seu escravo Epídico a incumbência de adquirir a lirista e cortesã Acropolístis, também cobiçada por

um soldado de Rodas. Mas pior do que isso foi deixar também ao escravo a responsabilidade de conseguir a quantia necessária. A vítima foi Perifanes, o próprio pai de Estratípocles,

que, lembrado de uns amores de juventude, começa a sentir remorsos do abandono da filha, fruto desses amores. E logo Epídico inventa tê-la encontrado, o que leva o velho a desembolsar as trinta minas necessárias à transacção. Assim, como filha, passa Acropolístis a viver em casa de Perifanes (...)

O que depois se segue faz o Thíasos considerar "que a indiferença, passados 22 séculos sobre a composição de Epídico, seria o maior atentado à memória de Plauto".

Com tradução de Walter de Sousa Medeiros e encenação de Sérgio Ferreira, guarda-roupa de Luísa de Nazaré Ferreira com a colaboração de Catarina Ferreira e Maria Manuela Silva, luz de Pedro Santos e Ilídio Cadime, som de Nuno Caldeira, José Luís Coelho, Paulo Mota, Sérgio Ferreira e Nuno Gertrudes, cenário conjunto da equipa de actores, técnica e de Alexandrina Lourenço e maquilhagem de Alexandra Santos e Patrícia Nunes.

A apresentar amanhã, às 18H00, no forum das ruínas romanas de Coimbra (local normalmente vedado à entrada de público, o que traz um interesse suplementar à apresentação), "Epídico" volta à cena no dia 22, quinta-feira, no Museu Machado de Castro, e dia 1 de Agosto na cidade de Tomar. ▲

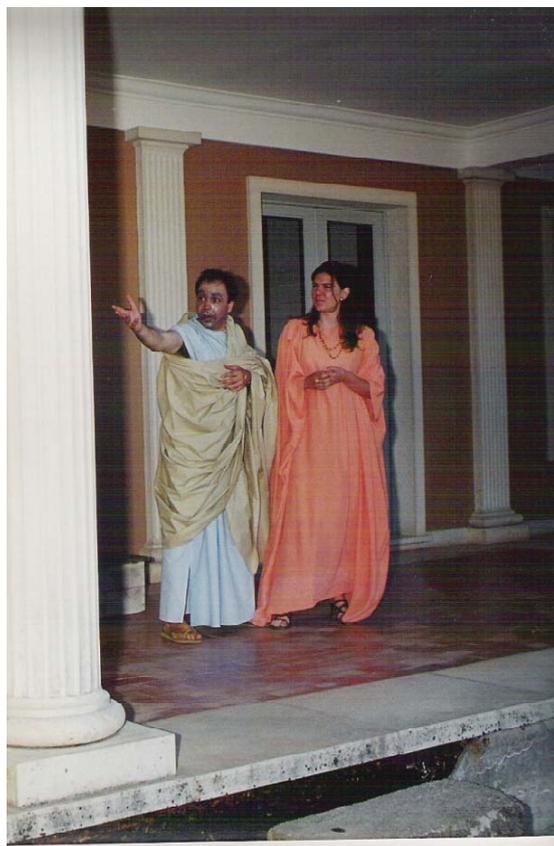
Diário As Beiras
(17 de Julho de 1999)



Estratípocles vai para a guerra e encomenda ao seu escravo Epídico a aquisição da amante, Acropolístis. Para conseguir tal objectivo, Epídico tem de recorrer a um expediente, porque o seu amo não lhe deixa nem meia moeda para a transacção. Convence então Perífanos, o pai do rapaz, a acolher em sua casa a jovem, dizendo-lhe que se trata da filha de um antigo amor dele... Entretanto, em Tebas, Estratípocles apaixona-se por uma cativa e endivida-se para a adquirir... Acropolístis já não lhe interessa. É esta a situação com que Epídico se defronta no próprio dia do regresso do jovem.

Começa assim esta deliciosa peça, de uma elegante e elaborada comicidade, que não recorre a processos de riso farsesco, antes assinala um momento de calculada sobriedade. O *Epídico* é uma comédia que o próprio Plauto – habituado a extrair do riso do público o sustento e a razão de ser da sua glória – amava tanto como a si mesmo.

Walter S. Medeiros



Epídico de Plauto
Museu Monográfico de
Conimbriga
Fotos de José Batista

***Os Persas* de Ésquilo**

A Escola da Noite

Tradução

Manuel de Oliveira Pulquério

Encenação e coreografia

Pierre Voltz

Adaptação dos coros

Mário Jorge Bonito

Figurinos

Rachid Dradar

Música

Lakis Karalis

Luzes

Mário Montenegro

Elenco

Mário Montenegro (Corifeu)

Sílvia Brito (Atossa)

António Jorge (Mensageiro)

Isabel Leitão (Dario)

Sofia Lobo (Xerxes)

Coro

Alexandre Ventura, João Saboga,

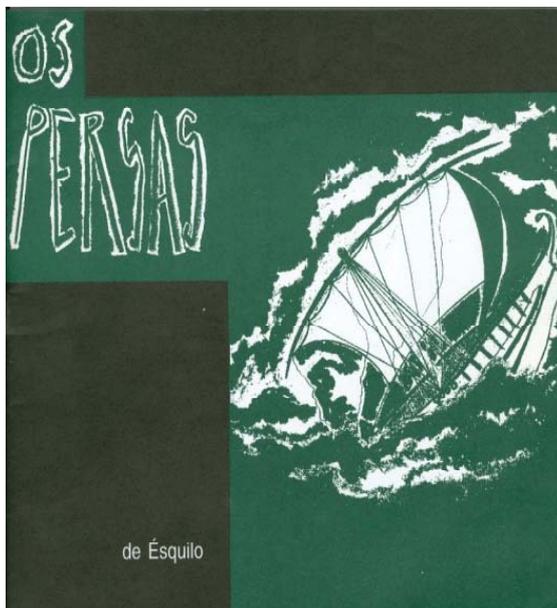
Margarida Dias, Maria Simões, Pedro Laranjo,

Raul Rosário, Ricardo Silva,

Ruy Malheiro

Aias

Elsa Rajado, Patrícia Simões



Levar à cena uma tragédia com a grandiosidade temática que têm *Os Persas*, ainda para mais sendo uma produção daquele que já entre os Antigos foi considerado o mais solene dos tragediógrafos e que é, simultaneamente, o primeiro exemplar do género chegado até nós praticamente inteiro, afigura-se-nos um projecto estimulante, mas, sem dúvida, arrojado. O teatro português não goza, ainda, de uma tradição de drama clássico suficientemente enraizada, de modo a facilitar a tarefa aos actores e encenadores que enveredem por caminhos desta natureza. Pelo que nos parecem bastante frutíferos os contactos ou colaborações que surjam com especialistas de países já com longa experiência na área. A participação de um grego neste espectáculo da Escola da Noite foi, sem dúvida, um trunfo bem aproveitado. Lakis Karalis, habituado a montar na Grécia a tragédia nas versões em grego antigo, cantadas sobre músicas bizantinas, nutriu o espectáculo dos seus tons, se não originais, pelo menos pátrios. Ensinados por ele, os actores intercalaram as partes líricas do coro, com o discurso da tradução portuguesa da autoria do Professor M. Oliveira Pulquério tiradas em idioma heleno. A emoção que geralmente transpira das intervenções corais viu-se, assim, largamente ampliada. Subrepticiamente acentuava-se, aos ouvidos de um público estrangeiro, um dos filões temáticos essenciais na peça: o exotismo do Bárbaro. Numa peça cuja história representada decorre em Susa, capital da Pérsia, de onde são naturais todas as personagens, espera-se que os figurinos e o desempenho cénico dos actores seja condizente com a cultura oriental. Louve-se, neste ponto, uma vez mais a sensatez do encenador, Pierre Voltz, que confessa no programa do espectáculo que, embora não pretenda retratar os Persas antigos, quis preservar o ambiente oriental da tragédia. Para tal contou com o apoio de Rachid Dradar, de origem marroquina, para a execução dos trajes. As túnicas do coro de Anciãos, de onde se destacava o corte mais solene do traje do Corifeu, e as cores fortes do vestido e turbante da rainha Atossa conferem ao quadro

a tranquilidade hierática dos tons claros (bege e rosa pálido), raiada pelo fogo e vigor dos vermelhos, laranjas e castanhos.

Uma palavra de destaque cabe a algumas soluções cénicas interessantes: a disposição do público em anfiteatro à direita e esquerda do “palco” – situado ao nível térreo – bem como a ocupação de alguns lugares da primeira fila de ambos os lados por coreutas permitiu recriar a impressão de uma verdadeira assembleia da corte persa, que o espectador integra naturalmente; em um dos topos da sala foi colocado um estrado com vários níveis, local privilegiado para as movimentações dos soberanos da corte, Atossa e Xerxes, acompanhados de alguns serviçais; no outro, resguardada por um jogo de luzes mais tenebrosas, erguia-se uma tenda de forma estranha e incomodativa, cuja função acaba por ser revelada, quando, do seu interior, surge a surpreendente aparição do fantasma de Dario (cujo rosto pintado de branco e as vestes roxas enquadram a lividez e as ténebras próprias dos espectros do Além).

Numa peça em que o Coro tem um papel constante e serve de factor de coesão a todo o drama, era necessário apostar num desempenho nobre e convincente dos actores que vestiam a sua pele. Essa foi, definitivamente, uma aposta ganha. Assim como ao Mensageiro, intérprete da longa *rhexis* em que se dá conta da derrota do Bárbaro em Salamina, era exigida uma capacidade de envolvimento do público com o narrado tanto mais aguda quanto os quadros descritos eram todos de natureza extracénica. Apenas as figuras de Atossa, com os seus retoques maneiristas, e de Xerxes, de uma debilidade um tanto efeminada, nos pareceram fugir um pouco ao espírito da tragédia esquiliana.

Não obstante os pequenos “efeitos de estranhamento” de casos pontuais, plenamente justificáveis pelo carácter subjectivo de toda a obra de arte, a encenação de *Os Persas* pela Escola da Noite fez jus ao mérito que desde a Antiguidade lhe tem sido reconhecido.

Carmen Leal Soares,
in *Boletim de Estudos Clássicos* 31
(Junho de 1999) 170-173.



Fotografia de ensaio
de Augusto Baptista

***Mitos Clássicos na Poesia
Portuguesa Contemporânea***
Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

Antologia

José Ribeiro Ferreira

Encenação e dramaturgia

José Geraldo

Figurinos e assistência de encenação

Joaquim Magalhães

Luzes e direcção técnica

José Geraldo, Rui Raposo

Som

José Geraldo

Consultores científicos

Adília Alarcão, José Ribeiro Ferreira

Intérpretes

Helena Faria, Rosário Romão,

Victor Torres

Este espectáculo, encenado e dirigido por José Geraldo, teve como consultores científicos Adília Alarcão e José Ribeiro Ferreira, e apoia-se na selecção de textos de numerosos poetas contemporâneos efectuada por este professor. A assistência, numerosa e atenta, ouviu as palavras de autores tão diversos como António José Queirós, António Mega Ferreira, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, Fernando Guimarães, Fiamma Hasse Pais Brandão, Helder Macedo, Herberto Helder, João Maia, João Miguel Fernandes Jorge, José António Almeida, José Augusto Seabra, José Gomes Ferreira, Manuel Alegre, Manuel Pulquério, Miguel Torga, Natália Correia, Pedro Tâmen, Sebastião da Gama, Sophia de

Mello Breyner Andresen, Teresa Balté, Vasco Graça Moura e Vasco Miranda.

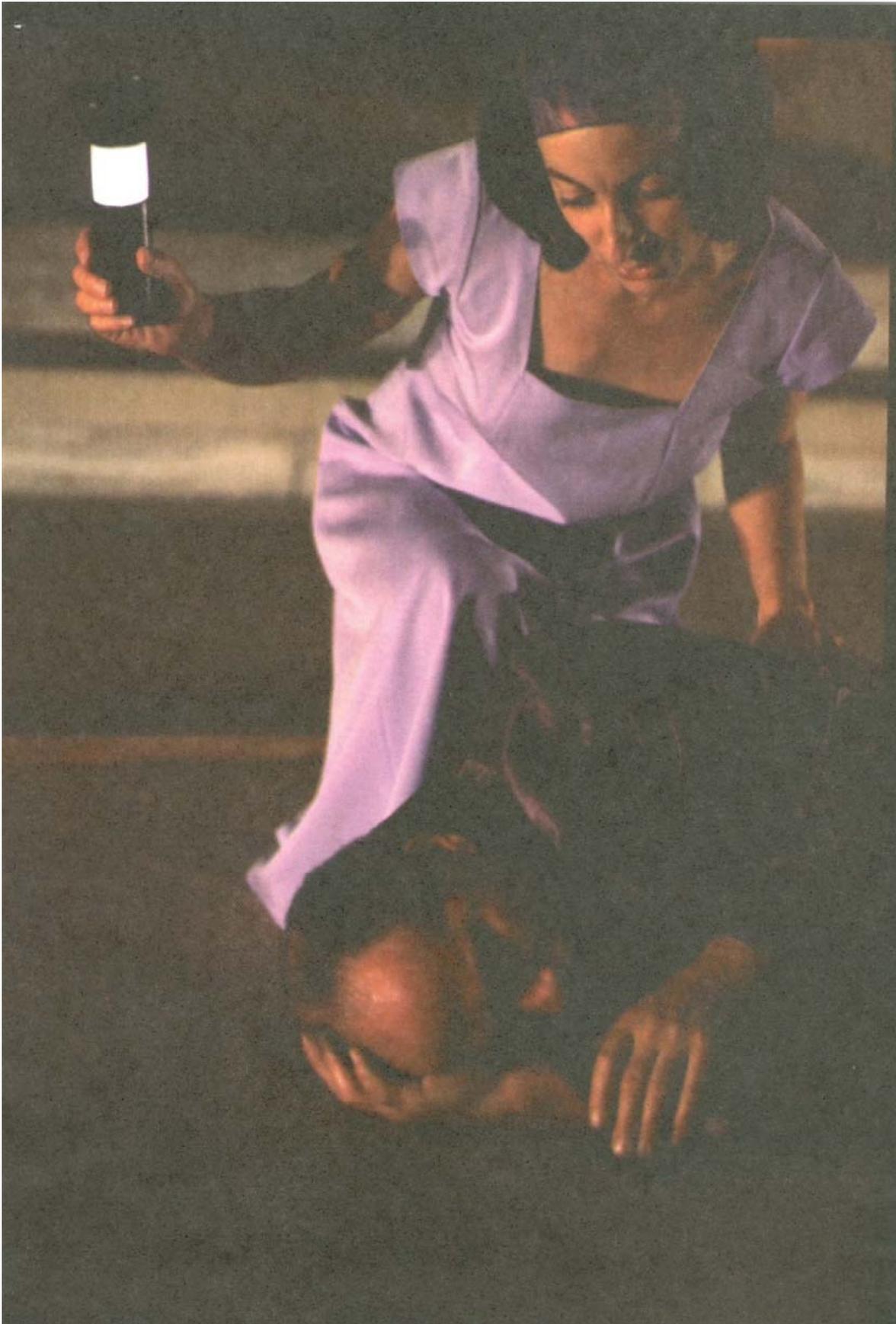
Com recursos cénicos mínimos, mas aproveitando de forma excelente a escadaria da Via Latina do Pátio da Universidade, o Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga construiu um espectáculo de grande qualidade e beleza que vive, em grande parte, para além dos méritos da encenação, da interpretação notável de três actores – porque, como explica o encenador, três era o número de actores no teatro clássico – que aceitaram a tarefa de dramatizar textos de poetas portugueses contemporâneos, consagrados a cinco célebres mitos gregos: Apolo, Ulisses, Labirinto e Minotauro, Orfeu e Diónisos. “A representação procura ser estilizada, não naturalista ou realista, mas poética, simbólica na intenção de captar a essência da palavra.” – escreve José Geraldo nas suas “notas de encenação”.

Este espectáculo é, assim, constituído por cinco partes de duração variável, anunciadas por uma voz-off que explicava, em traços gerais, os dados mais importantes de cada mito, e separadas entre si pela introdução de pequenas alterações no cenário e pela mudança de roupa. Um dos elementos-chave desta dramatização é, portanto, o vestuário vistoso e sugestivo, concebido por Joaquim Magalhães e Isilda Ferreira. Outro elemento essencial é a música e porque um dos objectivos deste trabalho é oferecer uma leitura actual do mundo antigo, os fragmentos de música utilizados pertencem intencionalmente a compositores da segunda metade do século XX: Glen Velez, Harry Partch, Henry Cowell, Iannis Xenakis, Lou Harrison, Mark Anthony Turnage, Igor Stravinsky, Carl Orff e The Grief.

Luísa de Nazaré Ferreira,
in *Humanitas* 51 (1999) 383-384.



*Mitos Clássicos na
Poesia Portuguesa
Contemporânea*
Fotos de Susana
Paiva



Viriato de João Aguiar Grupo Fatias de Cá de Tomar

Encenação
Carlos Carvalheiro

A acção da peça decorre no ano de 147 a.C., quando os Romanos de novo investiam contra guerreiros lusitanos, chefiados por Viriato, no que parecia ser simplesmente mais uma campanha contra os resistentes da Ibéria. Uma surpresa lhes estava, no entanto, reservada. Até ser assassinado em 139 a.C., Viriato desenvolveu, com clarividência política e militar, um processo de resistência incansável contra o poderio romano, em que radicam características profundas da identidade ibérica.

Formado por um misto de amadores e profissionais, o grupo de teatro Fatias de Cá vem desenvolvendo, desde 1979, uma enérgica actividade dramática na sua cidade de origem, Tomar. Com esta adaptação do texto de João Aguiar, ensaiou-se uma encenação original que teve, no espectáculo de estreia, por pano de fundo o Castelo de Almourol, um espaço que, com o enquadramento da serra de Sicó, tinha todo o poder sugestivo da paisagem agreste de um campo de batalha. A hora a que decorreu o espectáculo permitiu também que ele começasse com sol, que entretanto se vai pondo para dar lugar à lua e permitir efeitos especiais à luz dos archotes. A presença dos cavalos acrescenta um último retoque a um ambiente que se pretende sugestivo das cavas onde o guerreiro organizou a sua resistência. O espectáculo resulta da articulação entre o texto de João Aguiar, lido em voz off, e todo um movimento cénico em que

se impõem os jogos marciais, desfiles militares, conselhos de guerra, além dos ritos matrimoniais de Viriato. Para melhor envolver o público, um intervalo permitiu que os espectadores pudessem participar da boda e saborear uma ementa constituída por pão, água, carne assada e frutas. Na segunda parte, representada já com noite profunda, multiplicam-se as batalhas e desenvolve-se uma rede de traições que levam à morte de Viriato. Toda esta espectacularidade e envolvimento da cena, o espaço natural, de um elenco que mobilizou mais de 50 actores em palco e do público, que não faltou, foram as grandes virtudes desta proposta teatral.

José Ribeiro Ferreira,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico no
Portugal Contemporâneo I* (Coimbra 1998)
140-141.



CONIMBRIGA

DOMINGOS

22 de Agosto
a
19 de Setembro
19 horas

TEATRO

VIRIATO

João Aguiar



ESTREIA
CASTELO DE
ALMOUROL
13 de Agosto
20 horas

Inclui banquete
do casamento de Viriato

Produção: Fatias de Cá - Barquinha

I FESTIVAL ESCOLAR DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

2 de Maio de 2000, 11.00 horas, Conimbriga
Samia de Menandro, grupo Hélios de Madrid

2 de Maio de 2000, 15.30 horas, Conimbriga
Andrómaca de Eurípides, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

3 de Maio de 2000, 11.00 horas, Conimbriga
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

3 de Maio de 2000, 15.30 horas, Conimbriga
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

4 de Maio de 2000, 11.00 horas, Conimbriga
Gorgulho de Plauto, grupo Balbo do IES
de Puerto de Santa María (Cádiz)

4 de Maio de 2000, 15.30 horas, Conimbriga
As Troianas de Eurípides pelo grupo Balbo do IES
de Puerto de Santa María (Cádiz)

5 de Maio de 2000, 11.00 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

5 de Maio de 2000, 15.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

5 de Maio de 2000, 11.00 horas, Conimbriga
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC

5 de Maio de 2000, 15.30 horas, Conimbriga
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC



II ENCONTROS DE VERÃO DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

4 de Junho de 2000, 16.00 horas, Conimbriga
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Fatias de Cá de Tomar

24 de Junho de 2000, 16.30 horas, Conimbriga
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC

24 de Junho de 2000, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
Andrómaca de Eurípidés, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

25 de Junho de 2000, 18.00 horas, Museu Grão-Vasco (Viseu)
Andrómaca de Eurípidés, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

1 de Julho de 2000, 21.30 horas, Praça 8 de Maio (Coimbra)
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC

2 de Julho de 2000, 16.00 horas, Conimbriga
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Fatias de Cá de Tomar

2 de Julho de 2000, 21.30 horas, Museu Grão-Vasco (Viseu)
Epídico de Plauto, grupo Thíasos do IEC

6 de Julho de 2000, 21.00 horas, Museu Nacional Machado de Castro
As Troianas de Eurípidés, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

7 de Julho de 2000, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
As Troianas de Eurípidés, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

8 de Julho de 2000, 21.30 horas, Conimbriga
Gorgulho de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

9 de Julho de 2000, 21.00 horas, Termas Romanas de Braga
Gorgulho de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

11 de Julho de 2000, 16.30 horas, Conimbriga
Soldado Fanfarrão de Plauto, grupo de Teatro da Escola Secundária de Cantanhede

6 de Agosto de 2000, 16.00 horas, Conimbriga
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Fatias de Cá de Tomar

3 de Setembro de 2000, 16.00 horas, Conimbriga
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Fatias de Cá de Tomar

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

Andrómaca de Eurípides

Grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

Tradução

José Luis Navarro

Encenação

José Luis Navarro, Gemma López

Coreografia e figurinos

Gemma López

Luzes e som

Carlos Guitart

Alvaro Bibiano

Maquilhagem

Mireya Alirangues

Helena del Río

Elenco

Amparo Torres (Andrómaca)

Laura Chica (Hermíone)

Javier Valverde (Peleu)

Miguel Angel Navarro, Javier García Penas
(Menelau)

Javier Torrijos (Orestes)

Veronica Benito (Tétis)

Alexandra Córdoba, Susana Critóbal
(Astíanax)

Cristina Sánchez (Mensajeiro)

Sara Andrés (Ana)

Hector Bolanos (Soldado)

Mónica Casal, Andrea Cristóbal (Criados)

Iolanda Machío (Helena)

Fátima Mohamed (Primeira Serva)

Raquel Pino (Segunda Serva)

Marta Pérez Benito (Corifeu)

Semicoro A

Cintia Medina, Estefania Pérez,

Sara Dablanca, Ruth Rubio,

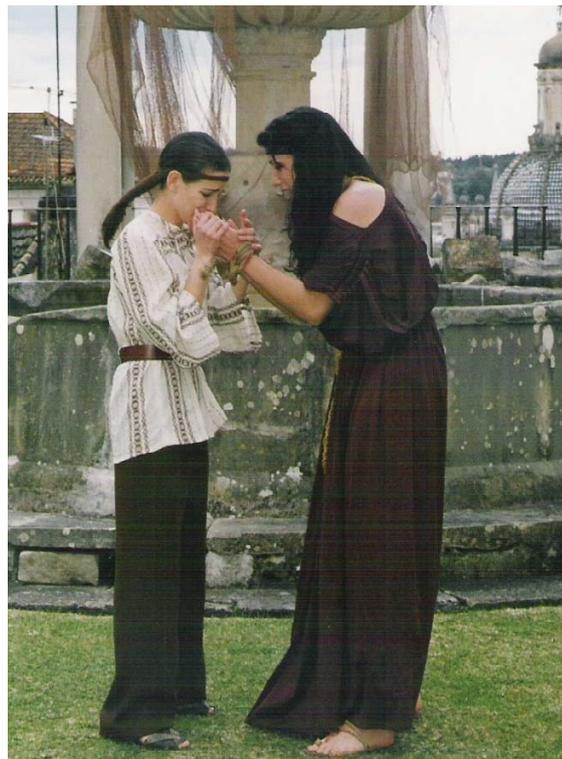
Ester Diaz, Noelia Mera

Semicoro B

Maria Méllen, Beatriz deI Castillo, Beatriz
Magán, Laura Pascual, Laura López, Alejandra
López-Moriarty

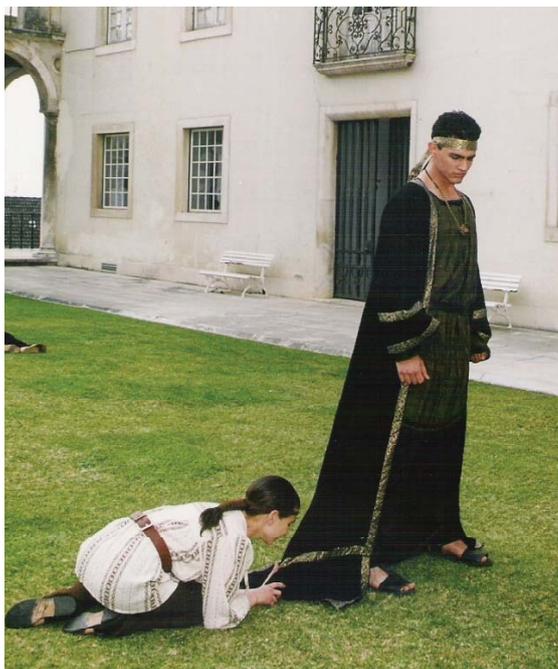
Por ocasião do I Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC), decorrido entre os dias 4 e 6 de Junho de 1998 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a Companhia de Teatro Grego Clássico “Selene” do Instituto de Bachillerato Carlos III de Madrid trouxe ao nosso país a representação de uma das tragédias euripidianas menos representadas na actualidade, a *Andrómaca*. A relativa pouca difusão da obra nos palcos modernos, cronologicamente tão distantes da data da sua aparição em Atenas no ano de 425 a.C., acabou por resultar num incentivo para a produção do grupo madrilenho e num atractivo para o público, muito em especial o conhecedor do legado do drama grego antigo. A avaliação correcta dos factores determinantes do sucesso de um desafio desta natureza passa por uma breve análise do percurso diacrónico desta companhia académica.

De facto o motor principal dos projectos teatrais do Selene reside na inserção dos mesmos no programa curricular da disciplina de Grego oferecida aos alunos do Instituto de Bachillerato Carlos III.



Andrómaca de Eurípides
Museu Nacional
Machado de Castro
Fotos de José Batista

Fundado em 1981 pelo catedrático da cadeira, Prof. José Luis Navarro, o grupo contava, em 1999, ao ritmo de uma produção por ano, com dezanove representações de textos gregos, onde, conforme seria de esperar, predominam as tragédias e comédias. O espectáculo trazido a Coimbra serviu para reforçar a ideia de que os bons resultados de um trabalho se devem à articulação entre teoria e prática.



Aos conhecimentos filológicos e literários inerentes ao ramo de saber em que investiga, José Luis Navarro alia uma formação pessoal na área das técnicas do drama antigo. No caso particular da *Andrómaca*, o vestuário foi desenhado a partir de um levantamento feito, consoante tem o cuidado de esclarecer no folheto do programa do espectáculo, “única e exclusivamente” na Grécia. Aproveitamos para destacar alguns dos aspectos que nos parecem mais relevantes do elevado nível conseguido por actores, não é demais lembrá-lo, amadores e ainda bastante jovens. O trabalho das vozes reflectiu a sobriedade exigida ao texto trágico e a coreografia revelou a vantagem de veicular a emotividade contida nas intervenções corais. Numa peça em que – ao contrário de outras como as esquilianas *Persas* e *Euménides* ou

as euripidianas *Suplicantes* e *As Troianas* – a relação do coro com o progresso da intriga é algo débil, o desenho da sua actuação em cena exige cuidados especiais, de modo a evitar a transformação da sua presença num adereço supérfluo. As danças geométricas das coreutas, desenhando círculos, semicírculos, cruzes em forma de aspas ou simples linhas rectas, surtiram um agradável efeito de harmonia. Mas é sobretudo no final da tragédia, quando o corpo de Neoptólemo é trazido para o palácio da Ftia, que a pujança emocional da presença das mulheres tessalas vestidas de negro atinge o clímax. Em marcha lenta, o cortejo fúnebre acompanha o príncipe jazente fazendo estalar a compasso duas correias que traz seguras nas duas extremidades. O local escolhido para a representação, a Igreja de S. João de Almedina no Museu Nacional Machado de Castro, proporcionou a acústica perfeita e contribuiu em muito para a comoção dos espectadores.

Carmen Leal Soares,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro de Tema Clássico no
Portugal Contemporâneo II*
(Coimbra 2001) 93-94.

O Gorgulho de Plauto

Grupo Balbo do IES Santo Domingo de
Puerto de Santa María (Cádiz)

Encenação

Emílio Flor Jiménez

Música

Raquel Zurdo

Vestuário

Javier Palacios

Coreografia

Raquel Zurdo

Percussão

Esteban Fernández Pedes

Elenco

Javier Palacios Camacho (Gorgulho)

Adrián Varo García, Miguel Astorga Hermida
(Fédromo)

Sergio Suárez López (Palinuro)

Elisa Marín Amor (Lena)

Nerea Miranda Ramírez (Planésio)

Rafael Franco Molina (Cápadox)

Victoria Viñas Cardona (Cozinheiro)

Ángel Fernández Gálvez (Licão)

Julia Monje Serrano (Terapontígono)

Cortesãs

Luisa Pinto Teyz, Patricia Buller, Irene Rodi-
cio Cemadas, Raquel Zurdo, Charo Roselló
Macías, Rosa Díaz Cores, Fadoua Lazaghoui,
Elisa Marin Amor

Mimos

Victoria Viñas Cardona, Daniel Arenas Suárez,
Valentín Murillo, Romero Marcos Collado
Martín

Para libertar a amada Planésio das mãos do alcoviteiro Cápadox, o jovem Fédromo decidiu recorrer às pretensas posses de um amigo que vivia na Cária. Da missão encarregou o seu parasita, Gorgulho, que deu com um rapaz cheio de boa vontade, mas tão teso quanto o seu amo. Deparou ainda com Terapontígono, o *miles gloriosus*, que já tinha apalavrada a aquisição de Planésio. Em lauto repasto, regado com muito vinho, o parasita roubou o anel-sinete ao soldado e, no regresso a Epidauro, forjou uma

carta autenticada para o banqueiro Licão, que desbloqueou as trinta minas que Terapontígono tinha depositado para a libertação de Planésio. Tudo parecia bem encaminhado, não fosse o *miles*, já em Epidauro, descobrir a tramóia de Gorgulho, que, de repente, se via em maus lençóis. A Sorte premiou a audácia do parasita: o anel levantou a suspeita, posteriormente confirmada pelas perguntas sobre a paternidade, de que Planésio era a irmã que Terapontígono tinha perdido durante um espectáculo das Dionísias. Dois jantares de festa e mesa sempre posta em casa de Planésio e de Fédromo constituíram o auge das recompensas recebidas por Gorgulho.

As personagens-tipo, os quiproquós, as cenas movimentadas, o cómico grosseiro, as patranhas, as quebras de ilusão cénica e o canto são alguns dos recursos de que Plauto lança mão, em *O Gorgulho*, para divertir a plebe. Como no tempo de Plauto, também os jovens actores espanhóis improvisaram um pouco. No folheto que acompanhou as actuações, o Grupo Balbo lançou o seguinte repto ao público, maioritariamente jovem, que teve o privilégio de assistir a representações de tão grande qualidade: “Por tanto, solo pediremos que se sitúen entre las gradas de nuestro teatro y se dejen llevar por un grupo de jóvenes, hoy, pícaros, desvergonzados y vulgares actores, mañana, sinceros, respetuosos y educados. Así que modifiquemos, por un instante, nuestros rostros y nuestra postura. Participemos en lo ridículo de la desvergüenza com un espíritu de Fiesta!”

Paulo Sérgio Ferreira,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro de Tema Clássico
no Portugal Contemporâneo II*
(Coimbra 2001) 320-322.

***As Troianas* de Eurípides**

Grupo Balbo do IES Santo Domingo de
Puerto de Santa María (Cádiz)

Encenação

Emilio Flor Jiménez

Luzes

Joaco Arjona Cabrera

Som

Antonio Pecho Martín

Elenco

Eva Maria Rodríguez Cruz (Hécuba)

Francisco Javier Ortega Jaén (Taltíbio)

Patricia López Ocafia (Cassandra)

Esther Pumar Reyes (Andrómaca)

Marcos Collado Martín (Menelau)

Elisabeth Mena Linder (Helena)

Coro

Margarida Domínguez Sánchez (Corifeu), Eli-

sabeth Mena Linder, Fátima Jiménez Enrique,

Maria Serpa Mora, Regina Carballo López,

Libertad Marín Rueda, Maria Reyes, Zoraida

Valiente Rodríguez

Percorre *As Troianas* de Eurípides um pensamento anti-belicista, de solidariedade, de respeito pelas pessoas, acentuado nesta encenação. Quer dizer, transmite valores psicológicos e morais. Sobretudo procura exaltar os grandes sofrimentos que viveram, como já dizia Homero, “as mulheres de belas tranças”.

Essas mulheres, viúvas ou filhas dos troianos mortos na guerra, aguardam para ver que destino as espera, quando a sua cidade está prestes a consumir-se nas chamas. Hécuba, a rainha-mãe, vai recebendo da boca do arauto grego Taltíbio as notícias do sorteio que acabam de efectuar os chefes do exército aqueu. E, a partir da primeira informação, Eurípides apresenta-nos uma dor que vai crescendo em intensidade e que se personifica na figura de Hécuba. Assim a anciã rainha vai saber que a sua filha Políxena será degolada como oferenda no túmulo de Aquiles; que Cassandra vai ser levada até

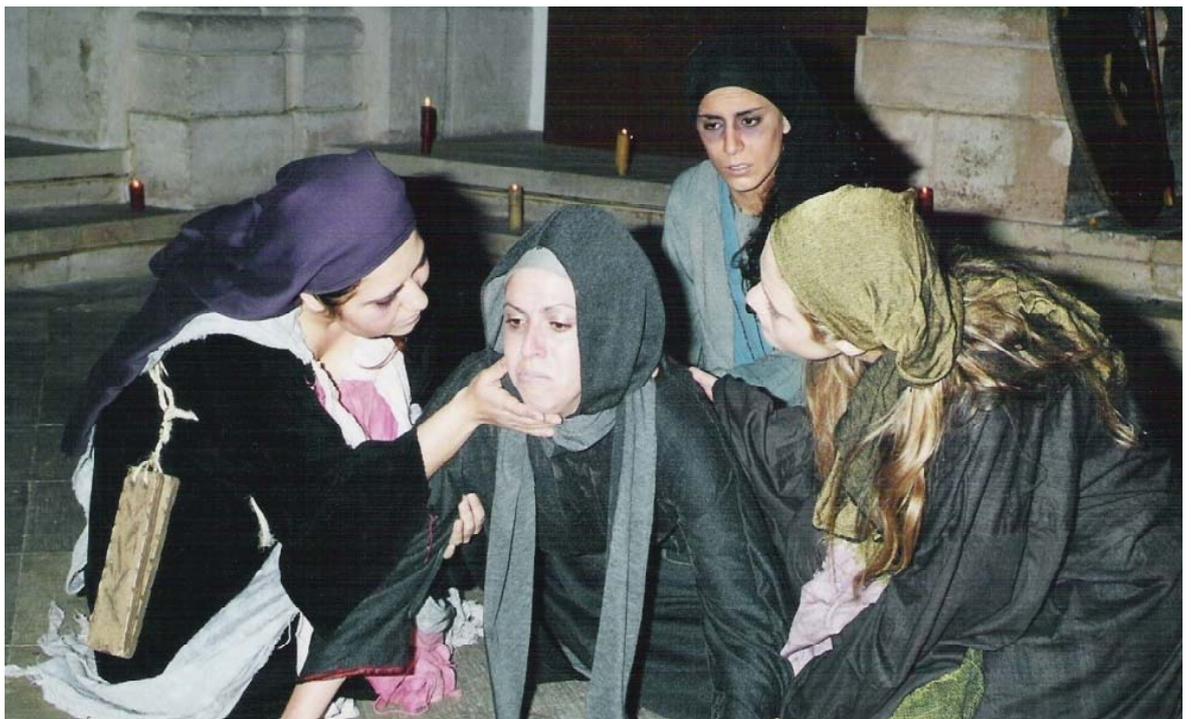


As Troianas
de Eurípides
Museu Monográfico
de Conimbriga
Fotos de José Batista



Micenas, onde a aguarda a morte, que ela própria profetisa; que Andrómaca – paradoxo do destino – vai ser a companheira de leito de Neoptólemo, filho de Aquiles, o assassino de Heitor, seu legítimo marido. A dor de Hécuba atinge o paroxismo, quando Taltúbio chega de novo para levar a cabo a acção mais ignominiosa e impensável: o assassinato de Astíanax, o filho de Heitor, criança ainda, de uma forma especialmente brutal, despenhando-o das torres de Tróia. O lamento da rainha diante do infortunado cadáver do neto mistura-se, no final da obra, com o estrépito dos edifícios de Tróia que se desmoronam sem remédio, consumidos pelas chamas.

José Ribeiro Ferreira,
in Maria de Fátima Silva (coord.), *Representações de Teatro de Tema Clássico
no Portugal Contemporâneo II* (Coimbra 2001) 69-70.





As Troianas
de Eurípides
Museu Nacional
Machado de Castro
Fotos de José Batista

II FESTIVAL ESCOLAR DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

23 de Abril de 2001, 11.00 horas, Conimbriga
Os Heraclidas de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

23 de Abril de 2001, 15.30 horas, Conimbriga
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

23 de Abril de 2001, 15.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Orfeo ed Euridice de Gluck, grupo Canto e Drama
do Conservatório de Música de Coimbra

24 de Abril de 2001, 11.00 horas, Conimbriga
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea, grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

24 de Abril de 2001, 15.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Os Heraclidas de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

26 de Abril de 2001, 21.00 horas, Pólo de Viseu da Universidade Católica
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea,
grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

27 de Abril de 2001, 11.00 horas, Conimbriga
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

27 de Abril de 2001, 15.30 horas, Conimbriga
Coéforas de Ésquilo, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

30 de Abril de 2001, 10.00 horas, Museu Nacional Machado de Castro
As Troianas de Eurípides, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

30 de Abril de 2001, 15.30 horas, Convento de Cristo (Tomar)
As Troianas de Eurípides, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

2 de Maio de 2001, 11.00 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Édipo em Colono de Sófocles, grupo Hélios de Madrid

2 de Maio de 2001, 15.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Samia de Menandro, grupo Hélios de Madrid

3 de Maio de 2001, 11.00 horas, Conimbriga
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea,
grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

18 de Maio de 2001, 11.00 horas, Conimbriga
Os Heraclidas de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

18 de Maio de 2001, 21.30 horas, Conimbriga
Orfeu e Eurídice de Gluck, grupo Canto e Drama
do Conservatório de Música de Coimbra



III FESTIVAL DE VERÃO DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

31 de Maio de 2001, 21.30 horas, Claustros de Santa Cruz (Coimbra)
Os Heraclidas de Eurípidés, grupo Thíasos do IEC

1 de Junho de 2001, 19.30 horas, Museu da Citânia de Sanfins
Os Heraclidas de Eurípidés, grupo Thíasos do IEC

2 de Junho de 2001, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
Íon de Eurípidés, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

3 de Junho de 2001, 21.30 horas, Pátio do Palácio dos Figueiredos (Condeixa)
Íon de Eurípidés, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

9 de Junho de 2001, 21.30 horas, Claustros do Seminário de Viseu
Os Heraclidas de Eurípidés, grupo Thíasos do IEC

10 de Junho de 2001, 14.30 horas, Pátio do Palácio dos Figueiredos (Condeixa)
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea,
grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

10 de Junho de 2001, 17.00 horas, Salão dos Bombeiros Voluntários de Condeixa
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

21 de Junho de 2001, 21.30 horas, Nelas (Praça do Município)
Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea,
grupo de Teatro Clássico de Conimbriga

1 de Julho de 2001, 21.45 horas, Termas Romanas de Braga
Os Heraclidas de Eurípidés, grupo Thíasos do IEC

5 de Julho de 2001, 21.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Gorgulho de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

6 de Julho de 2001, 21.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Coéforas de Ésquilo, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

7 de Julho de 2001, 21.30 horas, Teatro Viriato (Viseu)
Coéforas de Ésquilo, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

8 de Julho de 2001, 21.45 horas, Termas Romanas de Braga
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

14 de Julho de 2001, 21.30 horas, Castelo Rodrigo
Os Heraclidas de Eurípidés, grupo Thíasos do IEC

15 de Julho de 2001, 16.30 horas, Centro Cultural da Mêda
Os Heraclidas de Eurípidés, grupo Thíasos do IEC

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

***Os Heraclidas* de Eurípides**

Grupo Thíasos do IEC

Tradução

Cláudia Cravo

Adaptação e encenação

Delfim Ferreira Leão

Direcção de actores

Delfim Leão, Victor Torres, Rui Henriques

Guarda-roupa

Luísa Ferreira, Maria Valente, Delfim Leão

Caracterização e adereços

Ana Balula, Raquel Gafanha

Confecção de máscaras

Eduardo Mendes, Catarina Ferreira

Luz

Ricardo Monteiro

Som

Isidro Alves

Apoio técnico

Carlos Santos

Elenco

Victor Torres (Iolau)

Delfim Leão (Arauto de Demofonte)

José Luís Brandão (Demofonte)

Alessandra Oliveira (Macária)

Marco Terras (Servo de Hilo)

Ana Rita Miranda (Alcmena)

Paulo Sérgio Ferreira (Mensageiro)

João Paulo Correia (Euristeu)

Rui Henriques (Corifeu)

Coro

Carla Braz, Cláudia Cravo, Filipe Cravo,

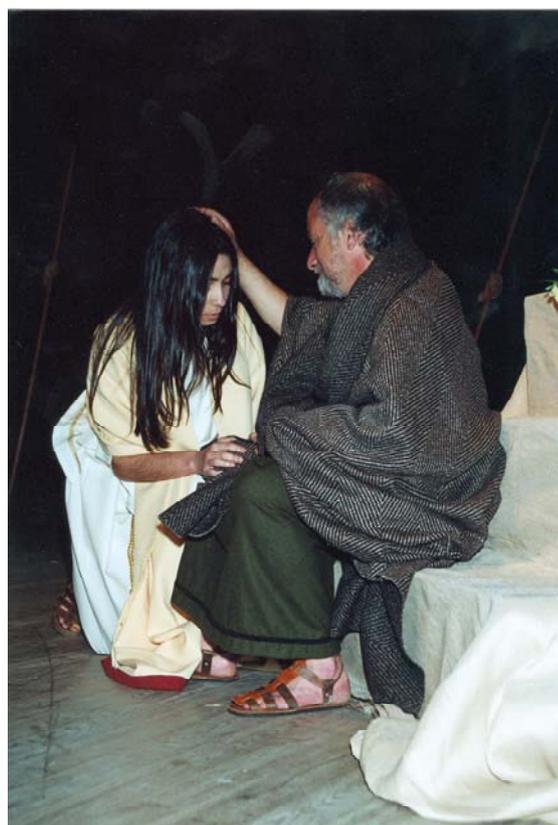
Jordana Costa, Liliana Pena,

Manuel Santos, Ramiro Costa, Sandra Costa,

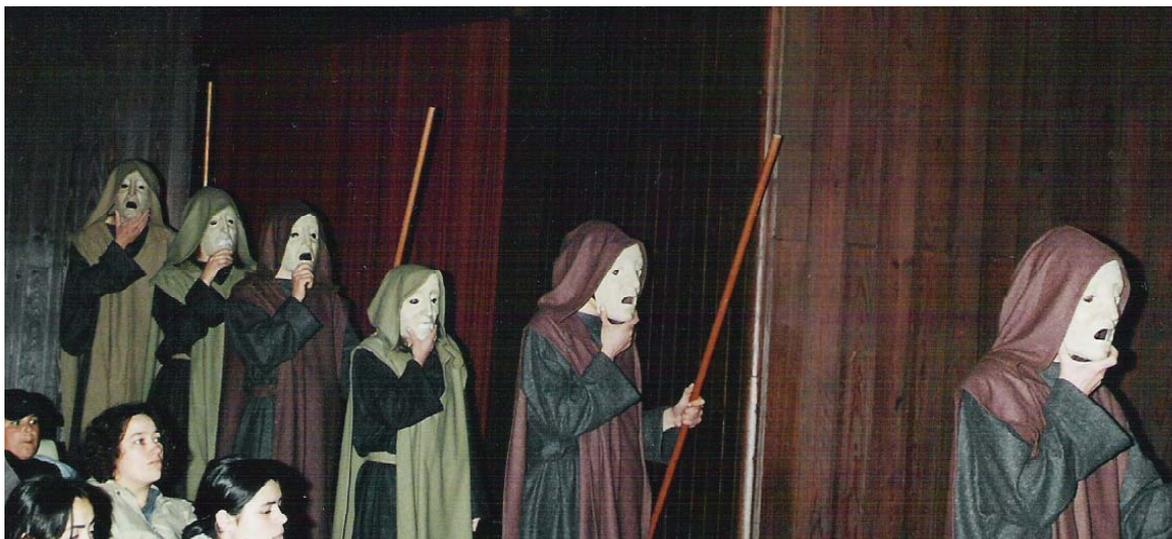
Sílvia Costa, Susana Bastos,

Ricardo Monteiro, Isidro Alves

Quando Eurípides escreve e leva à cena *Os Heraclidas* (430 a.C.) já fez cinquenta anos e celebra as suas bodas de prata como dramaturgo. A cidade de Atenas está em guerra com Esparta desde o ano anterior, numa guerra que durará ainda vinte e cinco anos até que a derrota definitiva desta cidade se consuma (403 a.C.). É Péricles quem dirige os assuntos da cidade no momento da estreia d’*Os Heraclidas*.



Esta resenha histórica ajudará talvez a compreender melhor por que terá Eurípides escolhido o mito tratado nesta tragédia. Aqui, Atenas, precisamente por causa da hospitalidade prestada aos filhos de Hércules, depara-se com um conflito bélico contra Argos e o seu rei Euristeu, carrasco de Hércules em vida – foi ele que lhe impôs os lendários trabalhos – e implacável perseguidor dos seus filhos depois da morte do herói. Eurípides parte deste argumento para tecer a trama da tragédia de Iolau



Os Heraclidas
de Eurípides
Salão dos Bombeiros
de Condeixa
Fotos de José Batista

e Alcmena como protectores dos desamparados filhos e filhas de Hércules. O bom e equilibrado rei de Atenas, Demofonte, filho de Teseu, não põe de parte o recurso à guerra para de fazer cumprir os deveres sagrados de quem suplica protecção em frente ao altar de Zeus. A vitória no conflito armado, na qual participará também o rejuvenescido lolau, é assegurada pela jovem

filha de Hércules, a mais velha de todas, que se sacrifica voluntariamente, para cumprir a prescrição de um oráculo. Euristeu, derrotado, acaba por aparecer no final da tragédia, para submeter-se à execução imposta por Alcmena, a grande protagonista da segunda parte da tragédia.

do Programa



Os Heraclidas
de Eurípides
Teatro Romano de
Segóbriga (2001)
Fotos do grupo

Heraclidas “visita” Conimbriga

▼ Helga Sardinha

“Os Heraclidas” de Eurípides abre o II Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico. A Liga de Amigos de Conimbriga e o Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra organizam esta iniciativa dirigida ao público escolar e à participação dos docentes e alunos.

“Os Heraclidas” conta a história angustiosa dos filhos de Hércules, que juntamente com a mãe do herói Alcmena e o seu antigo companheiro de aventuras Iolau, se vêem espoliados dos seus direitos pela prepotência de Euristeu, rei de Micenas. Obrigados a mendigar asilo de terra em terra, chegam finalmente a Atenas, onde conseguem ajuda e protecção do soberano da cidade, Demofonte. No entanto, terão ainda que enfrentar a fúria dos seus perseguidores e confrontar-se com a necessidade do sacrifício de uma das filhas de Hércules.

É esta a história levada ao palco hoje, pelas 11H00, em Conimbriga para assinalar a abertura do Festival. Uma produção do grupo de teatro Thíasos, encenada por Delfim Leão, que tem a preocupação de respeitar aspectos materiais do teatro grego – como o vestuário, máscaras e arranjo musical – de forma a que o espectador do início do terceiro milénio possa viajar até à Atenas do século V a.C.

Na parte da tarde são duas as realizações teatrais agendadas: “Mitos Clássicos na poesia Portuguesa Contemporânea”, pelas 15H30, em Conimbriga, pelo Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga, e “Orfeo e Eurídice”, de Gluck, também às 15H30, na Igreja de S. João de Almedina, no Museu Machado de Castro, pelo Conservatório de Música de Coimbra.

O II Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico pro-



▼ O II Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico vai contar com a participação de docentes e alunos



▼ O evento vai passar por Conimbriga, Coimbra, Tomar e Viseu

longa-se até dia 18 de Maio e é um evento promovido pela Liga de Amigos de Conimbriga e o Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra.

Os participantes, alunos e professores que efectuaram a inscrição, receberam antecipadamente o Bilhete-Livro da peça que vão assistir, tendo sido trabalhado nas aulas.

A organização do Festival pretende, com este projecto, divulgar o teatro, em especial o

teatro clássico, animar espaços monumentais, “criar um evento cultural consistente de âmbito nacional e capaz de fidelizar um público próprio, e estimular a constituição e/ou consolidação de novos grupos de teatro”. As expectativas quanto à adesão do público são as melhores. Espera-se que o número de participantes chegue aos três mil, oriundos de todo o país, de Valença a Vila Real de Santo António, da Guarda à Fi-

gueira da Foz.

Agora na sua segunda edição, o Festival Escolar de Teatro do Tema Clássico realiza-se anualmente entre Abril e Maio, em museus de quatro locais: Conimbriga, Coimbra (Aeminium), Tomar (Sellium) e Viseu. Segue-se o “III Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico” que decorre anualmente, nos meses de Junho e Setembro, animando espaços monumentais.

Diário As Beiras
(23 de Abril de 2001)
Texto de Helga Sardinha

Orfeu e Eurídice

Acção dramática em três actos

Classe Canto e Drama

Conservatório de Música de Coimbra

Música

Ch. W. Gluck

Libreto

Ranieri De' Calzabigi

Tradução

Lino Mioli

Encenação e direcção artística

Isabel Melo e Silva

Direcção do Coro

Isilda Margarida

Piano

Júlio Dias

Elenco

Eduardo Alves, José Paulo Almeida,

Luís Filipe Toscano (Orfeu)

Ana Catarina Reis, Catarina Braga (Eurídice)

Catarina Depraetere Sereno,

Raquel Luís (Amor)

Sopranos

Ana Carina Reis, Ana Filipa Lopes,

Ana Sofia Gonçalves, Carla Alexandra Pires,

Eva Paula Pimenta, Isabel Maria Furtado,

Mónica Baptista,

Maria Dulce Freitas

Contraltos

Catarina Depraetere Sereno, Carlos Manuel

Pocinho, Catarina Braga, Raquel Luís,

Oriana Cardoso

Tenores

Eduardo Alves, José Paulo Almeida,

Luís Filipe Toscano, Marta Isabel Osório,

Rui André Previdência

Baixos

Carlos Filipe Cruz, David Oliveira, Francisco

Miguel Silvestre, Henrique Sérgio Guerra,

Jorge Marinheiro, Mário Miguel Morais,

Nuno Miguel Araújo, Paulo Pereira,

Pedro Figueiredo

Numa clareira de um bosque solitário, calmo e ameno, encontra-se o túmulo de Eurídice. Orfeu chora a morte da sua amada; pastores e ninfas acompanham a sua dor.

Surge Amor que transmite uma mensagem de esperança. Orfeu terá que resgatar a sua amada. Orfeu enfrenta as fúrias e os espectros acalmando-os com o doce som da sua lira. Na cena seguinte, Eurídice, acompanhada dos heróis e heroínas, contempla o espaço celeste. Orfeu encontra esse espaço e Eurídice segue-o com o olhar.

Orfeu conduz Eurídice pela mão sem a olhar. Zangada por não entender a atitude do amado, afasta-se. Num acto de volúpia, Eurídice força Orfeu a olhá-la. Quando tal acontece, ela cai morta. Orfeu chora e recusa viver. Surge então o Amor que evita a morte de Orfeu e, reconhecendo a sua infindável dedicação, desperta Eurídice para a vida.

Amor, Orfeu e Eurídice, seguidos dos heróis e heroínas, festejam a vida.

do Programa



Comédia da Marmita de Plauto

Grupo Balbo do IES Santo Domingo
Puerto de Santa María (Cádiz)

Encenação

Emilio Flor Jiménez

Luzes

Joaco Arjona

Som

Antonio Pecho

Elenco

Marcos Collado Martín (Megadoro)

Nerea Miranda Ramírez (Eunómia)

Fátima Jiménez Enrique (Licónides e Ántrax)

Eva Rodríguez Cruz (Congrião)

Jesús María Gutiérrez Torres (Estrobilo)

Javier Ortega (Euclião)

Patricia López (Estáfila)

Luisa Pinto Tey (Velha rica)

María Isabel Crespo García (Fedra)

Jorge Romo Serrano, Juan Lorca (*Lares*)

Bailarinas

Esther Pumar Reyes, Lisi Mena Linder, Marga

Domínguez Sánchez,

Maria Isabel Crespo García

Mimos

Jorge Romo Serrano, Jesús María Gutiérrez

Torres, Adrian Varo García

Flautistas

Jorge Romo Serrano, Adrian Varo García



O velho Euclião vive angustiado pelo medo de perder uma marmita cheia de ouro encontrada em sua casa. O rico Megadoro, seu vizinho, animado pela sua irmã Eunómia, pede a Euclião a mão da sua filha. Tudo se complica, pois ninguém sabe, a não ser a velha Estáfila, que a filha havia sido violada pelo jovem Licónides, sobrinho de Megadoro. Toda a acção se anima com a aparição de cozinheiros contratados para o casamento. O desespero do velho não terá limite quando Estrobilo lhe rouba a panela. De nada interessa, pois o desenlace será feliz.

Com a *Comédia da Marmita* tentou o grupo conhecer a técnica teatral da comédia romana, especialmente a plautina: tipificação das personagens, equívocos, movimento exagerado, palavrões, burla, quebra de ilusão cénica, canto, etc.

do Programa





Comédia da Marmita
de Plauto
Salão dos Bombeiros
de Condeixa
Fotos de José Batista

Coéforas de Ésquilo
Grupo Balbo do IES Santo Domingo
Puerto de Santa María (Cádiz)

Encenação

Emilio Flor Jiménez

Luzes

Joaco Arjona

Som

Antonio Pecho

Elenco

Javier Ortega (Orestes)

Lisi Mena Linder (Electra)

Eva Rodríguez Cruz (Clitemnestra)

Luisa Pinto Tey (Ama)

Marcos Collado Martín (Egisto)

Juán Lorca (Agamémnon)

Nerea Miranda Ramírez (Corifeu)

Coro

Fátima Jiménez Enrique,

Esther Pumar Reyes, Luisa Pinto Tey, Patricia

Buller Viqueira, María Isabel Crespo García,

Patricia López, Marga Domínguez Sánchez

Soldados

Jorge Romo Serrano,

Jesús María Gutiérrez Torres,

Adrian Varo García

Agamémnon tinha sido assassinado pela mulher, Clitemnestra, e pelo seu amante, Egisto, no dia em que voltava vitorioso de Tróia. Decorridos dez anos, Orestes regressa do exílio para vingar a morte do pai. Nessa tarefa, ajudá-lo-á a irmã, Electra, com o apoio da ama e das escravas.

Considera o grupo que, ao colocar em cena uma tragédia, se iniciou num trabalho especialmente disciplinado, na proposta teatral. Depois de uma fase de estudo filosófico, histórico e literário, aprendeu a penetrar no interior das personagens, realizando um estudo psicológico de cada uma delas. Como são actores jovens, a colocação em cena obrigou-os a um maior controlo corporal, a especial esforço na dicção, a pequenos estudos de dança e música e a uma maior disciplina de gestos.

do Programa





Coéforas de Ésquilo
Salão dos Bombeiros
de Condeixa
Fotos de José Batista

Édipo em Colono de Sófocles

Grupo Hélios de Madrid

Encenação e coreografia

Gemma López

Máscaras

Thanos Vovolis

Cenografia

Tragacanto

Adereços

Jesús López Salinero

Confecção do vestuário

La Soleá

Luz e som

Carlos Guitart

Elenco

Juan Diego Guerrero (Édipo)

Izaskun Puente (Antígona)

Luis Martínez (Estrangeiro)

Susana Santolaria (Ismena)

Mario Paredes (Teseu)

Antonio J. Caballero (Creonte)

Javier García (Polinices)

Javier Torrijos (Mensageiro)

Coro

Cayetana Paso (Corifeu), María Mellén,

Noelia Mera, Laura López, Eva Andrés,

Gloria Arroi, Mar Monserrate, Javier García,

Laura Pascual, Ruth Rubio, Andrea Cristóbal,

Laura Chica, Amparo Torres, Oscar García,

Javier Torrijos

Quando Édipo descobre que assassinou, sem saber, o seu pai Laio, e que sem saber compartilhou o leito com a sua mãe, Jocasta, cega-se a si próprio e sai de Tebas, capital da Beócia, desterrado, na companhia das filhas.

Tempos depois, encontramos-lo errante, vagabundo em Colono, um pequeno demo de Atenas. A sua filha Antígona guia-o, cego e maltratado, em busca de um lugar em que possa viver os poucos dias que lhe concedam os deuses em paz. O rei de Atenas, o lendário Teseu, ajudá-lo-á a vencer a resistência que lhe oferecem os populares de Colono e dar-lhe-á hospitalidade e protecção.

Mas, ao que parece, ninguém quer deixar viver em paz o ancião. Vem Creonte, também ele carregado com o peso dos anos, para propor-lhe o regresso à sua terra e reconciliação. Vem o seu filho Polinices – que consentira na expulsão do pai de Tebas – pedir-lhe perdão e apoio antes de enfrentar Etéocles, o irmão que se nega a abandonar o trono.

Édipo não quer saber nem do cunhado Creonte nem do filho Polinices. A única coisa que estes conseguem é despertar em Édipo a indignação, o rancor e a cólera.

Édipo apenas deseja, após existência tão iníqua, que o deixem viver em paz nos seus últimos dias. Mas a paz só chegará única e simplesmente com a morte. Será esta que porá fim a tanta luta, tanto sacrifício e tanto desassossego. A morte como libertação e a poesia como bálsamo para o espírito são o consolo que conforta Édipo.





Num mundo como o nosso, nem sempre justo com os velhos, esta obra incomparável de Sófocles é um tratado a favor do direito do homem – coerente consigo mesmo – a viver em paz a sua velhice, superando vivências amargas do passado e olhando para a morte com serenidade. Tudo está envolto num lirismo poético que faz de *Édipo em Colono* uma obra-prima da literatura universal.

do Programa



Édipo em Colono de Sófocles
Museu Nacional
Machado de Castro
Fotos de José Batista

Íon de Eurípides

Grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

Encenação e coreografia

Gemma López, José Luis Navarro

Luz e som

Carlos Guitart, Miguel Ángel Pérez

Cenografia

Tragacanto

Adereços

Jesús López Salinero

Fotografia

Ángel Martínez

Figurinos

Gemma López Martínez

Confecção do vestuário

La Soleá, María José Blasco

Elenco

Oliver Plazas (Íon)

Rebeca Amez (Creúsa)

Francisco Blanca (Xuto)

Sara Lamparero (Pítia)

Javier García (Hermes)

Laura Sánchez Castanar, Laura López (Atena)

Carolina Sánchez Blanco (Ama de Creúsa)

Ariana Rodríguez (Escrava de Creúsa)

Pilar Aranda (Mensajeiro)

Rocío Fernández, María Álvarez,

Marta Martín (Escravas da Pítia)

Coro

Virginia Oteros (Corifeu)

Tania Samalea, Sara Cazorla, Leticia Flores,

Eva Andrés, Carla González,

Jessica Torres, Diana Curtido,

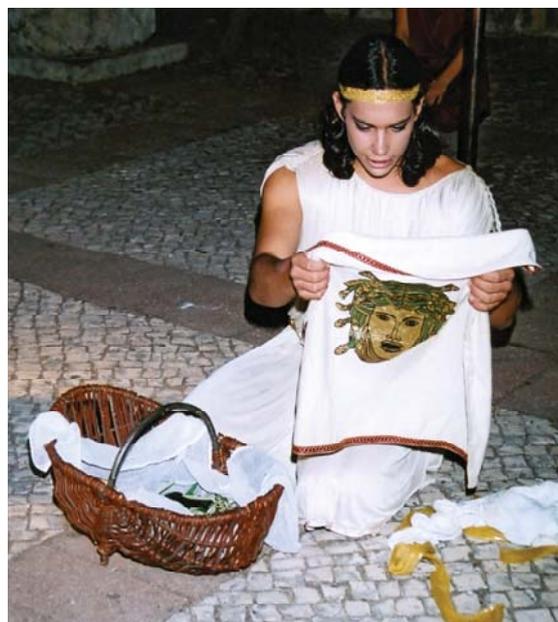
Susana Cristóbal, Teresa Torres, Vanessa Meis,

Leticia Velle, Yolanda Almeida

Apolo apaixonou-se por Creúsa, filha de Erecteu, o lendário rei de Atenas. Como consequência esta deu à luz um filho que abandonou ao nascer nas rochas à beira da Acrópole. Mas o deus Hermes, com pena da criança, tomou-a nos braços e levou-a até Apoio, ao santuário de Delfos. Ali, o miúdo será adoptado pela profetisa do deus, a Pítia, que o criará, alimentará e educará como a mãe o faria. Íon, mais tarde assim chamado, crescerá em Delfos e será o administrador do templo de Apolo.

Por sua vez, Creúsa casou com Xuto, aliado dos Atenienses, união que não teve filhos. Decidem, por isso, recorrer a Delfos e consultar o oráculo de Apolo. Terá então lugar uma série de peripécias. Íon e Creúsa conhecem as suas verdadeiras identidades e mãe e filho abraçam-se perante um Xuto atónito e perplexo, a quem a deusa Atena dará uma explicação sincera e uma mensagem de esperança, que se estenderá a todos os que participam na obra.

Apesar da sua aparente forma de melodrama, *Íon* envolve uma enorme dose de tensão, suspense e intriga. A acção toma direcções inesperadas, muda de forma imprevista e chega a surpreender os próprios protagonistas da acção dramática.





Ainda que considerada uma tragédia menor, não podemos esquecer nem negar que estamos perante uma peça completa. Divindades, escravas, jovens, mulheres enganadoras, mensageiros, personagens exóticas e misteriosas compõem um mosaico variado e coeso de uma grande beleza estética. O coro, formado por mulheres de Atenas, companheiras de Creúsa, toma partido na acção e contribui para realçar a beleza do incomparável local em que transcorre a acção: o santuário de Apolo em Delfos.

do Programa



Íon de Eurípides
Páteo da Universidade
de Coimbra
Fotos de José Batista

O Poeta e o Maçador
A partir da sátira IX de Horácio
Grupo Thíasos do IEC

Seleção e tradução
Walter S. Medeiros
Adaptação e encenação

Rui Henriques
Elenco
Rui Henriques, Rui Monteiro

Esta dramaturgia de Horácio, adaptada para dois actores por Rui Henriques, centra-se na figura do poeta (Rui Monteiro) e num importuno maçador (Rui Henriques), que se desdobra em várias outras personalidades da Roma antiga. O trabalho, pensado para favorecer uma adaptação rápida a pequenos espaços, onde seja possível uma interacção próxima com os espectadores, vive, em particular, da grande capacidade que Rui Henriques tem para se metamorfosear em personalidades distintas, apoiado por uma sugestiva selecção musical.

Delfim Ferreira Leão,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico no
Portugal Contemporâneo III*
(Coimbra 2004) 182.





O Poeta e o Maçador
Museu Nacional
Machado de Castro
Fotos de José Batista

III FESTIVAL ESCOLAR DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

11 de Abril de 2002, 11.00 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

12 de Abril de 2002, 11.00 horas, Anfiteatro do IPJ de Coimbra
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

15 de Abril de 2002, 11.00 horas, Conimbriga
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

20 de Abril de 2002, 21.30 horas, Mêda
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

21 de Abril de 2002, 21.30 horas, Vila Nova de Foz Côa
Os Heraclidas de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

24 de Abril de 2002, 21.30 horas, Mêda
As Bodas de Fígaro de Mozart, grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra

2 de Maio de 2002, 11.00 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Electra de Sófocles, grupo Calatalifa de Madrid

2 de Maio de 2002, 15.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Lisístrata de Aristófanes, grupo Calatalifa de Madrid

3 de Maio de 2002, 11.00 horas, Conimbriga
Electra de Eurípides, grupo Sardiña do IES Elpiña, Corunha

3 de Maio de 2002, 15.30 horas, Conimbriga
Os Dois Menecmos de Plauto, grupo Sardiña do IES Elpiña, Corunha

3 de Maio de 2002, 21.30 horas, Teatro Viriato (Viseu)
O Eunuco de Terêncio, grupo Calatalifa de Madrid

15 de Maio de 2002, 11.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Os Heraclidas de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

15 de Maio de 2002, 11.00 horas, Pátio Grego da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

18 de Maio de 2002, 21.30 horas, Conimbriga
As Bodas de Fígaro de Mozart, grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra



IV FESTIVAL DE VERÃO DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

25 de Junho de 2002, 21.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

29 de Junho de 2002, 21.30 horas, Conimbriga
Íon de Eurípides, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

3 de Julho de 2002, 21.30 horas, Termas Romanas de Braga
Íon de Eurípides, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

5 de Julho de 2002, 21.30 horas, Praça 8 de Maio (Coimbra)
A Comédia do Fantasma de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

6 de Julho de 2002, 21.30 horas, Termas Romanas de Braga
As Troianas de Eurípides, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz).

7 de Julho de 2002, 21.30 horas, Mosteiro de Tibães (Braga)
As Coéforas de Ésquilo, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

8 de Julho de 2002, 21.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
As Coéforas de Ésquilo, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

9 de Julho de 2002, 17.30 horas, Citânia de Sanfins
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

9 de Julho de 2002, 21.30 horas, Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
Lisístrata de Aristófanes, grupo Calatalifa de Madrid

10 de Julho de 2002, 21.30 horas, Aparthotel Sottomayor (Figueira da Foz)
Lisístrata de Aristófanes, grupo Calatalifa de Madrid

11 de Julho de 2002, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
Lisístrata de Aristófanes, grupo Calatalifa de Madrid

13 de Julho de 2002, 21.30 horas, Vila Nova de Foz Côa
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

14 de Julho de 2002, 21.30 horas, Centro Cultural de Mêda
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

20 de Julho de 2002, 21.30 horas, Castelo de Pinhel
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

21 de Julho de 2002, 21.30 horas, Castelo Rodrigo
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

22 de Julho de 2002, 21.30 horas, Conimbriga
Antígona de António Pedro, grupo Teat@amus do Colégio de Calvão

27 de Julho de 2002, 17.30 horas, Conimbriga
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo de teatro da Escola Secundária de Trancoso

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

Anfitrião de Plauto

Grupo Thíasos do IEC

Tradução

C. A. Louro da Fonseca

Adaptação e encenação

Victor Torres

Consultor

José Luís Brandão

Luminotecnia

Carlos Santos

Sonoplastia

Isidro Alves, Carlos Jesus

Seleção Musical

Victor Torres

Figurinos

Ana Balula, José Luís Brandão

Execução do guarda-roupa

Inês Santos

Adereços

Ana Balula, Carlos Santos, Victor Torres

Elenco

Paulo Sérgio Ferreira (Relator inicial)

José Luís Brandão (Anfitrião)

Nuno Gertrudes (Sósia)

Delfim Leão (Júpiter)

Bruno Amaral (Mercúrio)

Sílvia Costa,

Ana Catarina Rodrigues (Alcmena)

Carla Braz, Amélia Álvaro de Campos,

Lia Nunes, Susana Bastos,

Verónica Fachada (Brómias)

Patrícia Martinho, Sónia Simões,

Sónia Freitas, Isabel Santos (Figurantes)

Foi a terceira vez que o Thíasos encenou Plauto; já antes Carlos Alberto Louro Fonseca tinha encenado uma parte de *O soldado fanfarrão* e Paulo Sérgio Ferreira *O Epidico*. A encenação coube a Victor Torres, que tem vasta experiência como actor, e a expectativa era grande para ver o que poderia trazer de novo alguém do meio teatral a um grupo de teatro universitário, maioritariamente constituído por professores e alunos do Instituto de Estudos Clássicos.

O resultado não defraudou as expectativas, pois Victor Torres encontrou algumas soluções dramáticas brilhantes, embora bem distantes da arqueologia teatral romana: pensamos nas portas em pano que, quando alguém simulava bater, abanavam todas, enquanto outra pessoa, fora do palco, batia numas chapas que faziam grande estrondo. A cena de amor em palco entre Júpiter e Alcmena, em que Brómia coloca um leve pano sobre o casal, é outro achado. As duas pessoas que se escondem atrás de um pano e o fazem tremer também sugerem bastante bem as sombras nocturnas e justificam, de forma bastante cómica, os temores de Sósia. Boa opção foi ainda a distribuição da longa intervenção final de Brómia por três actrizes com trejeitos e vozes completamente diferentes. Já que era de prodígios que esse relato falava....



Quanto aos desempenhos, importa destacar o de Delfim Leão, que foi um Júpiter enérgico e coerente. Nuno Gertrudes foi um Sósia que, com tamanha confusão, quase ia ficando louco. Levou muita paulada de Mercúrio e andou com Anfitrião às costas, quando, ao sair do palco, atravessava um rio. Esta cena não tinha, de resto, grande fundamento dramático e, quando Nuno Gertrudes demorava a desapertar as sandálias, verificava-se um tempo morto. Muito sóbria e convincente foi Sílvia Costa no papel de Alcmena: até amou e fez beicinho. Em suma, o balanço é bem positivo, sobretudo pela qualidade de muitas das soluções encontradas, que permitiram conseguir efeitos muito bonitos, sem sobrecarregar o palco com cenários pesados.

Paulo Sérgio Ferreira,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico no
Portugal Contemporâneo III* (Coimbra 2004)
139-140.



Anfitrião de Plauto
Museu Nacional
Machado de Castro
Fotos de José Batista

***Electra* de Sófocles**
Grupo Calatalifa de Madrid

Encenação

Pedro Sáenz de Almeida
Susana Verdú Martínez

Figurinos e adereços

Javier Botella

Confecção do vestuário

Ruth Patricia Sánchez

Escultura cénica

José Luis Táboas Nogueira

Coreografia

Susana Verdú Martínez

Iluminação e som

Sónia García Lázaro

Elenco

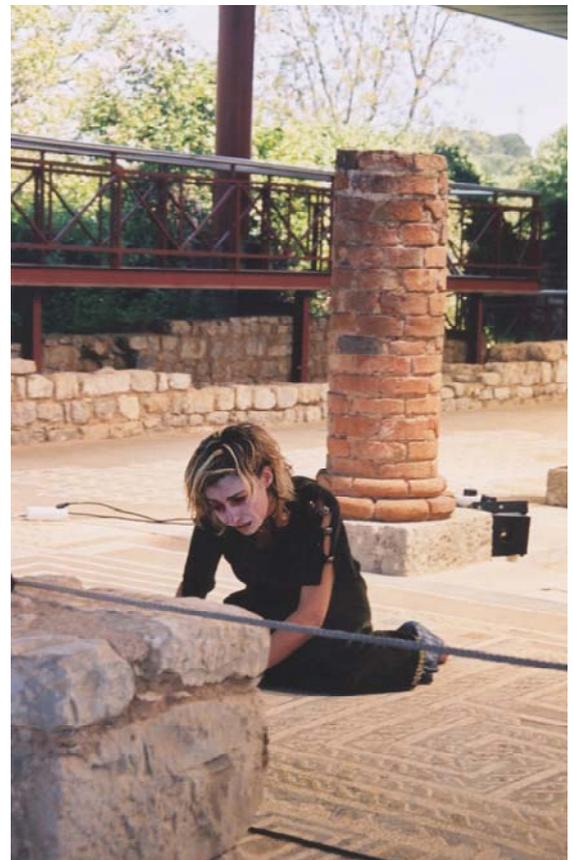
Susana Verdú (Electra)
Javier Oleaza (Pedagogo)
Luis Jiménez (Orestes)
Carlos Martos (Pílates)
Susana Millán (Crisótemis)
Alba Alonso (Cliternestra)
Raúl Verdú (Egisto)

Coro

Lucía Díaz (Corifeu), Débora Mamblona, Alba
Rodríguez, Patricia Martínez,
Paola Martínez, Juan José Sánchez,
José Herradón, Pablo Martínez,
Victor de Castro

A *Electra* de Sófocles tem sido tradicionalmente considerada como a mais perfeita das suas obras quanto à estrutura dramática. Ao longo do texto vão-se contrapondo de forma excelente os matizes dramáticos de obscuridade e luz, assimilados respectivamente aos conceitos de dor, crime e injustiça, de um lado, e vingança, restauração e liberdade, do outro. Mesmo assim, encontramos neste drama outra oposição entre verdade dramática e mentira cénica que aparece como “jogo de espelhos”.

Mas, de modo paradoxal, a diáfana e envolvente estrutura dramática desta tragédia serve para nos introduzir num mundo fronteiriço com o do reino dos mortos e das divindades infernais, a cujo cargo está a vingança justiceira que dá repouso aos defuntos: Electra, no meio da sua dor e da sua vida miserável, vive para a recordação do seu pai assassinado e acumula rancor contra a mãe e desejos de vingança contra ela.





Electra de Sófocles
Conimbriga
Fotos de José Batista

Electra, como leoa ferida, encarna as mais obscuras, violentas e elementares forças da natureza. Por seu lado, o irmão Orestes representa o modelo do herói apolíneo, forte e despreocupado, belo e cheio de luz, mesmo quando, cumprindo o oráculo de Apolo, mata a mãe para vingar o assassinato de seu pai.

Em volta dos dois irmãos movem-se as demais personagens, magistralmente caracterizadas, combinadas e dispostas por Sófocles dentro de uma acção dramática que, concebida como uma caçada, avança directamente para a armadilha final em que os assassinos pagarão o seu crime. Com a morte de Clitemnestra e do seu amante Egisto, resolve-se o conflito que abre e põe em marcha a tragédia: o crime tem de se pagar com o crime. A vingativa Némesis do morto fica assim aplacada.

A representação distingue-se pela movimentação do Coro que usa uma dupla máscara, provocando um efeito de surpresa, quando os coreutas se voltavam. Merece também realce o vestuário e a coreografia.

José Ribeiro Ferreira,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo III*
(Coimbra 2004) 45.

***Lisístrata* de Aristófanes**

Grupo Calatalifa de Madrid

Encenação

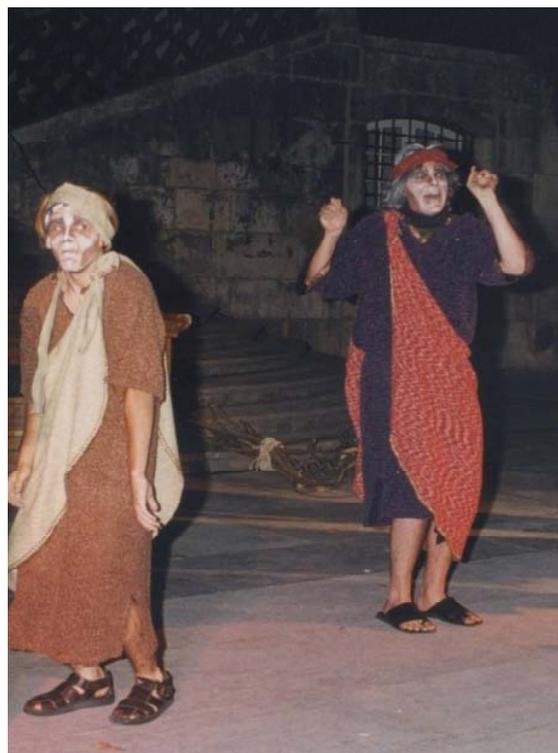
Pedro Sáenz de Almeida

Susana Verdú Martínez

A *Lisístrata* de Aristófanes foi apresentada em 411 a.C., nos últimos anos da Guerra do Peloponeso. Atenas estava em situação crítica: ainda não se recuperara da desastrosa campanha da Sicília (415-413 a.C.); os Espartanos, acampados a pouco mais de 20 km, haviam concluído um acordo com o sátrapa persa Tissafernes e diversos aliados passavam para o lado do inimigo. A comédia, um ingénuo mas veemente apelo à paz, foi representada pela primeira vez nas Leneias sob o nome de Calístrato, o encenador da peça.

Nada sabemos a respeito do prémio obtido. As mulheres das cidades gregas envolvidas na Guerra do Peloponeso, lideradas pela ateniense Lisístrata, decidem instituir uma greve de sexo até que seus maridos parem a luta e estabeleçam a paz. No fim da peça, graças às mulheres, as duas cidades celebram efectivamente a paz.

do Programa





Lisístrata
de Aristófanes
Páteo da Universidade
de Coimbra
Fotos de José Batista

Eunuco de Terêncio
Grupo Calatalifa de Madrid

Encenação

Pedro Sáenz de Almeida

Música

Victor Carbajo

Figurinos

Araceli Lumbreras,
Ruth Patricia Sánchez

Cenografia

Juan Bayona, Miguel Cruz

Coreografia

Karin Reitze

Elenco

Susana Verdú Martínez (Taís)
Daniel Acebes Maya (Parmenão)
Nacho Negreiro Achiaga (Fédria)
Juan Bayona Segura (Trasão)
Luis Jiménez Ramos (Cremes)

Um dia a mãe da cortesã Taís, que morava em Rodes, recebeu uma criança ateniense, Pânfila, que ela educou como sua filha. Ao morrer, porém, o irmão, ganancioso, vendeu-a, por obra do acaso, ao soldado Trasão, que em tempos trouxera Taís para Atenas e aí lhe montara casa antes de regressar à Cária. O soldado viu nessa escrava uma ótima prenda para oferecer à sua amada Taís que estimava a jovem como irmã.

Vendo-se, porém, trocado por Fédria, ameaça só lhe entregar a moça se a cortesã continuasse a obsequiá-lo com os seus favores. Por isso Taís pede a Fédria, o seu novo amante, que por dois dias se ausente para o campo e não frequente a sua casa. Antes de partir, manda entregar à cortesã um eunuco que comprara. Um efebo, Quéreas, irmão de Fédria, perdidamente apaixonado pela jovem enviada de presente a Taís, veste a roupa do eunuco, a conselho do escravo Parmenão, introduz-se na casa e viola a donzela. Depois de várias e movimentadas peripécias, em que o verdadeiro eunuco é interrogado e ameaçado por Fédria, com os inerentes quiproquós, e em que o soldado quer reaver a escrava que dera de presente, após desentendimento com Taís, um cidadão ateniense, Cremes, o verdadeiro irmão de Pânfila, dá a jovem em casamento a Quéreas, uma vez comprovado o reconhecimento.

Estamos perante uma comédia marcada por grande vivacidade e comicidade, o que não é vulgar nas peças de Terêncio. O autor soube retratar as principais personagens de forma subtil e viva, realçando as fraquezas humanas de modo divertido.

José Ribeiro Ferreira,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo III*
(Coimbra 2004) 151.



***Electra* de Eurípides**

Grupo Sardiña do IES Elpiña da Corunha

Encenação

Beatriz Martín

J. Ricardo Martín

Luzes

Iria Catoira

Banda sonora original

Alfonso R. Molares

Som

Vanessa Gómez

Elenco

Lucía Regueiro (Electra)

Alfonso R. Molares (Lavrador)

José Luís López (Orestes)

Mário López (Ancião)

Coro

Tâmara Canosa (Corifeu), Marta Ramos,
Alba Gómez, Cira Sánchez, Noemi Palias,
Sónia Candal, Iria Veigela, Tâmara Cotelo,

Vanessa Pérez, Yolanda Espasandín,
Tâmara Sánchez

Assassinado Agamémnon por Clitemnestra e seu amante Egisto, seu filho Orestes, ainda criança, teve de fugir para o exílio e sua filha Electra foi desterrada para os confins do reino, casada com um lavrador, já idoso, para evitar uma descendência que possa vingar a morte do rei. Embora a princesa chore a sua desgraça, alimenta a esperança de que o irmão regressasse e castigue os culpados. De facto assim acontece. E, no plano de vingança, Electra desempenha o principal papel.

Em Eurípides, Electra é fria, calculista; tece ela própria a teia do assassinio de Egisto e da mãe, ainda que tenha de dobrar a vontade do irmão.

José Ribeiro Ferreira,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo III*
Coimbra 2004) 61.



Electra de Eurípides
Conimbriga
Fotos de José Batista

Os Dois Menecmos de Plauto Grupo Sardiña do IES Elpiña da Corunha

Encenação

Beatriz Martín, J. Ricardo Martín

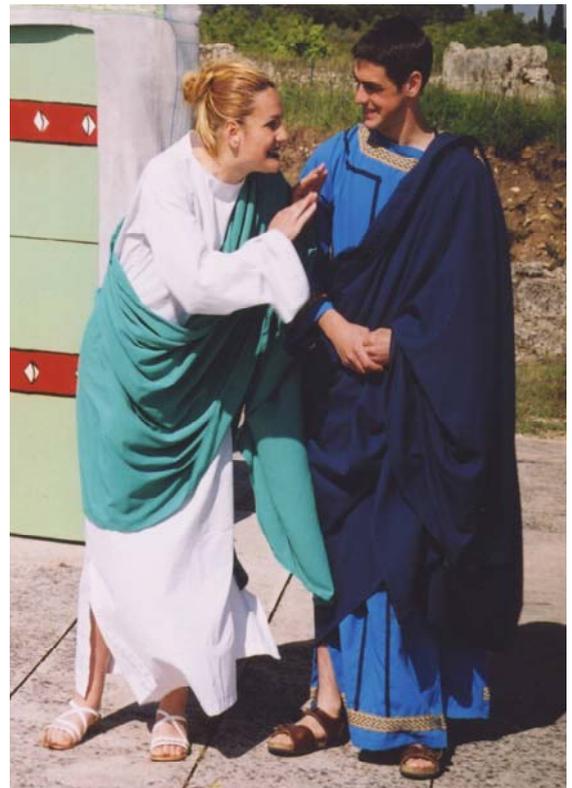
Os dois Menecmos, tal como o *Anfitrião* e, em parte, o *Soldado Fanfarrão*, são uma peça cujo cómico resulta, principalmente, do sucessivo aparecimento em cena dos *simillimi*: dois gémeos, ambos com o mesmo nome, que, não se conhecendo por terem vivido separados desde os sete anos, um em Siracusa, outro na cidade Epirota de Epidamno, acabam por se encontrar, já homens feitos. É este o tema central – quase diríamos, linear – da comédia. Mas a simplicidade do enredo é perturbada, desde o início da peça, pelo facto de os dois gémeos serem tão parecidos, que nem a ama, que lhes dera o seio, nem a mãe, que os gerara, seriam capazes de os diferenciar. (...)

Assim, quando começa a acção, o Menecmo de Siracusa acaba de chegar a Epidamno, onde vive há muitos anos o outro Menecmo, rico e casado com uma mulher difícil. E é aqui que começam as complicações. O Menecmo de Epidamno engana a esposa com uma vizinha, Erócio, mulher de porta aberta. Ao saber disto, a *matrona* enfurece-se e as recriminações chovem sobre... o inocente e recém-chegado Menecmo de Siracusa, que se vê, diversamente, alvo das atenções de duas desconhecidas: de uma que, tratando-o de marido, o insulta; da outra que, chamando-lhe seu amante, o acarinha.

Por fim, tudo acaba em bem: após uma longa cena, repetitiva, que muito tem que ver com uma acareação judicial, os dois irmãos reconhecem-se e abraçam-se num bem característico “happy ending”.

Carlos A. Louro Fonseca
(da Introdução à tradução)

Os Dois Menecmos
de Plauto
Conimbriga
Fotos de José Batista



Antígona de António Pedro

Grupo Teat@amus

Núcleo de Teatro do Colégio de Calvão

Encenação

Filipe Jorge, Patrícia Martins

Direcção de Actores

Filipe Jorge, Patrícia Martins

Cenografia

Carlos Jesus, alunos do Agrupamento 2

Guarda-Roupa

D. Rosa

Iluminação

Pedro Neto

Composição Musical

Paulo Henrique, Pedro Neto,

Fernando Ferreira

Elenco

Carla Rosete (Antígona)

António José Simões (Creonte)

Sara Leigo (Isménia)

Ângelo Valente (Tirésias)

Lilibel Valente (Eurídice)

Bianca Barros (Artemísia)

Carlos Carvalhais (Hémon)

João Vítor (Soldado 1)

Pedro Reis (Soldado 2)

Coro

Carina Alves, Simone Miranda,

Susana Diamantino

Formado há aproximadamente nove anos com o propósito de oferecer aos jovens alunos do Colégio de Calvão um complemento de formação teatral e de, por esse meio, concorrer também para a ocupação dos seus tempos livres, o Teat@amus ostenta já um repertório digno de menção, que inclui representações de várias peças, das quais se destacam *O Rouxinol e a Rosa*, *A Canção de Natal*, *Romeu e Julieta*, *O Príncipezinho*, *A Gota de Mel*, *Guerra Santa*, *Antígona* e *Rei Édipo*.

Para a sua primeira experiência de representação de teatro de tema clássico, a peça eleita foi a *Antígona*, levada à cena pela primeira vez, no Colégio de Calvão, a 21 de Abril de 2002. Não a *Antígona* sofocliana, mas a recriação que dela fez António Pedro, uma “Glosa Nova” escrita expressamente para ser representada pelo Teatro Experimental do Porto, na década de 50, com uma linguagem actual e dramaticamente funcional muito apreciada, que fez com que se tornasse na mais representada das recriações portuguesas da *Antígona* de Sófocles.

Com uma adequada encenação da responsabilidade de Filipe Jorge e de Patrícia Martins, a peça, depois da estreia e de duas representações em Escolas do distrito de Aveiro, abriu o IV Festival Internacional de Verão de Teatro de Tema Clássico, em Conímbriga, a 22 de Junho de 2002.

Carlos Morais,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo III*
(Coimbra 2004) 40.



Comédia do Fantasma de Plauto

Grupo Balbo
de Puerto de Santa María (Cádiz)

Encenação

Emilio Flor Jiménez

Adereços e vestuário

Trabalho de grupo

Director Técnico e de Luzes

Joaco Arjona Cabrera

Som

Antonio Pecho Martin

Elenco

Javier Ortega Jaén,
Esther Pumar Reyes (Tranião)
Fátima Jimenez Enrique,
Maria Serpa Mora (Grumião)
Jesus María Gutierrez Torres,
Patrícia Lopez Ocafia (Filólaques)
Elisabeth Mena Linder,
Ines Higuera (Filemácio)
Margarita Dominguez Sanchez,
Libertad Marin Rueda (Escafa)
Antonio Zarola Ortiz,
Adrian Varo Garcia (Calidamates)
Esther Pumar Reyes,
Maria Serpa Mora (Délfio)

Eva María Rodriguez Cruz,
Jesus María Gutierrez Torres (Teoprópides)
Fátima Jimenez Enrique (Misargírides)
Marcos Collado Martin,
Enrique Lainer (Simão)
Rocio Garcia Heredia (Mulher de Simão)
Valentín Murillo Romero,
Maria Serpa Mora (Fanisco)
Juan Lorca Mufoz (Pinácio)
Maria Serpa Mora, Juan Lorca,
Regina Carballo Lopez,
Maria Torres (Cupidos)
Zoraida Valiente Rodriguez,
Carmen Clara Ciria Rosello, Maria Serpa
Mora, Libertad Marin Rueda, Regina Carballo
Lopez, Maria Reyes, Aida, Rocio Lainer,
Maria Torres (Marinheiros e Prostitutas)

O Balbo propõe ao público, uma *satura* composta por comédia musical, ópera cómica, canto, opereta, música, interlúdios musicais, baile, dança, gracejos, gesticulação exagerada e ritmo frenético. A liberdade cómica ainda permitiu ao grupo dispor de actores-mimos que, embora ausentes do texto da peça, reflectem a



grande adesão dos alunos a este tipo de projecto e, de algum modo, enriquecem o próprio cenário.

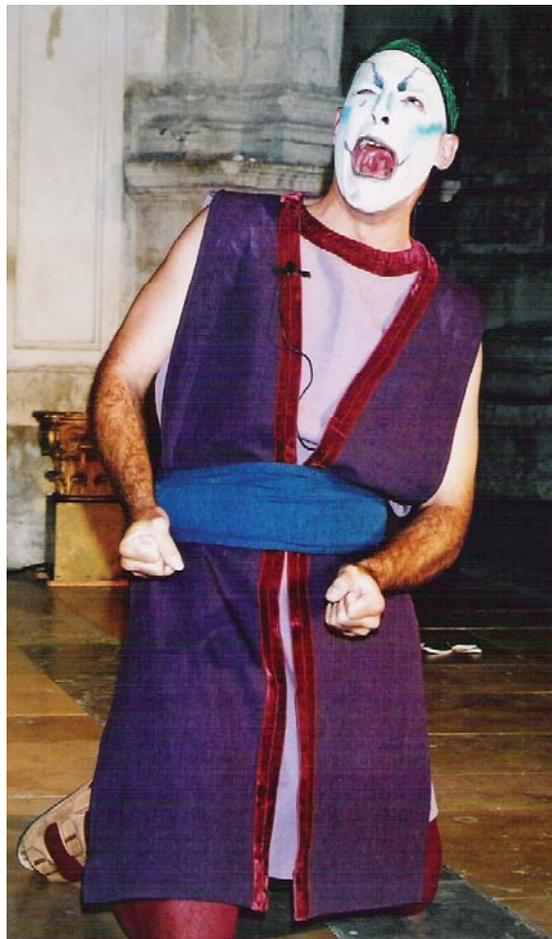
Em alguns momentos, houve necessidade de adaptar a própria tradução, de modo a transmitir, de forma mais eficaz e clara, a riqueza e o lirismo do original. O canto, além de evitar a monotonia, realça os momentos mais importantes.

O Balbo pretende que os alunos que assistam à peça reconheçam “la tipificación elemental de los personajes, el movimiento (comoedia motoria), la perdida de la ilusión escénica, los equívocos lingüísticos y de situaciones, el juego de palabras, el habla popular, el italum acetum, la grosería, la tramoya, vestimenta exagerada, el sabor rural, la crítica social velada, la ausência de contenido político, la falta de estudio psicológico de los personajes, la contaminatio, la pantomima, la vivacidad en el diálogo y en las acciones, los diverba, los cantica.”

O grupo não deixa ainda de advertir o público de que a improvisação, fruto do contacto com os espectadores, estará pontualmente presente no espectáculo. Alguma reacção do público estava, de resto, pressuposta nas palhaçadas, nos pedidos de silêncio ou de colaboração dirigidos aos espectadores romanos, nas reiteradas advertências, na *captatio benevolentiae* dos prólogos, nas alusões à actualidade, nas repetições e nas zombarias do escravo. Nessa interacção frequente entre actores e espectadores, a plebe romana chegava a ser a actriz principal.

O espectáculo teve, efectivamente, muita cor, luz, ritmo, canto e dança. Entre os actores, importa destacar o desempenho de Javier Ortega Jaén, que foi um Tranião cheio de carisma, astúcia e poder de improvisação, como convém a um escravo plautino que se preze.

Paulo Sérgio Ferreira,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico no
Portugal Contemporâneo III*
(Coimbra 2004) 143-145.



Comédia do Fantasma
de Plauto
Praça 8 de Maio
(Coimbra)
Fotos de José Batista

IV FESTIVAL ESCOLAR DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO



10 de Abril de 2003, 21.30 horas, Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra)
Édipo em Colono de Sófocles, grupo Hélios de Madrid

24 de Abril de 2003, 21.30 horas, Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras de Coimbra
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

28 de Abril de 2003, 11.00 horas, Teatro do Colégio de S. Teotónio (Coimbra)
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

28 de Abril de 2003, 15.00 horas, Teatro do Colégio de S. Teotónio (Coimbra)
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

30 de Abril de 2003, 11.00 horas, Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga)
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

30 de Abril de 2003, 15.00 horas, Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga)
Comédia da Marmita de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

30 de Abril de 2003, 21.30 horas, Largo da Câmara Municipal de Miranda do Corvo
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

6 de Maio de 2003, 11.00 horas, Conimbriga
Rei Édipo de Sófocles, grupo Teat@amus do Colégio de Calvão

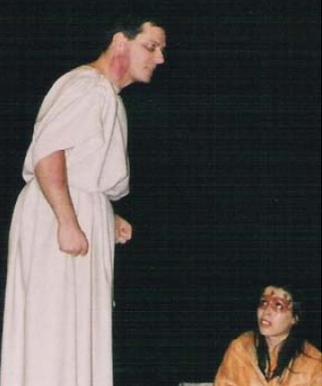
6 de Maio de 2003, 15.00 horas, Conimbriga
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

14 de Maio de 2003, 15.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Rei Édipo de Sófocles, grupo Teat@amus do Colégio de Calvão

15 de Maio de 2003, 11.00 horas, Conimbriga
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

16 de Maio de 2003, 15.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

28 de Maio de 2003, 21.30 horas, Conimbriga
Dido e Eneias de H. Purcell, grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra



V FESTIVAL DE VERÃO DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

10 de Junho de 2003, 17.30 horas, Conimbriga
O Corpo de Helena de Paulo José Miranda, grupo Ágon das Caldas da Rainha

26 de Junho de 2003, 21.45 horas, Museu Nacional Machado de Castro
O Corpo de Helena de Paulo José Miranda, grupo Ágon das Caldas da Rainha

4 de Julho de 2003, 22.30 horas, Centro de Arte e Espectáculos da Figueira da Foz
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

5 de Julho de 2003, 21.45 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

7 de Julho de 2003, 21.45 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
Antígona de Sófocles, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

8 de Julho de 2003, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
Antígona de Sófocles, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

10 de Julho de 2003, 22.00 horas, Antigo Mercado (Viseu)
A Comédia do Fantasma de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

11 de Julho de 2003, 22.30 horas, Centro de Arte e Espectáculos da Figueira da Foz
A Comédia do Fantasma de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

12 de Julho de 2003, 20.00 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
A Comédia do Fantasma de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

16 de Julho de 2003, 21.30 horas, Claustros da Sé Velha de Coimbra
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

Comemoração do centenário do nascimento de Sófocles

Em 2003 decorreu o 25º centenário do nascimento de Sófocles, um dos principais e mais influentes tragediógrafos da Grécia antiga. Para comemorar essa efeméride foi organizado um Festival Internacional de Teatro, no qual foram apresentadas tragédias do referido dramaturgo, ou espectáculos com ele relacionados.

Parte integrante da cultura de hoje, os temas e mitos greco-romanos são utilizados, a cada passo, por autores contemporâneos para darem corpo a valores e ideais do homem da actualidade. A cultura clássica criou valores intrínsecos de grande relevância que, transmitidos ao longo dos tempos, estão na base do viver e sentir do homem moderno: em especial deram forma à cultura ocidental e nela permanecem pujantes e vivos. E nesse processo exerceu papel de relevo o teatro.

A tragédia, que buscava preferentemente os seus assuntos na tradição lendária dos heróis ou dos deuses, equacionava perante o público problemas das relações do homem com os deuses (por exemplo, casos de piedade e de insolência), situações de medição das forças humanas com as do destino e problemas de relações dos homens entre si, ou seja questões de justiça.

Sófocles foi um dos que mais influência exerceu e continua hoje presente na cultura e literatura. Muitas das suas figuras – como Édipo, Antígona, Clitemnestra, Orestes, Electra, Filoctetes, Ajax, Ulisses – continuam vivas e tornaram-se símbolos ou paradigmas.

José Ribeiro Ferreira

Vestuário, adereços e objectos nas tragédias de Sófocles

Exposição integrada no colóquio
“25 séculos do nascimento de Sófocles”
(de 27 de Novembro a 14 de Dezembro de 2003)

Organização

Instituto de Estudos Clássicos
da Universidade de Coimbra
FESTEIA-Tema Clássico
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Apoios

Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003
Reitoria da Universidade de Coimbra
IES Carlos III de Madrid

Concepção, direcção e desenho do vestuário

Gemma López Martínez
Assistência científica
José Luis Navarro



XXV CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SÓFOCLES

Vestuário, adereços e objectos nas tragédias de Sófocles

SALA DO EXAME PRIVADO – REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DE 27 DE NOVEMBRO A 14 DE DEZEMBRO DE 2003



Traquínias de Sófocles

Grupo Thíasos do IEC

Tradução

Maria do Céu Fialho

Encenação

Delfim Ferreira Leão

Direcção de actores

Victor Torres

Coreografia

Carla Braz

Guarda-roupa

Luísa de Nazaré Ferreira, Maria Valente,

Inês Santos

Sonoplastia e iluminação

Carlos Santos, Isidro Alves, Carlos Jesus

Elenco

Elisa Bogalheiro, Patrícia Santos (Dejanira)

Amélia Álvaro de Campos,

Sofia Costa, Natália Alves (Ama)

Nuno Gertrudes (Hilo)

José Luís Brandão (Mensageiro)

Bruno Fernandes (Licas)

Delfim Leão, Luís Marques Cruz (Hércules)

Manuel Santos, Joaquim da Silva (Figurantes)

Coro

Carla Braz, Carla Simões, Carla Marques,
Liliana Dias, Liliana Figueiredo, Lia Nunes,
Natália Alves, Patrícia Ferreira, Silvia Costa,

Sónia Santos, Susana Bastos,

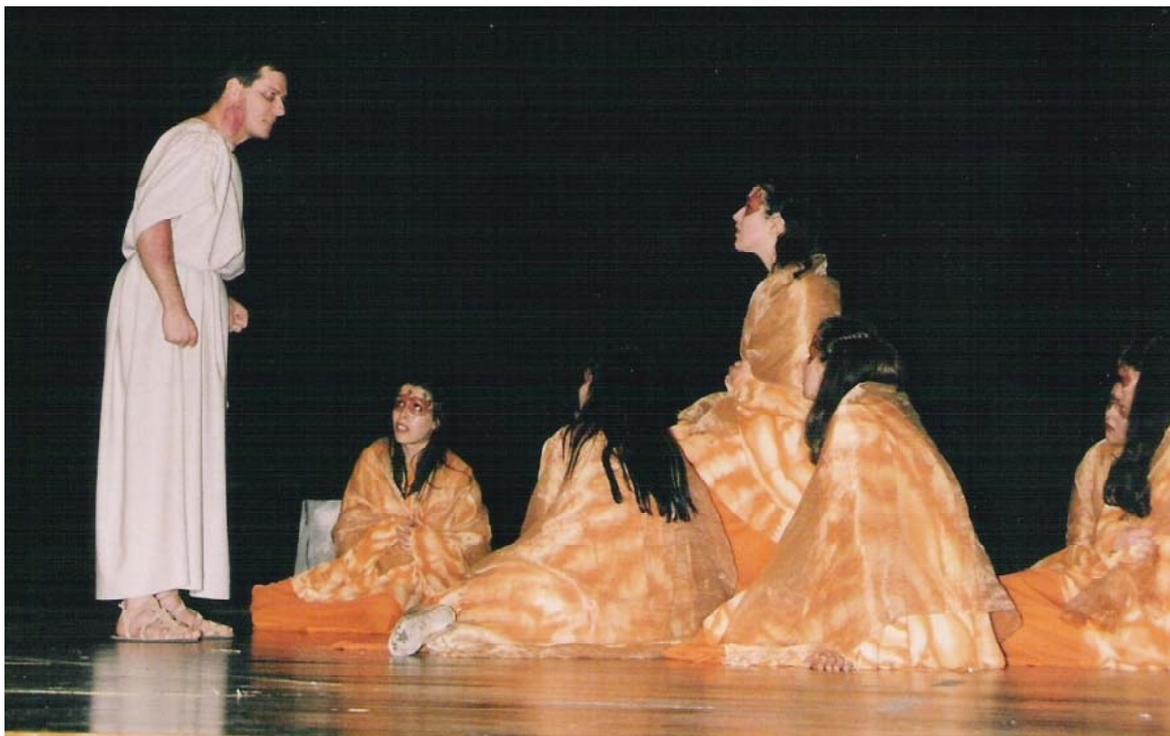
Verónica Fachada

Com esta produção, o Thíasos ensaia, pela segunda vez, os caminhos da tragédia grega. Como linha orientadora da encenação, foi adoptada a imagem do fogo, enquanto metáfora da paixão que avassala as personagens centrais (Dejanira e Hércules) e também como símbolo da própria destruição que se abaterá sobre o herói dos doze trabalhos (primeiro no manto oferecido por Dejanira e, por último, na pira final).

A ambivalência deste poderoso signo marca a própria caracterização do coro, cujo vestuário procura sugerir as cores instáveis do fogo. De resto, ao coro cabe a função de narrar e sublinhar (com menos texto e mais recurso a música e a coreografia) parte do drama que será vivido pelo par Dejanira/Hércules. Desta forma, é o Coro quem verdadeiramente inicia a peça, através de uma dança que procura sugerir a ideia de uma relação amorosa que se vai construindo através do cruzamento de passos e de gestos, até que se instala a sombra da separação. Só quando o Coro se anula (como se todos os seus elementos fossem estátuas de um jardim) é que entra Dejanira, expondo à Ama as apreensões que traz na alma.

Toda a movimentação do Coro visa obedecer ao objectivo de fornecer um subtexto capaz de criar no espectador vários níveis de leitura. Por esse motivo, as posições assumidas procuram evocar motivos da escultura grega (as Cariátides, a Vitória de Samotrácia, o friso



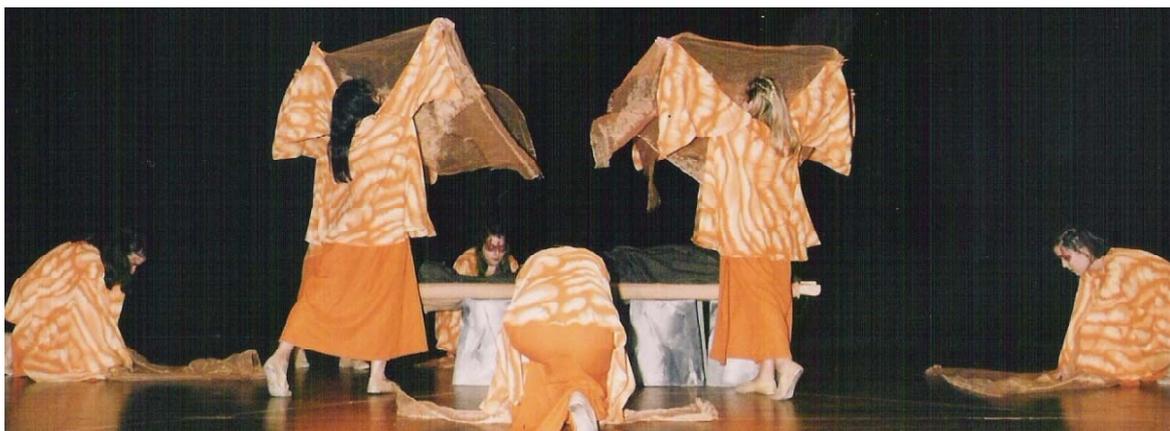


de um templo), numa metamorfose constante que serve ora de comentário ora de reforço à linha de acção. O mesmo objectivo se pretende com os apontamentos de cenário (oito blocos quadrangulares), que funcionam como bases de estátuas, bancos de juízes ou ainda como a lenha da pira que há-de evocar a imolação de Hércules, na cena final, em que os mantos e as próprias jovens de Tráquis se transformam no fogo que devora o herói grego, até se debulharem no chão, como cinza ainda quente.

A aposta forte na música e em evoluções coreográficas, que aparece agora, e pela primeira

vez, como uma das opções de fundo numa encenação do Thíasos, procura ir ao encontro de uma concepção do teatro grego enquanto forma de arte que vive muito da palavra, mas também da música, do canto e da dança.

Delfim Ferreira Leão,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico no
Portugal Contemporâneo III* (Coimbra 2004)
52-53.



Traquínias de Sófocles
Colégio de S. Teotónio
Fotos de José Batista

Rei Édipo de Sófocles

Grupo Teat@amus

Núcleo de Teatro do Colégio de Calvão

Tradução

Maria do Céu Fialho

Encenação

Filipe Jorge e Jorge Carvalhais

Cenografia

Alunos do Agrupamento 2

Guarda-roupa

D. Rosa

Iluminação

Paulo Henrique, Pedro Neto

Composição musical

Paulo Henrique, Pedro Neto,

Fernando Ferreira

Elenco

Carlos Carvalhais (Édipo)

Simone Miranda (Jocasta)

Jorge Carvalhais (Creonte)

Filipe Jorge (Tirésias)

Sara Leigo (Sacerdote)

Bianca Barros (Mensageiro de Corinto)

Janette Ferreira (Mensageiro do Palácio)

Rosa Pequeno (Servo)

Pedro Reis (Soldado)

Daniela Simões (Antígona)

Michelle Rita (Ismena)

Coro

Carina Alves, Susana Diamantino,

Ana Oliveira, Ana Cláudia Cruz,

Neide Almeida, Lucia Silva, Márcia Balseiro

Para os encenadores (e também actores), os professores Filipe Jorge e Jorge Carvalhais, o desafio de apresentar um texto com a forte carga simbólica e emotiva como o do *Rei Édipo* de Sófocles constituiu uma enorme responsabilidade. Secundados entusiasmaticamente pelos professores de Latim e de Grego do Colégio, quiseram recriar este clássico sofocliano. A estreia ocorreu “em casa”, na noite do dia 2 de Maio de 2003. Estiveram presentes cerca de duas centenas de pessoas. Servindo-se de um elenco de dezanove elementos, todos eles alunos do Colégio, e estudantes dos Agrupamentos I, 2, e 4, com indumentárias e cenários inteiramente criados para o efeito, o espectáculo decorreu, como pensado e desejado, ao ar livre, em noite primaveril.

Mário Paulo Martins,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo III*
(Coimbra 2004) 49.





Rei Édipo de Sófocles
Conimbriga
Fotos de José Batista

Antígona de Sófocles
Grupo Balbo do IES de Puerto de Santa
María (Cádiz)

Encenação e direcção

Emilio Flor Jiménez

Elenco

Esther Punar Reyes (Antígona)

António Pantoja (Creonte)

Patricia López Ocana (Ismena)

Libertad Marin Rueda (Corifeu)

Juan Lorca (Guarda)

António Zarola (Hémon, Etéocles, Coro)

Francisco Rodríguez (Tirésias)

Jesús Maria Gutierrez Torres

(Polinices, Mensageiro, Coro)

Maria Serpa Mora, Antonio Zarola (Coro)

Miriam Perea (Eurídice)



No ano das comemorações do 25.º centenário do nascimento de Sófocles, este grupo de Cádiz trouxe a Coimbra, ao IV Festival de Teatro Escolar de Tema Clássico, a *Antígona* do tragediógrafo grego que, então, se homenageava.

Reproduzindo com grande fidelidade aspectos materiais do teatro grego, como o vestuário, os adereços e o cenário que adequadamente se caracterizavam pela simplicidade, o Grupo Balbo, dirigido por Emilio Flor, conseguiu transportar o espectador dos inícios do terceiro milénio para a Atenas do séc. V a.C., fazendo-o participar no conflito, sempre actual, entre a lei divina e a lei humana, o direito privado e o direito público, defendidos respectivamente pela intrépida Antígona e pelo inflexível Creonte.

Apesar de toda esta louvável fidelidade, o encenador assumidamente transgrediu, ao representar as mortes em cena, contrariando, assim, a tradição grega. Com esta prática do teatro romano, pretendia conferir à encenação o dramatismo que mais facilmente leva o espectador à catarse trágica. Este pormenor, discutível, não deslustra uma representação que se pautou por uma grande dignidade e rigor.

Carlos Morais,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo III* (Coimbra
2004) 35-36.

Antígona de Sófocles
Pátio da Universidade
de Coimbra
Fotos de José Batista



O Corpo de Helena
de António José Miranda
Grupo Ágon das Caldas da Rainha

Adaptação e encenação
Aníbal Rocha

Nesta coexistência temporal do clássico e do contemporâneo – onde os elementos cenográficos, os adereços e a banda sonora, para além da sua função como tal, assumem também importância simbólica e metafórica, quer na interação das personagens, quer associados aos vários momentos trágicos – fundamentam-se a delimitação do espaço cénico e as marcações dos actores: sem descurar os grandes planos dos seus rostos (que eventualmente passarão despercebidos se os espectadores se situarem a determinada distância), investi em posições estáticas e abertas, como estátuas cuja postura é visível ao longe; para além de movimentações rígidas que delimitam psicologicamente um jogo de xadrez. Ao centro, presente/ausente, a Rainha (o corpo de Helena) domina, apesar de imóvel; todos os outros são atraídos por ela e ocupam o espaço em função daquele centro que ela ocupa. Menelau é o Rei-cavalo: movimenta-se em L sempre em função dela, não só para se sentir defendido, mas também para a proteger, ocupando uma casa à frente e atrás do leito. Ulisses e Agamémnon são Bispos e movimentam-se de acordo com a sua função. Ártemis tem um percurso diferente, em círculos apertados em torno de Menelau e do leito, como uma vontade superior que manipula a seu belo prazer os sentidos e as direcções das outras personagens.

Esses movimentos representam também que toda a dinâmica do conflito foi organizada pela sua vontade: simultaneamente despeito, orgulho ofendido ou, sendo Ártemis a deusa da caça, a fera que encurrala a presa e, recusando devorá-la, prefere divertir-se com o seu *pathos*. Porquê esta atitude implacável de Ártemis?

Não me parece que a razão tenha sido só porque Menelau “ousou desafiar os deuses”.

Os quatro elementos femininos do Coro funcionam com a bivalência de Fúriase e das quatro Torres do jogo de xadrez; conseqüentemente, ocupam também o espaço cénico com posturas redondas e movimentos circulares. Mas representam também os quatro elementos que, ora individual ora colectivamente, ora em conflito ora em concordância, vão também sentindo o clímax da acção.

Aníbal Rocha



O Corpo de Helena
Museu Nacional
Machado de Castro
Fotos de José Batista

V FESTIVAL ESCOLAR DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

2 de Março de 2004, 16.00 horas, Centro Cultural D. Dinis (Coimbra)
Marcial em trajés de cena, grupo Thíasos do IEC

11 de Março de 2004, 21.00 horas, Instituto Universitário Justiça e Paz (Coimbra)
Marcial em trajés de cena, grupo Thíasos do IEC

3 de Abril de 2004, 21.00 horas, Tours (França)
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

27 de Abril de 2004, 11.00 horas, Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga)
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

27 de Abril de 2004, 15.30 horas, Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga)
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

28 de Abril de 2004, 15.30 horas, Antigo Convento de Santana (Coimbra)
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

29 de Abril de 2004, 21.30 horas, Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

29 de Abril de 2004, 15.30 horas, Conimbriga
Os Dois Menecmos de Plauto, grupo Ágon das Caldas da Rainha

30 de Abril de 2004, 11.00 horas, Antigo Convento de Santana (Coimbra)
Rei Édipo de Sófocles, grupo Teat@amus do Colégio de Calvão

3 de Maio de 2004, 11.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

3 de Maio de 2004, 16.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)
Marcial em trajés de cena, grupo Thíasos do IEC

4 de Maio de 2004, 15.30 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)
Os Dois Menecmos de Plauto, grupo Ágon das Caldas da Rainha

5 de Maio de 2004, 15.30 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)
As Rãs de Aristófanes, grupo Batrakoi da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

14 de Maio de 2004, 11.00 horas, Conimbriga
Electra de Sófocles, grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

14 de Maio de 2004, 15.30 horas, em Conimbriga
O Soldado Fanfarrão de Plauto, grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

15 de Maio de 2004, 21.30 horas, Teatro Viriato (Viseu)
A Comédia da Cestinha de Plauto, grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

18 de Maio de 2004, 21.30 horas, Conimbriga
Mozart & Mozart, grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra



VI FESTIVAL DE VERÃO DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

10 de Junho de 2004, 19.00 horas, Conimbriga
Os Dois Menecmos de Plauto, grupo Ágon das Caldas da Rainha

25 de Junho de 2004, 21.30 horas, Louriçal
Marcial em trajes de cena, grupo Thíasos do IEC

26 de Junho de 2004, 21.45 horas, Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra)
A Paz de Aristófanes, Companhia de Teatro de Almada

2 de Julho de 2004, 21.45 horas, Coimbra
Lisístrata de Aristófanes, grupo Meia Via de Torres Novas

3 de Julho de 2004, 18.45 horas, Conimbriga
Lisístrata de Aristófanes, grupo Meia Via de Torres Novas

5 de Julho de 2003, 21.45 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

6 de Julho de 2003, 21.45 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
Antígona de Sófocles, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

7 de Julho de 2004, 22.00 horas, Teatro Viriato (Viseu)
Antígona de Sófocles, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

8 de Julho de 2004, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
As Coéforas de Ésquilo, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

9 de Julho de 2004, 22.00 horas, Museu Grão Vasco (Viseu)
As Troianas de Eurípidés, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

10 de Julho de 2004, 21.45 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
A Comédia do Fantasma de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

11 de Julho de 2004, 21.45 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

14 de Julho de 2004, 21.45 horas, Átrio do Pátio da Inquisição (Coimbra)
Os Dois Menecmos de Plauto, grupo Ágon das Caldas da Rainha

15 de Julho de 2004, 21.45 horas, Claustros da Sé Velha (Coimbra)
Electra de Sófocles, produção FESTEIA / Thíasos do IEC

16 de Julho de 2004, 16.30 horas, Conimbriga
Electra de Sófocles, produção FESTEIA / Thíasos do IEC

17 de Julho de 2004, 22.00 horas, Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz
Anfitrião de Plauto, grupo Thíasos do IEC

18 de Julho de 2004, 19.00 horas, Conimbriga
A Rapariga de Samos de Menandro, Teatro do Lyceu da Figueira da Foz

22 de Julho de 2004, Puerto de Santa María (Cádiz)
As Traquínias de Sófocles, grupo Thíasos do IEC

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

Elogio ao teatro clássico

O teatro de tema clássico irá aproximar cinco cidades portuguesas. Até 18 de Julho vai decorrer o VI Festival Internacional de Verão de Teatro Clássico.

Seis grupos de Portugal e Espanha participam no VI FESTEIA - Festival Internacional de Verão de Teatro Clássico, que se inicia na quinta-feira e se prolonga até 18 de Julho em cinco cidades, foi ontem anunciado em conferência de Imprensa.

Coimbra e a antiga cidade romana de Conímbriga, com cinco espectáculos cada, são as localidades mais visitadas pelo festival, mas também Braga (duas representações), Viseu e Figueira da Foz (uma cada) constituem itinerários dos grupos.

No seu conjunto vão apresentar-se 14 espectáculos, sendo que o programa abre dia 10 no palco natural das ruínas romanas de Conímbriga com a apresentação de "Os dois Menecmos", de Plauto, pelo Grupo Agon, das Caldas da Rainha.

O segundo espectáculo, "A Paz", de Aristófanes, está agen-



dado para o próximo dia 23 no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), em Coimbra, e será apresentado pela única companhia profissional a participar no FESTEIA, o Grupo de Teatro de Almada.

De Puerto de Santa Maria de Cádiz, Espanha, irá chegar o grupo Balbo, que trará ao FESTEIA quatro produções distintas, "Antígona" (Sófocles), "As Troianas" (Eurípides), "As Coéforas" (Ésquilo) e "A Comédia do Fantasma" (Plauto).

Balbo é o nome de uma célebre família romana que teve

uma importância decisiva nas reformas romanizadoras da antiga cidade de Gades, a que o grupo prestou homenagem ao escolher o seu nome.

Este grupo amador, criado pelo professor de Latim Ermílio Flor, desde 1974 que encena peças clássicas com um objectivo didáctico e pedagógico.

O Grupo Thíasos, do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, irá apresentar no festival três produções, "As Traquínias", "Electra" (ambas de Sófocles) e "Anfitrião" (Plauto).

O Thíasos surgiu oficialmente em 2000, mas o seu nascimento remonta a 1991, quando um grupo de assistentes daquele instituto da Faculdade de Letras decidiu montar um espectáculo para apresentar na cerimónia comemorativa da sagração da Sé Velha de Coimbra.

"A Listrata", de Aristófanes, levada à cena pelo Teatro Meia Via, de Torres Novas, um grupo fundado em 2001, e "A Mulher de Samos", de Menandro, pelo Theatro do Lyceu, da Escola Joaquim de Carvalho da Figueira da Foz são as restantes produções programadas.

As ruínas romanas de Conímbriga; o Teatro Viriato, de Viseu; o Centro de Artes do Espectáculo da Figueira da Foz; o Museu D. Diogo de Sousa, de Braga; o jardim da Sereia; o Pátio da Universidade e os Claustros da Sé Velha (todos em Coimbra) são alguns dos palcos naturais escolhidos para as representações.

O VI FESTEIA - Festival Internacional de Verão de Teatro Clássico é organizado pela associação com o mesmo nome em conjunto com o Grupo Thíasos da Faculdade de Letras de Coimbra e a Liga dos Amigos de Conímbriga.

Diário As Beiras
(9 de Junho de 2004)

Marcial em Trajes de Cena

Grupo Thíasos do IEC

Tradução

Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão,
Paulo Sérgio Ferreira

Dramaturgia e encenação

Carlos Jesus e Carla Braz

Seleção de textos

José Luís Brandão

Coreografia

Carla Braz

Consultores

Delfim Leão, José Luís Brandão

Sonoplastia

Carlos Jesus, Tiago Cabral

Luminotecnia

Carlos Santos

Guarda-roupa

Carla Braz

Inês Santos

Adereços

Carlos Santos, Inês Santos

Elenco

Carlos Jesus, Carla Braz, Mariana Matias,
Verónica Fachada, Patrícia Martinho,
Sónia Simões, Natália Alves, Isabel Santos,
Bruno Simões, Eduardo Conceição,
Ana Catarina Rodrigues, Ândrea Oliveira,
Joana Cruz, Lia Nunes

Estreada a 2 de Março de 2004, no encerramento das jornadas científicas “Celebração de Marcial 2004”, a peça consiste na recolha e dramatização de vários epigramas do poeta latino, comemorando os 1900 anos passados sobre a sua morte. De uma primeira e animada cena de banquete, onde se representam os quadros sociais mais característicos da escrita do autor – os ébrios, os caçadores de heranças, os advogados ou os efeminados – as personagens, todas elas anónimas, simulam alegoricamente o regresso de Marcial à sua terra BÍlbilis, na Hispânia. Aqui contempla ele a simplicidade da vida, tecendo invectivas ao ritmo citadino com todos os seus vícios. Nasce a saudade da agitação cosmopolita, terminando a peça com o desencanto e a morte (sugerida) da figura central.

Tudo se passa num plano simbólico. O resultado que se apresenta mais não é do que um exercício de interpretação, entre outros possíveis, da vida e obra de um artista, mas em especial de um homem que marcou o seu tempo e a posteridade.

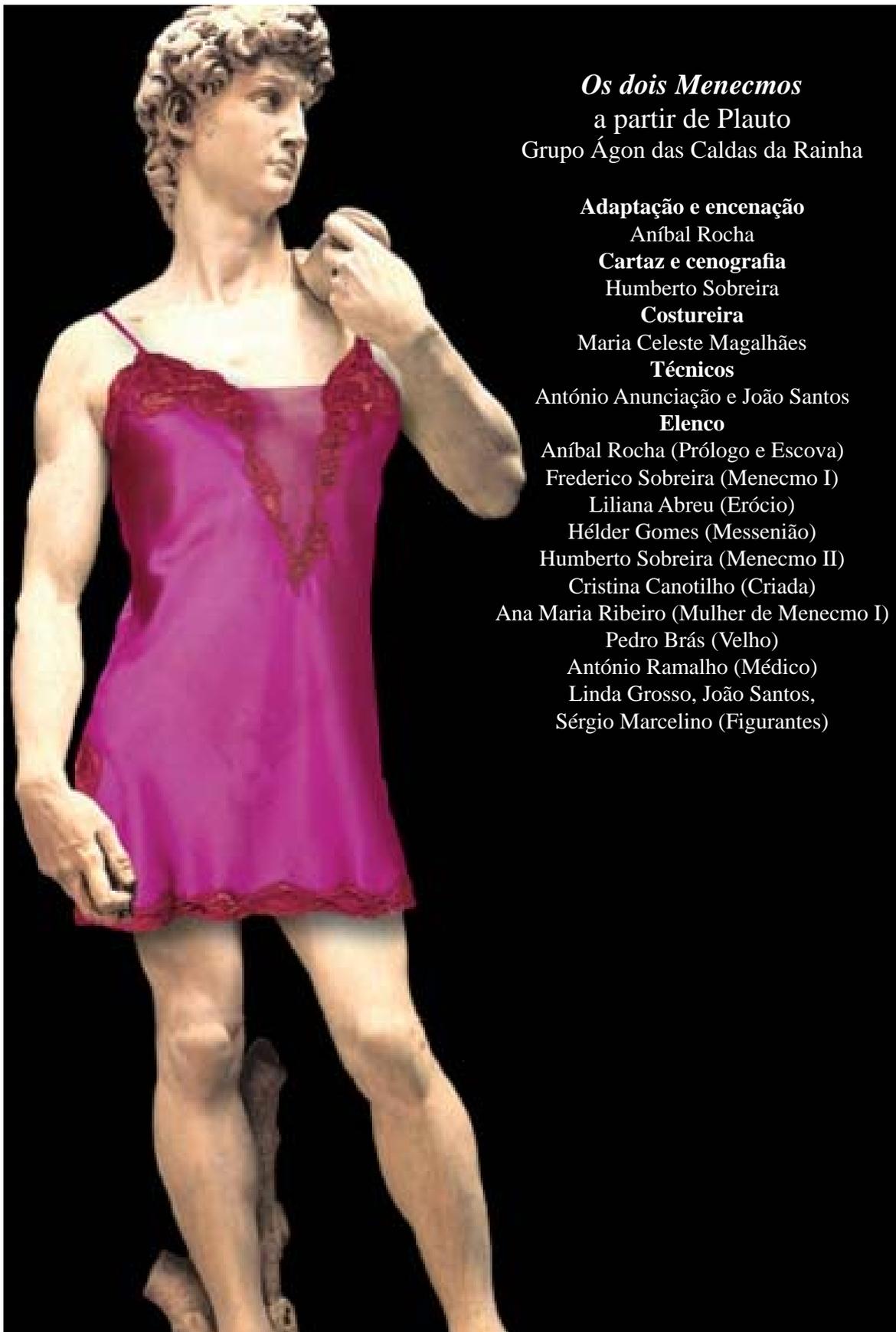
Carlos A. Martins de Jesus,
in Maria de Fátima Silva (coord.),
*Representações de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo III*
(Coimbra 2004) 178.





*Marcial em Trajes
de Cena*
Centro Cultural
D. Dinis
Fotos de José Batista





Os dois Menecmos
a partir de Plauto
Grupo Ágon das Caldas da Rainha

Adaptação e encenação

Aníbal Rocha

Cartaz e cenografia

Humberto Sobreira

Costureira

Maria Celeste Magalhães

Técnicos

António Anunciação e João Santos

Elenco

Aníbal Rocha (Prólogo e Escova)

Frederico Sobreira (Menecmo I)

Liliana Abreu (Erócio)

Hélder Gomes (Messenião)

Humberto Sobreira (Menecmo II)

Cristina Canotilho (Criada)

Ana Maria Ribeiro (Mulher de Menecmo I)

Pedro Brás (Velho)

António Ramalho (Médico)

Linda Grosso, João Santos,

Sérgio Marcelino (Figurantes)

As Rãs de Aristófanes
Grupo Batrakoi da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Tradução

Américo da Costa Ramalho
(com adaptações pontuais do grupo)

Direcção de actores e encenação

José Pedro Moreira
Ana Cristina Matafome

Guarda-roupa e maquilhagem

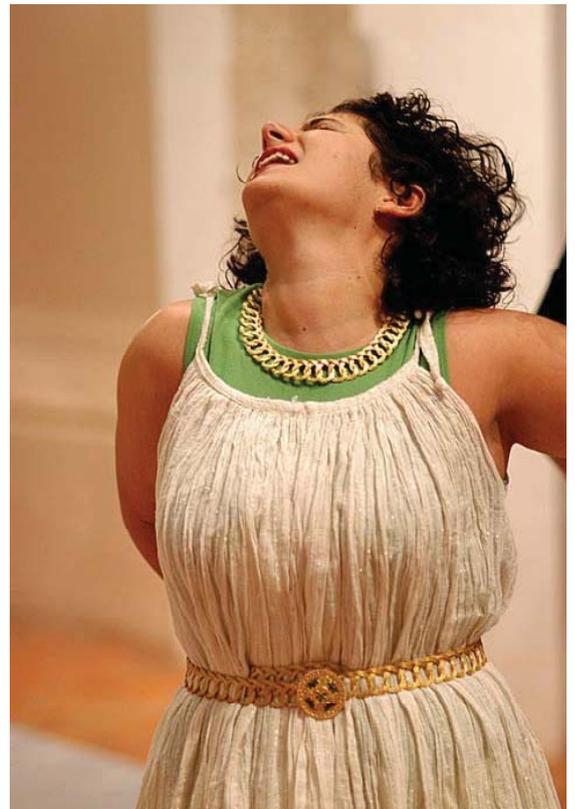
Batrakoi

Elenco

Catarina Gaspar (apresentação)
Ana Cristina Matafome (Corifeu)
Susana (Maestrina)
Helena Sabina, Catarina Carvalheiro
("Coaxadoras")
André Simões (Dioniso)
José Pedro Moreira (Xântias)
Luís André Agostinho (Morto, Caronte)



As Rãs de Aristófanes
Museu Arqueológico
de S. Miguel de Odrinhas
Fotos do grupo



A Comédia da Cestinha de Plauto
Grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

Versão e tradução

Pedro Sáenz Almeida

Direcção

Susana Verdú Martínez

Pedro Sáenz Almeida

Tradução e reconstrução cénica

Pedro Sáenz Almeida

Vestuário

Ruth P. Sánchez

Coreografia

Susana Verdú

Cenografia

Roberto López

Música

Juan G. Poveda

Iluminação e som

Sonia García

Coordenação

Luis Jiménez, Susana Verdú

Elenco

Alba Rodríguez (Selénia)

Susana Verdú (Gimnásia)

Raul Verdú (Sira)

Carlos Martos (Deus Auxílio)

Luis Jiménez (Alcesimarco)

Javier Oleza (Pai)

Juanjo Sánchez (Lampadião)

Lucía Díaz (Melénide)

Paola Martínez (Fanóstrata)

Débora Mamblona (Halisca)

A jovem Selénia, que tinha sido abandonada à nascença e recolhida por uma meretriz, enamora-se de um jovem de boas famílias, Alcesimarco, que também a deseja loucamente. Mas este belo idílio vê-se interrompido pelo pai do jovem, empenhado em casar o filho com uma rapariga da sua classe social.

O idealismo dos jovens confronta-se assim com o realismo dos adultos; amor e conveniência são os parâmetros que marcam o motivo desta comédia: os meandros da trama argumentativa irão tecendo os fios que desembocarão no reconhecimento da menina abandonada por seus pais verdadeiros e que nos levarão directamente ao triunfo do amor.

Esta comédia de Plauto, estreada à volta do ano 203 a.C., é um excelente exemplo de que a *fabula palliata* latina deve aos autores da Comédia Nova grega.

O lamentável estado de conservação dos manuscritos latinos, que nos transmitiram a *Cistellaria* – faltam-lhe mais de 600 versos – tornou necessária uma reconstrução para que também esta obra de Plauto pudesse subir aos palcos.

do Programa



A Paz de Aristófanes
Companhia de Teatro de Almada

Tradução

Maria de Fátima Silva

Encenação

Vítor Gonçalves

Cenário e figurinos

Maria João Vieira Ramos

Coreografia

Raquel Vieira de Almeida

Apontamento musical

André Louro

Desenho de luz

José Carlos Nascimento

Elenco

Alfredo Sobreira (Guerra, Escravo, Coro)

André Louro (Hermes, 2.º Escravo)

Cátia Ribeiro (Filha, Coro)

Francisco Costa (Trigeu)

Luís Ramos (Hiérocles, Escravo, Coro)

Maria Frade (Refrega, Coro)

Miguel Martins (Vendedor de armas, Coro)

Filipa Moraes (Folgança)

Susana Mendes (Deusa dos frutos)

A Companhia de Teatro de Almada levou à cena *A Paz* de Aristófanes. O contexto internacional era propício a que se falasse de paz, quando o ataque aliado contra o Iraque se processava, perante uma larga contestação proveniente de diversos países. Correndo todos os riscos de confrontar um público moderno com a peça de 421 a.C., encomendada para celebrar, em Atenas, a paz de Nícias que então suspendia, por tempo escasso, o conflito com as forças do Peloponeso, passando por cima das características menos fulgurantes desta produção de Aristófanes, a Companhia de Teatro de Almada brindou os muitos espectadores que aderiram ao espectáculo com uma produção a todos os títulos meritória.

Decerto que a impressão geral mais imediata tem a ver com a vivacidade que se manteve uma constante em toda a representação. O

texto, desprovido de muitos dos recursos que fizeram a riqueza cômica de outras produções do poeta de Atenas, e enriquecido com outro tipo de elementos marcados por uma nostalgia sofrida perante a saudosa paz, tende a ser de alguma forma pálido de efeitos, e só a gesticulação apropriada e a boa exploração dos tons subjacentes ao texto permitiram torná-lo divertido e mobilizador.

A encenação foi também feliz. Valorizando o contraste branco/preto (paz/ guerra), solucionou com recursos apropriados os aspectos especiais de cena que a peça coloca: o voo de Trigeu ao Olimpo sobre um escaravelho voador suspendeu Francisco Costa sobre um gracioso animal alado, que o fez elevar-se sobre a cena; o almofariz da guerra e o pilão exprimiram-se como uma simulação rolante que pôs em cena um efeito adequado; uma simples sanita isolada em cena, no início do espectáculo, marcou o tom do banquete servido ao escaravelho.

O texto foi integralmente respeitado, com todas as dificuldades que pode colocar a um público cronologicamente desfasado do contexto primitivo e muito do seu sucesso dependeu da forma como foi dito, sem permitir que momentos difíceis como a parábase deixassem cair o efeito. Para resolver o problema da sua pouca extensão, a peça foi acrescentada pela colagem do monólogo de Diceópolis, na abertura de *Acarnenses*, numa *contaminatio* que permitiu, de resto, fundamentar com os queixumes de um ateniense desgostoso com o rumo dos acontecimentos na sua cidade o voo utópico de Trigeu em busca de uma resposta dos deuses. Uma palavra de elogio é devida ao trabalho de actores e à solução do coro, que foi mobilizando os diversos actores, e que deu voz às preocupações colectivas sem privar cada um dos seus elementos de alguma individualidade; um compromisso, portanto, bem sucedido entre o individual e o cívico.

Maria de Fátima Silva,
in *Representações de Teatro Clássico*
no Portugal Contemporâneo III
(Coimbra 2004) 82-84.



A Paz de Aristófanes
Companhia de
Teatro de Almada
Fotos do grupo

Soldado Fanfarrão de Plauto
Grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

Versão e tradução

Pedro Sáenz Almeida

Direcção

Susana Verdú Martínez

Pedro Sáenz Almeida

Vestuário

Ruth P. Sánchez

Coreografia

Susana Verdú

Iluminação e som

Sonia García

Coordenação

Luis Jiménez, Susana Verdú

Elenco

Raúl Verdú (Pirgopolinices)

Pablo Martínez (Artotrogo)

Luis Jiménez (Palestrião)

Javier de Oleza (Periplectómeno)

Juanjo Sánchez (Escedro)

Alba Rodríguez (Filocomásia)

Susana Millán (Criada)

Carlos Martos (Plêusicles)

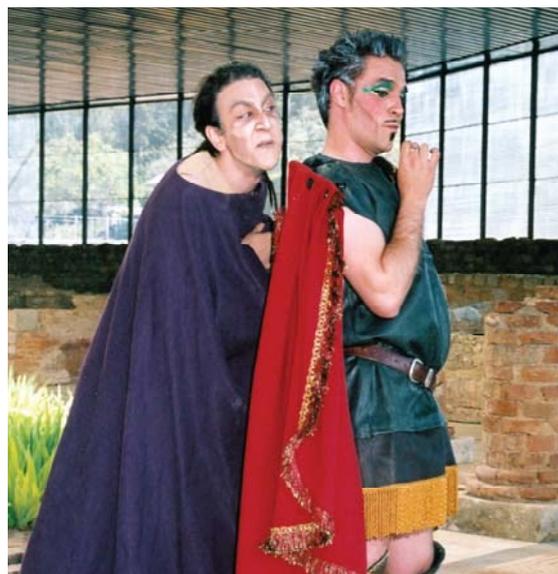
Débora Mamblona (Milfidipa)

Lucía Díaz (Acrotelêucia)

Pablo Martínez (Caríon)

A meretriz Filocomásia, na ausência de Plêusicles, é levada contra a sua vontade de Atenas para Éfeso pelo *miles* Pirgopolinices e forçada a viver como sua concubina. Avisado pelo escravo Palestrião, que está agora ao serviço de Pirgopolinices, Plêusicles chega a Éfeso e instala-se em casa de Periplectómeno, velho amigo de seu pai, que vive justamente numa casa contígua à do *miles*. A partir daí, põem-se em jogo os enredos e artimanhas do astuto Palestrião para libertar Filocomásia do poder de Pirgopolinices, enganando o *miles*.

do Programa



O Soldado Fanfarrão
de Plauto
Conimbriga
Fotos de José Batista



A Rapariga de Samos de Menandro

Theatro do Lyceu da Figueira da Foz

Tradução

Maria de Fátima Silva

Adaptação e encenação

António Tavares

Adereços e guarda-roupa

Ana Paula Índio

Confecção do guarda-roupa

Justina Martelo

Adereços cenográficos

Hermínio Monteiro

Anotação e apoio de cena

Fernanda Sobral

Elenco

Carlos Santos, Helena Sales, Isabel Cardoso,

Jaime Beja, João Paulo Borronha,

Lígia Bugalho, Margarida Bessone, Nelson

Cadete, Rita Miranda, Sara Tavares

Trata-se, como sempre em Menandro, de uma história doméstica que tem por móbil um romance de amor à procura do momento de se concretizar em casamento e felicidade. Neste caso, o que é também vulgar, mais do que um simples sentimento, a história parte de uma paixão que teve, numa festa nocturna, o desafoço urgente da violação de uma moça, de onde resultou o nascimento de uma criança; tudo ainda na ignorância dos pais de família. Ao longo de uma intriga, organizada em cinco actos, vai-se viver um jogo de avanços e recuos com vista a um desfecho que, todos de antemão o sabemos, será um inevitável *happy-end*. São sobretudo os desacertos entre pai e filho o entrave ao curso fácil dos acontecimentos.

Maria de Fátima Silva
(da Introdução à tradução)

Electra de Sófocles

Produção FESTEIA / Thíasos

Tradução

Maria do Céu Fialho

Adaptação e encenação

Cristina do Aido

Música

Tiago Cabral

Elenco

Joaquim Silva, Lia Nunes, Natália Alves,

Verónica Fachada

Máscaras e figurinos

Cristina do Aido, Manuel João Vieira

Desenho de luz

Cristina do Aido

Electra, como leoa ferida, encarna as mais obscuras, violentas e elementares forças da natureza. Por seu lado, o irmão Orestes representa o modelo do herói apolíneo, forte e despreocupado, belo e cheio de luz, mesmo quando, cumprindo o oráculo de Apolo, mata a mãe para vingar o assassinato de seu pai.

Em volta dos dois irmãos movem-se as demais personagens, magistralmente caracterizadas, combinadas e dispostas por Sófocles dentro de uma acção dramática que, concebida como uma caçada, avança directamente para a armadilha final em que os assassinos pagarão o seu crime. Com a morte de Clitemnestra e do seu amante Egisto, resolve-se o conflito que abre e põe em marcha a tragédia: o crime tem de pagar-se com o crime. A vingativa Némesis do morto fica assim aplacada.

Maria do Céu Fialho
(da Introdução à tradução)

TEATRO

Thíasos leva "Electra" aos claustros da Sé Velha

▶ É COM O GRUPO de teatro do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que prossegue esta noite, às 21H45, nos claustros da Sé Velha de Coimbra, o VI Festival Internacional de Verão de Teatro de Tema Clássico. O Thíasos levará à cena "Electra", uma das mais célebres e apresentadas peças de Sófocles. Amanhã, quando forem 18H30, o grupo levará "Electra" ao espaço das ruínas romanas de Conímbriga.

"Electra" é a versão sofocliana da vingança dos filhos de Agamemnon, Orestes e Electra, pelo assassinato de seu pai. Orestes, afastado de Argos durante anos, retorna para vingar a morte de Agamemnon. Depois de encontrar a irmã, Electra, consegue entrar no palácio e matar Egisto e Clitemnestra.

Foi em Novembro de 1991 que alguns dos assistentes que agora integram o corpo de docentes do Instituto de Estudos Clássicos – então colegas de curso – encenaram, na cerimónia comemorativa da sagração da Sé Velha de Coimbra, um texto original, da autoria de Delfim Leão, intitulado Sé Velha – Pedras Vi-

vas. Essa primeira iniciativa, inteiramente preparada por alunos, iria conhecer um importante avanço em Março de 1992, altura em que discentes do 4.º ano de licenciatura organizaram um colóquio subordinado ao tema "O Amor desde a Antiguidade Clássica". Entre as várias actividades propostas, foi possível assistir à representação de parte do "Soldado Fanfarrão" plautino, levado à cena pelo autor da versão portuguesa da comédia, C. A. Louro Fonseca. Foi a partir desse momento que se colocou, verdadeiramente, a possibilidade de criar um grupo de teatro de tema clássico.

Em todo o caso, somente em 1996 é que se retomou o projecto de teatro, com a rodagem, em Conímbriga, da versão vídeo da comédia de Aristófanes "Mulheres no Parlamento", sob a direcção de Delfim Leão. A iniciativa visava atingir dois objectivos: por um lado, dar vida a aquele que é considerado o maior autor da Comédia Antiga; por outro, aproveitar um espaço arqueológico privilegiado, como é o caso de Conímbriga. E assim nasceu o Thíasos, que entretanto se transformou em associação cultural.

Diário As Beiras
(15 de Julho de 2004)

A 22 de Julho de 2004 o grupo Thíasos do IEC teve a oportunidade de apresentar *As Traquínias* em Puerto de Santa María (Cádiz), a convite do grupo Balbo dessa cidade, um dos grupos com presença mais habitual no Festival de Teatro de Tema Clássico.

O recorte de jornal que a seguir reproduzimos, em ano de Campeonato Europeu de Futebol, que terminou com a fatídica derrota da selecção nacional pela da Grécia, exprime o bom humor com que o grupo foi acolhido em terras de Espanha.



El Puerto (24 de Julho de 2004)

VI FESTIVAL ESCOLAR DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

20 de Abril de 2005, 11.00 horas, Conimbriga
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

26 de Abril de 2005, 11.00 horas, S. Martinho de Tibães (Braga)
Electra de Sófocles, produção FESTEIA / Thíasos do IEC

26 de Abril de 2005, 15.30 horas, S. Martinho de Tibães (Braga)
Os Dois Menecmos de Plauto, grupo Ágon das Caldas da Rainha

27 de Abril de 2005, 11.00 horas, Conimbriga
Electra de Sófocles, produção FESTEIA / Thíasos do IEC

28 de Abril de 2005, 15.30 horas, Convento S. Francisco (Coimbra)
Ulisses de Maria Alberta Menéres, grupo Angelus do Colégio de S. Miguel (Fátima)

30 de Abril de 2005, 21.30 horas, Teatro Viriato (Viseu)
Teócrito e Virgílio, grupo Thíasos do IEC

2 de Maio de 2005, 11.00 horas, Convento de S. Francisco (Coimbra)
Helena de Eurípides, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

2 de Maio de 2005, 15.30 horas, Convento de S. Francisco (Coimbra)
Pluto (A Riqueza) de Aristófanes, Selene do IES Carlos III de Madrid

2 de Maio de 2005, 11.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
As Troianas de Eurípides, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María (Cádiz)

2 de Maio de 2005, 15.30 horas, Pátio Grego da Faculdade de Letras de Lisboa
O Persa de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María

4 de Maio de 2005, 11.00 horas, Conimbriga
Antígona de Sófocles, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María

4 de Maio de 2005, 15.30 horas, Conimbriga
O Persa de Plauto, grupo Balbo do IES de Puerto de Santa María

5 de Maio de 2005, 11.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Electra de Sófocles, produção FESTEIA / Thíasos do IEC

5 de Maio de 2005, 15.30 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Teócrito e Virgílio, grupo Thíasos do IEC

11 de Maio de 2005, 15.30 horas, Conimbriga
Os Dois Menecmos de Plauto, grupo Ágon das Caldas da Rainha

18 de Maio de 2005, 21.30 horas, Conimbriga
La serva padrona de G. B. Pergolosi, grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra.

1 de Junho de 2005, 11.00 horas, Conimbriga
Ulisses de Maria Alberta Menéres, grupo Angelus do Colégio de S. Miguel (Fátima)

10 de Junho de 2005, 18.00 horas, Conimbriga
A Mulher de Samos de Menandro, grupo Theatro do Lyceu da Figueira da Foz



VII FESTIVAL DE VERÃO DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

30 de Junho de 2005, 21.45 horas, Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra)
Hipólito de Eurípidés, Escola Superior de Teatro e Cinema da Amadora

2 de Julho de 2005, 21.45 horas, Pátio da Inquisição (Coimbra)
Teócrito e Virgílio, grupo Thíasos do IEC

5 de Julho de 2005, 21.45 horas, Pátio da Inquisição (Coimbra)
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

6 de Julho de 2005, 21.45 horas, Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
O Soldado Fanfarrão de Plauto, grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

7 de Julho de 2005, 21.45 horas, Pátio da Universidade de Coimbra
Rei Édipo de Sófocles, grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

8 de Julho de 2005, 21.45 horas, Pátio da Inquisição (Coimbra)
Filoctetes de Sófocles, grupo Ágon das Caldas da Rainha

9 de Julho de 2005, 21.45 horas, Museu Arqueológico D. Diogo de Sousa (Braga)
Rei Édipo de Sófocles, grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

10 de Julho de 2005, 21.45 horas, Museu Arqueológico D. Diogo de Sousa (Braga)
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2005

VII Festival de Verão de Teatro

Tema Clássico

30 de Junho 21h45 TAGV Coimbra
HIPÓLITO de Eurípidés
Escola Superior de Teatro e Cinema da Amadora

02 de Julho 21h45 Pátio da Inquisição Coimbra
TEÓCRITO E VIRGÍLIO
Grupo Thíasos do IEC

05 de Julho 21h45 Pátio da Inquisição Coimbra
AS MULHERES NO PARLAMENTO de Aristófanes
Grupo Thíasos do IEC

06 de Julho 21h45 Viseu
O SOLDADO FANFARRÃO de Plauto
Grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

07 de Julho 21h45 Pátio da Universidade Coimbra
REI ÉDIPO de Sófocles
Grupo Arthistrión/Calatalifa de Madrid

08 de Julho 21h45 Pátio da Inquisição Coimbra
FILOCTETES de Sófocles
Grupo Ágon das Caldas da Rainha

VII Festival de Verão

ORGANIZAÇÃO
Instituto de Estudos Clássicos da FLUC
Liga de Amigos de Coimbra
Grupo Thíasos do IEC da FLUC

Apoio: **Diário de Coimbra**

Tel. 239 859 981 | Fax. 239 834 733
e-mail: teachass@fluc.pt

Índices

As Mulheres no Parlamento **de Aristófanes**

Grupo Thíasos do IEC

Tradução

Maria de Fátima Silva

Encenação

José Luís Brandão

Coreografia

Carla Braz

Sonoplastia

Manuel Santos, Luís de Albuquerque

Figurinos

Lúisa de Nazaré Ferreira, Inês Santos

Luminotecnia e cenários

Carlos Santos

Caracterização

Vítor Teixeira

Elenco

Verónica Fachada (Praxágora)

José Luís Brandão (Bléfiro)

Delfim Leão (Cremes)

Carlos Jesus (Homem)

Coro

Sónia Simões, Ângela Leão, Susana Bastos,
Carla Braz, Natália Alves, Isabel dos Santos,

Lia Nunes, Ândrea Seíça,

Mariana Matias, Carla Marques,

Ricardo, Ana Catarina Rodrigues

Porque se trata, antes de mais, em *As Mulheres no Parlamento*, de fazer aprovar uma nova estratégia governativa que revolucione os parâmetros tradicionais, manifestamente ineficazes, da vida política ateniense, Aristófanes encontra nesta comédia uma oportunidade de parodiar de novo o símbolo máximo da vivência democrática da sua cidade: a assembleia do povo. Ao retomar uma temática que havia desenvolvido já na mais antiga das peças que conservamos da sua autoria, *Acarnenses*, Aristófanes permite-nos constatar, um quarto de século volvido, as mudanças profundas que se haviam operado na vida ateniense, e, do ponto de vista dramático, duas realizações distintas de um mesmo motivo paródico.

Maria de Fátima Silva
(da Introdução à tradução)



As Mulheres
no Parlamento
de Aristófanes
Pátio da Inquisição
(Coimbra)
Fotos de José Batista



Mulheres ao poder!

TEATRO

As Mulheres no Parlamento, pelo
Thiasos
COIMBRA
Pátio da Inquisição
Às 21h45
Entrada livre

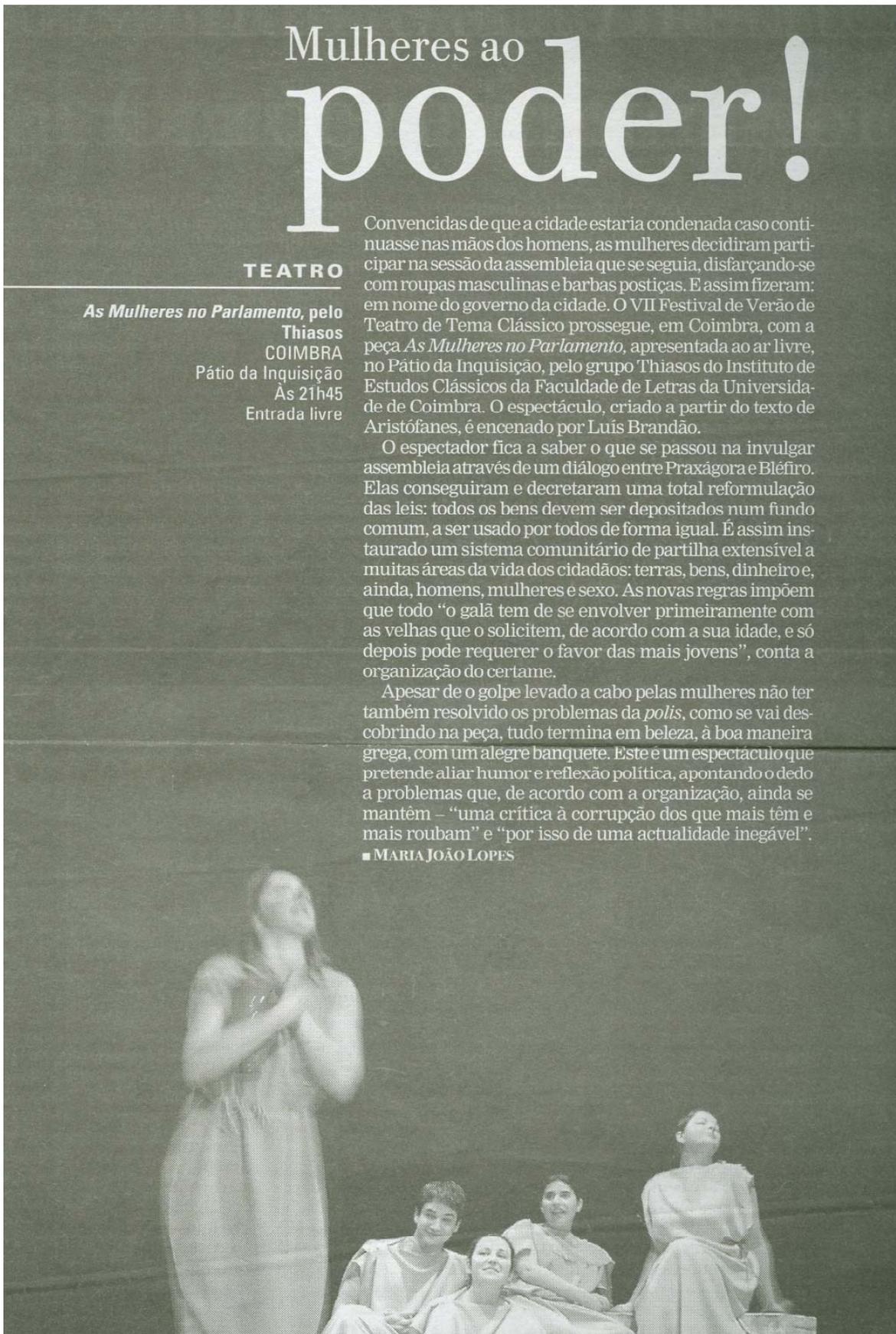
Convencidas de que a cidade estaria condenada caso continuasse nas mãos dos homens, as mulheres decidiram participar na sessão da assembleia que se seguia, disfarçando-se com roupas masculinas e barbas postiças. E assim fizeram: em nome do governo da cidade. O VII Festival de Verão de Teatro de Tema Clássico prossegue, em Coimbra, com a peça *As Mulheres no Parlamento*, apresentada ao ar livre, no Pátio da Inquisição, pelo grupo Thiasos do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O espectáculo, criado a partir do texto de Aristófanes, é encenado por Luís Brandão.

O espectador fica a saber o que se passou na invulgar assembleia através de um diálogo entre Praxágora e Bléfiro. Elas conseguiram e decretaram uma total reformulação das leis: todos os bens devem ser depositados num fundo comum, a ser usado por todos de forma igual. É assim instaurado um sistema comunitário de partilha extensível a muitas áreas da vida dos cidadãos: terras, bens, dinheiro e, ainda, homens, mulheres e sexo. As novas regras impõem que todo “o galã tem de se envolver primeiramente com as velhas que o solicitem, de acordo com a sua idade, e só depois pode requerer o favor das mais jovens”, conta a organização do certame.

Apesar de o golpe levado a cabo pelas mulheres não ter também resolvido os problemas da *polis*, como se vai descobrindo na peça, tudo termina em beleza, à boa maneira grega, com um alegre banquete. Este é um espectáculo que pretende aliar humor e reflexão política, apontando o dedo a problemas que, de acordo com a organização, ainda se mantêm – “uma crítica à corrupção dos que mais têm e mais roubam” e “por isso de uma actualidade inegável”.

■ MARIA JOÃO LOPES

Público
(5 de Junho de 2005)
Texto de M. João Lopes



Teócrito e Virgílio Grupo Thíasos do IEC

Traduções

M H. Rocha Pereira
M. M. B. du Bocage

Encenação

Carla Braz, Carlos Jesus

Direcção de actores

Lia Nunes

Coreografia

Maria do Carmo Cruz

Guarda-roupa

Inês Santos

Sonoplastia

Luís Albuquerque

Adereços e luminotecnia

Carlos Santos

Elenco

Mariana Matias, Lia Nunes,
Carlos Jesus,

Eduardo Conceição, Carmen Luna,
Sara Ribeiro, Isabel dos Santos,
Verónica Fachada, Carla Braz,
Sónia Simões, Carla Marques,
Ana Catarina Rodrigues,
Ândrea Seiça, Ângela Leão

Esta nova peça levada à cena pelo Thíasos veio dar continuidade a uma série de projectos de dramatização de autores não dramáticos, com vista à sua mais fácil apreensão pelo público jovem que é, claramente, o seu alvo.

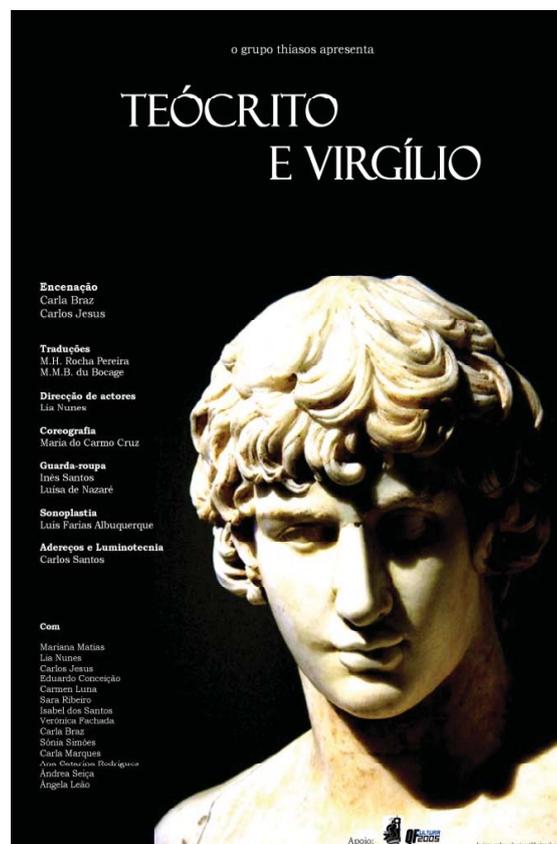
O Idílio XV de Teócrito, conhecido como “As Siracusanas” e a Bucólica V de Virgílio são desta vez os textos abordados, procurando apresentar duas visões do mimo antigo: a urbana, no caso do autor grego, e a rural, no caso de Virgílio. Além da coincidência de temas que estes poetas nos apresentam, pretende-se dar uma unidade cénica e imagética, na medida em que ambos

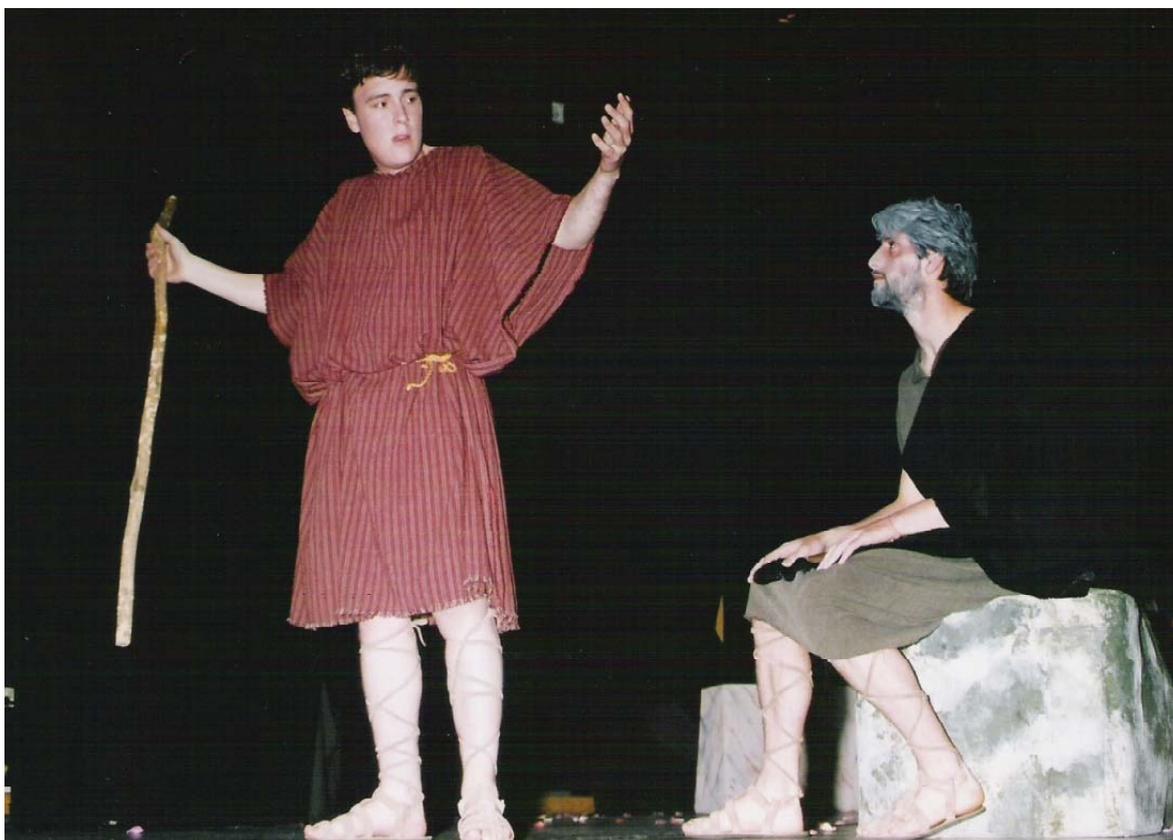
os textos têm como pano de fundo hinos de glorificação de duas divindades do Amor e da Beleza: Adónis e Dáfnis.

Num primeiro quadro, Praxínoa recebe em casa a amiga Gorgo e, por entre a multidão, tentam chegar ao palácio onde decorrem as Adónias. Ouvem o canto belo e harmonioso de uma mulher argiva. O cenário transforma-se na arcádia mantuana, onde Menalcas e Mopso executam um *agon* lírico em celebração de Dáfnis. Duas musas, personificando o soar da poesia e do tempo na Natureza, criam o quadro cénico da amena quietude.

Entre a cidade e o campo, entre o mimo urbano e a Arcádia, Teócrito e Virgílio apresentam-se como potenciais autores de palco, quando bem assimilado o forte visualismo e realismo do que escreveram.

do Programa





Teócrito e Virgílio
Teatro Paulo Quintela
da FLUC
Fotos de José Batista

Ulisses
de Maria Alberta Menéres
Grupo Angelus
Colégio de S. Miguel de Fátima

Encenação

Nuno Gertrudes, Rui Henriques

Cenografia

Sr. Armando, Carla Luís, Nídia Vieira, Carina
Amado, Sandra Pereira, Tiffany Maurício,
Nuno Gertrudes, Rui Henriques

Figurinos

Lídia Pereira, Nuno Gertrudes

Caracterização

Tânia Pereira, Sandra Pereira,
Tiffany Maurício

Música

Rui Sérgio

Seleção Musical

Nuno Gertrudes, Rui Henriques

Elenco

Tiago Costa (Agamémnon)
Joel Ferreira (Menelau)
Liliana Fartaria (Penélope)
Nuno Gertrudes (Ulisses)
Joel Ferreira, Márcio Menino, Sara Ferreira
(Marinheiros)
Rui Henriques (Cíclope)
Cidália Eusébio (Euricleia)
Carina Amado (Criada)
Andreia Silva (Minerva)
Mariana Cruz (Circe)
Ana Santos (Nausícaa)
Márcio Menino (Rei Alcínoo)
Elisabete Vieira (Rainha Arete)
Matilde Santos (Mãe de Ulisses)
Jorge Libório (Telémaco)
Jorge Libório, André Fino (Figurantes)

Trata-se de uma obra infanto-juvenil, alicerçada no relato das façanhas de Ulisses, rei grego de Ítaca, durante a viagem de regresso da guerra de Tróia. Por isso, o *topos* da viagem é talvez o que assume mais relevância no conto, já que a narrativa se desenvolve em torno de um conjunto de episódios, de desafios ou de situações que contribuem para enaltecer, à maneira épica, a figura lendária de Ulisses. Pensemos, por exemplo, na “rendição” de Circe, deusa sedutora e dominadora, que acabou por se dar por vencida face à integridade de Ulisses, “libertando-o” e deixando-o partir, juntamente com os seus companheiros, após ter quebrado o seu feitiço e tê-los feito regressar à forma humana.

E é assim que a singularidade do herói grego se desenha, desde o início, pelo facto de ser um rei dedicado, amante da terra e da família, mas seduzido pelo mar, enquanto espaço de novidade e de desafio. A terra e o mar, ou o que eles representam, interactuam e dividem o herói.

As circunstâncias empurram, no entanto, Ulisses para o mar e é neste (ou em espaços limítrofes) que o herói grego vai viver as aventuras mais insólitas e fantásticas – recordem-se, por exemplo, o episódio dos ventos de Eólia à solta, a passagem tenebrosa pela Ilha dos Infernos ou a tentação das Sereias. De todas as adversidades o rei de Ítaca, herói humano protegido pela deusa Minerva, consegue sair vencedor e, por isso, a narrativa finaliza num clima de felicidade e harmonia, muito ao sabor clássico.

do Programa

Filoctetes

a partir de Sófocles

Grupo Ágon das Caldas da Rainha

Adaptação e encenação

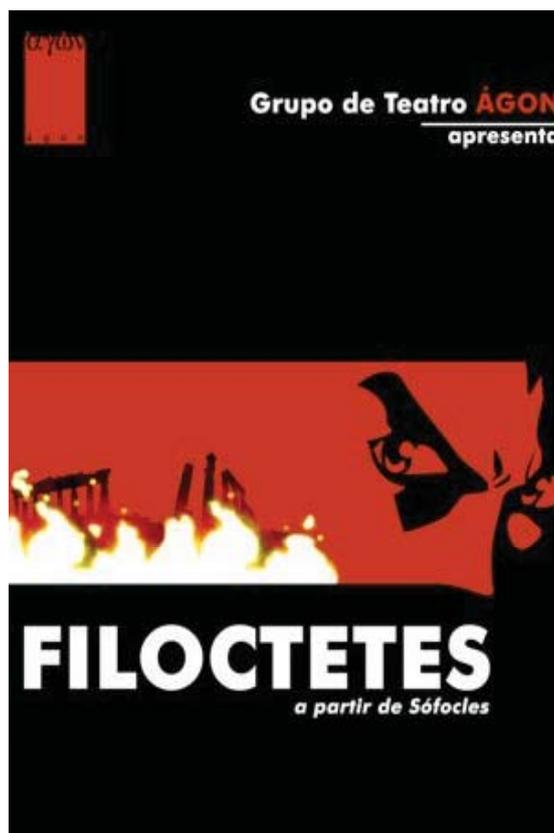
Aníbal Rocha

A caminho de Tróia, para fazer a guerra, Filoctetes foi mordido por uma serpente venenosa. Os chefes e seus companheiros, Agamémnon, Menelau e Ulisses abandonaram-no então numa ilha deserta, porque o cheiro da sua ferida e os seus gritos de dor tornavam a viagem insuportável. Filoctetes sobrevive sozinho a esse abandono e à doença graças à sua capacidade de resistência e ao seu arco sagrado, o arco que Hércules lhe dera antes de morrer, caçando animais.

Nove anos depois, quando Aquiles estava já morto, um oráculo diz que Tróia só será vencida com Filoctetes e o seu arco sagrado. Ulisses decide voltar à ilha e, servindo-se de Neoptólemo, o jovem e ingénuo filho de Aquiles, tenta trazer para Tróia Filoctetes com o seu arco. Filoctetes não se quer deixar convencer, ferido como está pela sorte injusta a que foi votado durante tantos anos. Ulisses tenta que o jovem o traga ao engano, convencendo-o de que o está a levar para casa. Mas gera-se uma forte relação entre o rapaz e o envelhecido Filoctetes e é Filoctetes que leva o rapaz a voltar à sua natureza leal e o convence a transportá-lo de volta para a Grécia, abandonando a guerra e os seus chefes traidores.

Só que os deuses não permitem que assim seja: Hércules desce do Olimpo e salva Neoptólemo do seu insolúvel conflito moral ordenando a Filoctetes que vença o seu orgulho e aceite ir para Tróia onde será curado da doença e onde, com o seu arco e flechas sagrados e com o seu jovem companheiro, conseguirá que os Gregos ganhem a guerra.

do Programa



Filoctetes
a partir de Sófocles
Pátio da Inquisição
(Coimbra)
Fotos do grupo

O Persa de Plauto

Grupo Balbo do IES Santo Domingo
de Puerto de Santa María (Cádiz)

Encenação

Emilio Flor Jiménez

Chefe técnico

Adrián Varo

Elenco

Adrián García (Tóxilo)

Jesús María Gutiérrez Torres (Sagaristião)

Juan Lorca Muñoz (Saciadão)

Rocio Lainer Rube (Sofoclidista)

María Torres (Lemniscelene)

Enrique Lainer Rube (Pégnio)

Francisco José Rodríguez Gutiérrez (Dórdalo)

Aída Rodríguez (Donzela)

Prólogo e Bailarinas

Patricia López Ocaña, María Serpa,

Inés Higuera López

Esta comédia de Plauto oferece-nos novas situações numa obra onde reinam os escravos. É uma das únicas comédias do dramaturgo onde não aparecem os senhores. Plauto leva-nos ao submundo dos escravos para nos mostrar que também eles se enamoram, lutam entre si, se queixam e se divertem.

Tóxilo é um escravo profundamente apaixonado por Lemniscelene, uma jovem que vive com o malvado alcoviteiro Dórdalo. Para a comprar e fazer sua liberta, pede ajuda ao seu amigo Sagaristião, que se disfarçará de Persa, venderá a filha de Saciadão e obterá o dinheiro necessário para comprar a amada do seu amigo. As histórias de um Saciadão capaz de fazer o que seja para comer, um escravo esquisitóiode – Pégnio – assediado por uma velha prostituta – Sofoclidisca –, um alcoviteiro ambicioso e um sem fim de bailarinas com muito que mostrar completam a trama desta divertida comédia de enredos.

do Programa

O Persa de Plauto
Foto do grupo



Helena de Eurípides

Grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

Encenação

José Luis Navarro, Gemma López

Coreografia e figurinos

Gemma López

Confeção do guarda-roupa

La Soleá

Cenografia

Tragacanto

Luminotecnia

Carlos Guitart

Elenco

Bárbara Molina (Helena)

Daniel Ramos (Teucro)

Javier Almazán (Menelau)

Noelia Durán (Serva)

Francisco Alcántara (Primeiro mensageiro)

Alba García (Teónoe)

Vanesa Jurado, Soraya Álvarez

(Séquito de Teónoe)

Juan José Garcés (Teoclímeno)

Juan Carlos Martínez (Segundo mensageiro)

Ángel Mera, Antonio Martínez (Dioscuros)

Coro

Deborah Fernández, Irene Llorente (Corifeu),

Gina Patiño, Lidia Ballesteros, Dayana Frías,

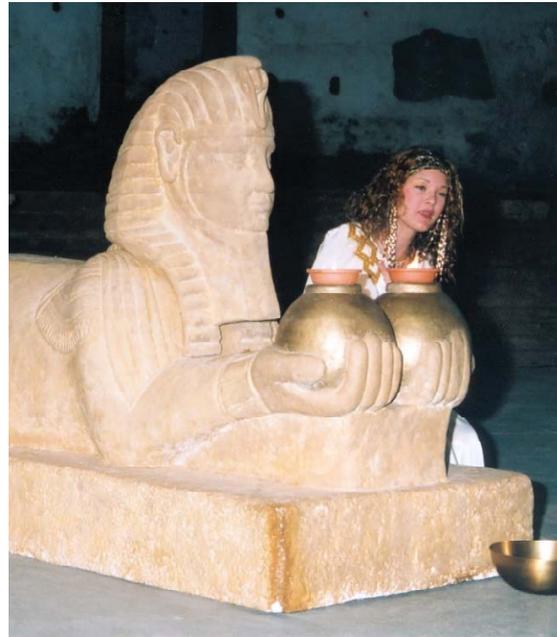
Violeta García, Cristina Gamella,

Amarantha Pérez, Melody Sánchez, Beatriz

Ginés, Irene Olivas, Estela Campos

Quando Páris raptou Helena de Esparta, antes da Guerra de Tróia, o que levou consigo foi um *eidolon* dessa mulher, tendo Zeus transportado a verdadeira esposa de Menelau para o Egipto onde, no tempo presente da acção da tragédia, o rei Teoclímeno quer desposá-la. Teucro encontra Helena e fala-lhe do término da guerra. Menelau, voltando para Esparta com o fantasma de Helena, naufraga ali perto. Os dois esposos encontram-se, reconhecem-se e, com a ajuda de Teónoe, arquitectam a fuga do Egipto.

do Programa



Helena de Eurípides
Convento de S. Francisco
(Coimbra)
Fotos de José Batista



Pluto (A Riqueza) de Aristófanes
Grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

Encenação

José Luis Navarro, Gemma López

Luminotecnia

Carlos Guitart

Adereços

Tragacanto

Jesús López Salinero

Guarda-roupa e coreografia

Gemma López

Elenco

Antonio Martínez (Caríon)

Ángel Mera (Crémilo)

Miguel Sarrión (Pluto)

Juan José Garcés (Blepsidemo)

Bárbara Molina (Pénia)

Raquel de la Varga (Mulher de Crémilo)

Juan Carlos Martínez (Homem Justo)

Francisco Alcántara (Sicofanta)

Yolanda Alonso (Velha)

Javier Almazán (Jovem)

Daniel Ramos (Hermes)

Vanesa Millán (Sacerdotisa)

Violeta García (Riqueza)

Laura Ruíz, Irene Llorente (Moedas)

Coro

Gina Patiño, Vanesa Jurado,

Noelia Durán, Alba García, Mónica Rubio,

Dayana Frías, Deborah Fernández,

Lydia Ballesteros, Cristina Gamella,

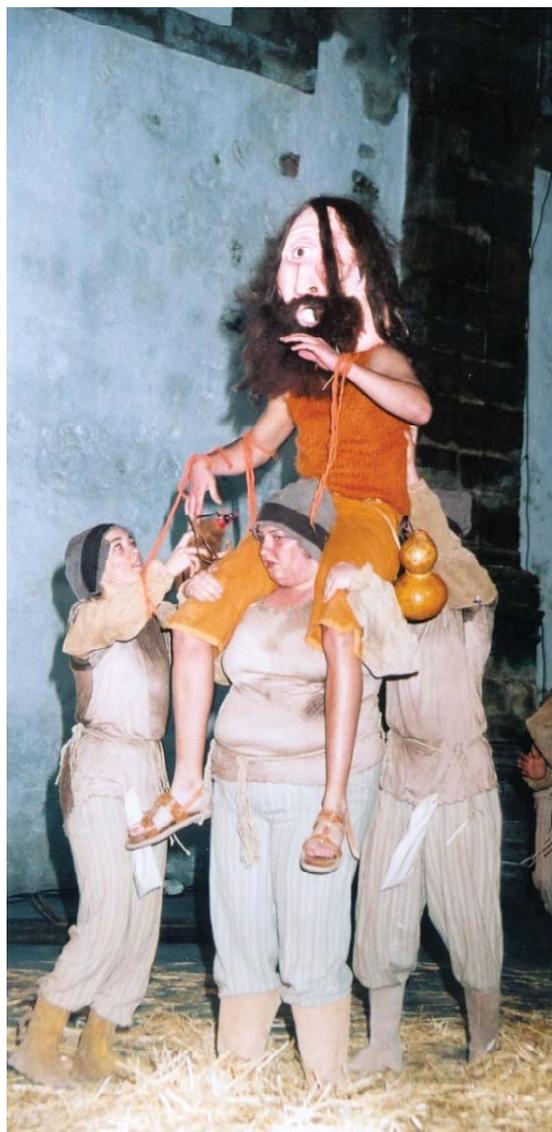
Melody Sánchez

Crémilo, um velho de poucos recursos, vai ao templo do deus perguntar de que modo poderia levar uma vida mais próspera e confortável. Eis a resposta que lhe dá o oráculo: que, logo que saia do templo, acompanhe o primeiro fulano que lhe apareça à frente. É assim que encontra um velho cego, de aspecto miserável. Acompanha-o, de acordo com o oráculo, e esse velho calha ser Pluto (a Riqueza). O escravo que vai com ele, Caríon, em breve deixará de fazer troça do amo, mal ouça da boca do cego a sua identidade. Crémilo, orgulhoso do seu feito,

manda chamar os companheiros do campo para que tomem parte da sua alegria. Assim entra em cena o coro.

Crémilo decide levar Pluto ao templo de Asclépio para que recupere a vista e todos possam desfrutar da riqueza. Sentindo-se prejudicada, Pénia (a Pobreza) surge a insultar todos quantos trataram do assunto e tem lugar um diálogo de grande qualidade, por Blepsidemo e Crémilo, que põe lado a lado a carência de Pénia e as dádivas de Pluto.

do Programa





Pluto (A Riqueza)
de Aristófanes
Convento de S. Francisco
(Coimbra)
Fotos de José Batista



Hipólito de Eurípides

Departamento de Teatro
da Escola Superior de Teatro e Cinema da
Amadora

Espectáculo dos alunos finalistas do
Bacharelato dos Cursos de Teatro e
Formação de Actores e Realização Plástica
do Espectáculo

Direcção

Nuno Cardoso

Dramaturgia

David Antunes

Corpo

Luca Aprea

Voz

Maria Repas

Realização plástica do espectáculo

Vera Castro

Coordenação de cenário

António Polainas

Cenário

Nuno Barracas

Figurinos

Joana Paes de Freitas, Sandra Catarino

Desenho de luz e coordenação técnica

Vasco Ferreira

Sonoplastia

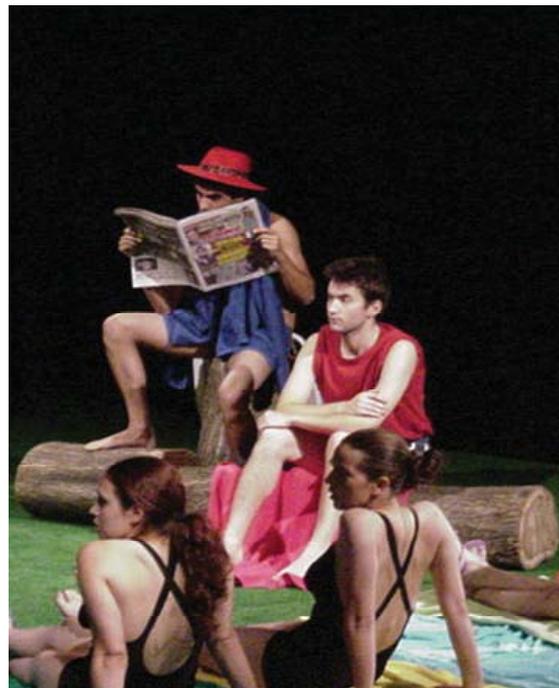
Domingos Moraes

Operação de luz e som

Joana Serra

Elenco

Cláudia Chéu, Elmano Sancho,
Hugo Bettencourt, John Romão,
Leonor Cabral, Margarida Teixeira,
Maria Ladeira, Mia Farr, Rute Cardoso,
Teresa Arriaga



Hipólito de Eurípides
Fotos do grupo

VII FESTIVAL ESCOLAR DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

3 de Abril de 2006, 21.30 horas, Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras de Coimbra
Teócrito e Virgílio, grupo Thíasos do IEC

26 de Abril de 2006, 11.00 horas, Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras de Coimbra
Suplicantes de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

26 de Abril de 2006, 15.30 horas, Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras de Coimbra
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

3 de Maio de 2006, 15.30 horas, Pátio Grego da Faculdade de Letras de Lisboa
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

4 de Maio de 2006, 11.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Antígona de Sófocles, grupo Balbo do IES Santo Domingo de Puerto de Santa María (Cádiz)

4 de Maio de 2006, 15.30 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Soldado Fanfarrão de Plauto, grupo Balbo do IES Santo Domingo de Puerto de Santa María (Cádiz)

5 de Maio de 2006, 11.00 horas, Mosteiro de S. Martinho de Tibães
Antígona de Sófocles, grupo Balbo do IES Santo Domingo de Puerto de Santa María (Cádiz)

5 de Maio de 2006, 15.30 horas, Mosteiro de S. Martinho de Tibães
Soldado Fanfarrão de Plauto, grupo Balbo do IES Santo Domingo de Puerto de Santa María (Cádiz)

13 de Maio de 2006, 21.00 horas, Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

15 de Maio de 2006, 15.30 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Suplicantes de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

16 de Maio de 2006, 21.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Suplicantes de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

19 de Maio de 2006, 11.30 horas, Museu Monográfico de Conimbriga
Suplicantes de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

19 de Maio de 2006, 15.30 horas, Museu Monográfico de Conimbriga
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

20 de Maio de 2006, 21.30 horas, Museu Monográfico de Conimbriga
Orfeu e Eurídice de Gluck, grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra

VIII FESTIVAL DE VERÃO DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

5 de Julho de 2006, Conimbriga
Encontros do Efémero

6 de Julho de 2006, 21.30 horas, Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
O Persa de Plauto, grupo Balbo do IES Santo Domingo de Puerto de Santa María (Cádiz)

7 de Julho de 2006, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
O Persa de Plauto, grupo Balbo do IES Santo Domingo de Puerto de Santa María (Cádiz)

8 de Julho de 2006, 21.30 horas, Largo da Sé de Braga
Soldado Fanfarrão de Plauto, grupo Balbo do IES Santo Domingo de Puerto de Santa María (Cádiz)

9 de Julho de 2006, 21.30 horas, Largo da Sé de Braga
Suplicantes de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

11 de Julho de 2006, 21.30 horas, Conimbriga
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

13 de Julho de 2006, 21.30 horas, Museu Nacional Machado de Castro
Gorgulho de Plauto, grupo Angelus do Colégio de S. Miguel (Fátima)

ENCONTROS DO EFÉMERO

“Êxtase dionisíaco: a construção da personagem enquanto processo de alienação”

Jornada de reflexão teórica e prática sobre o teatro. A designação adoptada para estes encontros visou, antes de mais, salientar a dimensão única e irrepetível de cada experiência teatral e por conseguinte efémera, cuja perenidade é garantida não pelo registo fotográfico ou fílmico, mas antes pela impressão indelével deixada na memória do espectador, bem como pelo desafio contínuo de revisitarem obras paradigmáticas, dando voz, cor e movimento aos grandes textos. “Efémero” é também, à letra, tudo “o que dura um dia apenas”, de modo que estes encontros foram idealizados para se estenderem somente por um período máximo de 24 horas seguidas, durante as quais os participantes foram convidados a seguir um trajecto que se alargou desde a abordagem teórica de alguns aspectos ligados à arte performativa até à experiência iniciática da construção da personagem.

Manhã: enquadramentos teóricos

- Delfim Leão: “Ephemeron theama”, abertura dos Encontros;
- José Ribeiro Ferreira: “O ritual dionisíaco”.

Tarde: processos de montagem do espectáculo

- *Bacantes* de Eurípides (na encenação de Fernanda Lapa, apresentada pela própria);
- *Antígona* de Sófocles (por actores do grupo Balbo de Cádiz).

Noite: representação da *Antígona* de Sófocles, pelo grupo Balbo, no novo teatro ao ar livre de Conimbriga.

Serão: experiência de alienação e construção da personagem, a partir das *Bacantes* de Eurípides.

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

As Suplicantes de Eurípides

Grupo Thíasos do IEC

Tradução

José Ribeiro Ferreira

Encenação

Carlos Jesus, Carla Braz

Consultor

José Luís Brandão

Figurinos

Maria João Antunes, Inês Santos

Sonoplastia

Luís Albuquerque

Cenografia

Carlos Santos

Luminotecnia

Carlos Santos

Elenco

Ângela Leão (Etra)

Luís Marques Cruz (Teseu)

Artur Magalhães (Adrasto)

Carlos Jesus (Mensageiro ateniense)

Vitor Teixeira (Mensageiro argivo)

Nélson Ferreira (Ífis)

Sónia Simões, Patrícia Ligeiro (Evadne)

Coro

Carla Braz (Corifeu), Susana Bastos, Ândrea

Seiça, Patrícia Ligeiro, Carla Rosa, Carla

Correia, Susana Rosa, Verónica Fachada

As Suplicantes, representadas no contexto da Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), resultam numa acutilante e sofrida reflexão sobre as consequências da guerra, de todos os tempos. O coro que dá o título à peça é constituído pelas mães dos sete generais que pereceram no cerco de Tebas, aliados de Polínicos quando este pretendeu recuperar o poder ao irmão Etéocles. Em termos mitológicos, portanto, a peça vem no seguimento directo dos *Sete Contra Tebas* de Ésquilo, do *Édipo em Colono* de Sófocles e das *Fenícias* de Eurípides, tratando tema idêntico ao da *Antígona* de Sófocles – o dever de prestar honras fúnebres aos mortos. O mito é já, contudo, um marco central no Ciclo Épico, com as obras *Tebaida* e *Epígonos*, de que nos chegaram apenas escassos fragmentos.

O pano de fundo da peça é o santuário de Elêusis, ao qual se deslocam Adrasto, velho rei dos Argivos, e as sete mães suplicantes, para pedir a Etra que convença o filho Teseu a reclamar junto de Creonte os corpos mortos dos sete generais. Relutante a início, Teseu aceita a tarefa. Chega entretanto um arauto tebano que anuncia a vontade contrária de Creonte, o que leva o rei de Atenas a partir para Tebas com um exército, que sai vitorioso. Os cadáveres entram depois em cena e, quando as mães os depositam

As Suplicantes
de Eurípides
Teatro Paulo Quintela
Fotos de José Batista



na pira, surge Evadne, viúva de Capaneu, que, em delírio de bacante, deseja morrer com o marido. Apesar dos pedidos do pai, ela acaba por se suicidar e arder com o marido, nas chamas que considera o seu leito nupcial. Num *happy end* tipicamente euripidiano, surge *ex machina* a deusa Atena, formalizando o pacto de amizade entre Argivos e Atenenses.

A guerra (justa e injusta), a morte, o amor e a defesa da Democracia são estes os grandes temas que Eurípides apresenta e discute em *Suplicantes*. Uma peça nem sempre fácil de colocar em cena, mas cuja mensagem – grande mérito da tragédia clássica – é de todos os tempos.

do Programa



O Soldado Fanfarrão de Plauto Grupo Balbo do IES Santo Domingo de Puerto de Santa María, Cádiz

Encenação

Emilio Flor Jiménez, Jose Pecho

Cenografia e figurinos

Javier Fonseca

Luminotecnia

Joaco Arjona

Música original

Alberto Barea

Adereços

Sucesores de Ángel Martínez S.L.

Elenco

Paco Crespo (Pirgopolinices)

Jose Pecho (Artotrogo, Céledro)

Jesús Torres (Palestrião)

Fran Rodríguez (Periplecómeno)

Nanpéh (Filocomásio)

Olga Barba (Acrotelência)

Inés Higuera (Milfidipa)

Pirgopolinices, soldado mulherengo e fanfarrão, elogiado nas suas batalhas pelos escravos, rapta uma bela cortesã, Filocomásio, e leva-a para sua casa, longe de Roma. Palestrião, o jovem escravo do amante de Filocomásio, acaba por ser também raptado pelo soldado, mas tudo faz para que o seu antigo senhor saiba do paradeiro da cortesã. Consegue que Periplecómeno, um velho vizinho do soldado, hospede o jovem enamorado em sua casa e faz um buraco no muro que separa os dois edifícios para que os namorados se encontrem.

Mas tudo descamba quando um escravo tolo descobre os dois amantes. A partir daí, Palestrião trama uma série de intrigas e enganos para castigar o soldado fanfarrão e de novo zarparem todos para Roma.

do Programa

IX FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

26 de Abril de 2007, 21.30 horas, Teatro Paulo Quintela (FLUC)
Agamémnon de Ésquilo, grupo Thíasos do IEC

1 de Maio de 2007, 16.00 horas, Miranda do Corvo
Lisístrata de Aristófanes, grupo Calatalifa de Madrid

2 de Maio de 2007, 21.30 horas, Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
Comédia dos Burros de Plauto, grupo Calatalifa de Madrid

11 de Maio de 2007, Festival Européen Latin et Grec 2007 (Nantes, França)
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

16 de Maio de 2007, 11.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Agamémnon de Ésquilo, grupo Thíasos do IEC

16 de Maio de 2007, 15.30 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

19 de Maio de 2007, 17.00 horas, Conimbriga
Gorgulho de Plauto, grupo Angelus do Colégio de S. Miguel (Fátima)

20 de Maio de 2007, 21.30 horas, Conimbriga
Vénus e Adónis de John Blow, grupo Canto e Drama
do Conservatório de Música de Coimbra

5 de Julho de 2007, 21.30 horas, Páteo da Universidade da Coimbra
Hécuba de Eurípides, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

6 de Julho de 2007, Conimbriga
Encontros do Efémero II

7 de Julho de 2007, 21.30 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
Hécuba de Eurípides, grupo Selene do IES Carlos III de Madrid

8 de Julho de 2007, 21.30 horas, Termas Romanas de Braga
Agamémnon de Ésquilo, grupo Thíasos do IEC

10 de Julho de 2007, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
Suplicantes de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

11 de Julho de 2007, 21.30 horas, Viseu
Suplicantes de Eurípides, grupo Thíasos do IEC

12 de Julho de 2007, 21.30 horas, Conimbriga
Agamémnon de Ésquilo, grupo Thíasos do IEC

13 de Julho de 2007, 21.30 horas, Miranda do Corvo
As Mulheres no Parlamento de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC



Embora, em anos anteriores, a associação FESTEIA organizasse dois festivais temáticos por edição, optou a partir do ano de 2007 por juntar as valências do Festival Escolar e do Festival de Verão numa única iniciativa, mantendo embora os mesmos propósitos educativos e culturais. Entre estes objectivos, destacam-se o carácter itinerante do festival, a revitalização de espaços com interesse arqueológico e monumental, o estímulo à leitura através da disponibilização do livro-bilhete para todas as representações e ainda a realização de oficinas de teatro orientadas para a formação de jovens artistas. Com esta concentração num só festival (que decorreu nos meses de Abril, Maio e Julho), a organização conseguiu economizar alguns recursos e sobretudo garantir maior coesão ao programa geral.

No conjunto, foram realizados 15 espectáculos, 14 dos quais de teatro e 1 de música, repartidos por 8 produções distintas. Houve 5 grupos envolvidos (3 portugueses e 2 espanhóis), que se propuseram abordar obras de grandes autores como Aristófanes, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Plauto ou John Blow. Uma vez que é propósito do Festival unir o espectáculo à reflexão sobre as próprias artes performativas, houve ainda um dia inteiro dedicado a oficinas de teatro (*Encontros do Efémero II*), realizado novamente em Conimbriga.

Em consequência da concentração do Festival Escolar e do Festival de Verão numa só iniciativa, o número de espectáculos apresentados foi mais reduzido, mas conseguiu ainda assim uma média de cerca de 200 espectadores por cada performance, ultrapassando os 3000 no total. De ressaltar em especial a excelente penetração em locais como Braga, Viseu e Sintra (S. Miguel de Odrinhas), onde se chegou mesmo a ultrapassar os 300 espectadores em algumas das apresentações. A este resultado francamente positivo não é alheio o facto de, nesses lugares, se ter procurado articular o teatro clássico com outras iniciativas culturais já recorrentes (como o Festival de Teatro Jovem e o Viseu naturalmente, em Viseu, e o MIMARTE, em Braga).

É ainda de salientar dois aspectos importantes; por um lado, o Thíasos teve a honra de haver sido convidado para participar no Festival Européen Latin et Grec 2007 (Nantes, França), cimentando os contactos a nível internacional; por outro, Miranda do Corvo juntou-se aos locais onde o festival procura ter uma presença regular, acentuando assim o seu carácter itinerante e o esforço de descentralização.

Delfim Ferreira Leão

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

Agamémnon de Ésquilo

Grupo Thíasos do IEC

Tradução

Manuel de Oliveira Pulquério

Encenação

Lia Nunes

Sonoplastia

Tiago Cabral

Luminotecnia

Carlos Santos, Vitor Teixeira

Coreografia

Andreia Paixão

Figurinos

Maria João, Inês Santos

Elenco

Delfim Leão (Agamémnon)

Sónia Simões, Ângela Leão (Clitemnestra)

Patrícia Ligeiro (Cassandra)

Nelson Ferreira (Egisto)

Mário Pais, Ândrea Seiça (Vigia)

Coro

Carlos Jesus (Corifeu),

Artur Magalhães, Ândrea Seiça,

Luís Albuquerque, Joana Militão,

Linda Miriam, Ana Fonseca, Susana Bastos

A peça *Agamémnon* foi apresentada pela primeira vez em Atenas no ano de 458 a.C. Foi escrita por Ésquilo (525-456 a.C.) e faz parte de uma trilogia intitulada *Oresteia*, a única trilogia completa que chegou até aos nossos dias, composta por três tragédias: *Agamémnon*, *As Coéforas* e *As Euménides*. A trilogia é inspirada nas histórias do regresso dos heróis que lutaram contra a cidade de Tróia.

Agamémnon teve que sacrificar a filha Ifigénia a Ártemis, no início da guerra, para que os exércitos gregos chefiados por ele pudessem chegar a Tróia. Segundo outras versões, Ifigénia não morreu durante o sacrifício, pois foi poupada pela deusa que a transformou numa sacerdotisa da cidade de Táuride. Atingida pela morte da filha, Clitemnestra jurou vingança. Tornou-se amante de Egisto, filho de Tiestes, e começou a conspirar contra o marido durante sua longa ausência.

Agamémnon regressa vitorioso após dez anos de guerra em Tróia, mas é imediatamente assassinado por Clitemnestra e Egisto, tal como Cassandra, princesa troiana, que recebera por cativa.

do Programa





Agamémnon
de Ésquilo
Museu Arqueológico
de S. Miguel de Odrinhas
Fotos de José Antunes

A Comédia de Burros de Plauto

Grupo Calatalifa de Madrid

Encenação

Juan Bayona

Figurinos

María José Abad, Marta Bengoa,

Ruth Patricia Sánchez

Cenografia

Mario Quiroga

Luz e som

Sonia García

Elenco

Irma García (Prólogo)

Patricia Martínez (Arauto)

Pablo Martínez, Javier Perdomo (Leónidas)

Juan Bayona, Nacho Amado (Deméneto)

Carlos Martos, Daniel Robaler (Argiripo)

Yolanda Rino, Lucía Díaz (Cléereta)

Nini Jurado, Marta Guerra (Líbano)

Nacho Negreiro, Javier Perdomo (Mercador)

Irma García, Helena Rodríguez (Rapariga)

Susana Millán, Patricia Martínez (Filénia)

Javier Peláez, Javier Morillo (Diábolo)

Jorge Rodríguez, Benjamín Vacas (Parasita)

Esther Merino, Alba Alonso (Artémona)

A *Asinaria* de Plauto, estreada por volta do ano de 211 a.C., é uma das obras mais antigas de Plauto e possivelmente das que seguem com mais fidelidade a estrutura simples do modelo grego, no seu caso o *Onagos* de Demófilo.

Deve o seu título ao preço da venda de uns burros que, no enredo cómico, servirá para tirar de apuros Argiripo, o jovem enamorado que não tem dinheiro para pagar os favores da sua amada Filénia. Pela obra desfilam as personagens mais típicas da comédia plautina: os escravos espertalhões, a alcoviteira avarenta, o jovem enamorado, a meretriz de bom coração ou a intransigente matrona. Todas elas compõem, pela arte de Plauto e para nossa surpresa e alegria, uma comédia burlesca e nada maçadora que, numa sucessão de cenas cómicas, não tem outro objectivo além da pura diversão.

do Programa

A Comédia dos Burros
de Plauto
Foto do grupo



Hécuba de Eurípides

Grupo Hélios de Madrid

Encenação

José Luis Navarro

Gemma López Martínez

Coreografia e figurinos

Gemma López Martínez

Confecção do guarda-roupa

La Soleá, Maika Martínez

Cenografia

Tragacanto

Adereços

Jesús López Salinero

Caracterização

Alberto Andrés

Luminotecnia

Carlos Guitart

Música

Francisco Blanca, Pablo Cañones

Elenco

Gustavo Martín (Espectro de Polidoro)

Carmen María Ávila (Hécuba)

Cristina Sánchez (Políxena)

Oliver Plazas (Ulisses)

José Pons (Taltúbio)

Rosa Gómez (Serva)

Miguel Pato (Agamémnon)

Juan Diego Guerrero (Polimestor)

Cristian Ruíz

Arturo Fernández (Filhos de Polimestor)

Antonio Bardera, Antonio Martínez, Francisco

Blanca, Juan José Garcés (Hoplitas)

Coro

Gemma López Martínez (Corifeu),

Rebeca Amez, Sara Andrés, Cintia Medina,

Laura López, Laura Pascual, Eva Andrés,

Virginia Oteros, María Álvarez, Marta Martín,

Tamar Velasco, Erika Rayo, Vanesa Millán,

Melania Aguilera, Nadia Quintela,

Paloma Canseco, Andrea Cristóbal, María

Elisa Serrano, Alba García, Gina Patiño

Hécuba, assim como *As Troianas*, passa-se logo depois da Guerra de Tróia e coloca diante dos espectadores alguns dos aspectos mais negativos de qualquer guerra.

Após a queda de Tróia, os navios gregos chegam à Trácia. No acampamento Hécuba vê a filha Políxena ser sacrificada em honra de Aquiles, já morto, e logo depois depara-se com o cadáver do seu filho Polidoro, a quem julgava em segurança no palácio de Polimestor, seu genro. A rainha reúne forças e pede a Agamémnon, comandante dos gregos, uma oportunidade para castigar Polimestor. Então, com a ajuda das outras cativas troianas, cega o rei trácio e mata os seus dois filhos.

do Programa



Hécuba de Eurípides
Fotos do grupo

O Gorgulho de Plauto

Grupo Angelus
do Colégio de S. Miguel (Fátima)

Tradução

Walter S. Medeiros

Encenação

Nuno Gertrudes e Rui Henriques

Cenografia

Sr. Armando, Carla Luís, Nídia Vieira, Carina Amado, Sandra Pereira, Tiffany Maurício, Nuno Gertrudes, Rui Henriques

Figurinos

Lídia Pereira, Maria Helena Tomás, Nuno Gertrudes

Caracterização

Tânia Pereira, Sandra Pereira, Tiffany Maurício

Contra-regra

Milena Matos

Música

António Ribeiro, Valdo Marques

Seleção Musical

Nuno Gertrudes, Rui Henriques

Elenco

Carlos Ferraz (Soldado)
Sara Ferreira (Escrava)
Rui Henriques (Palinuro)
Joel Ferreira (Fédromo)
Carina Amado (Leena)
Mariana Cruz (Planésio)
Cláudia Santos, Nídia Vieira,
Diana Carreira (Cortesãs)
Márcio Menino (Cápadox)
Cidália Eusébio (Cozinheiro)
Andrea Guerreiro (Ajudante de Cozinheiro)
Nuno Gertrudes (Gorgulho)
Ana Guedes (Guarda-roupa)
João Oliveira (Lição)
Rui Parreira (Terapontígonos)
João Palrinhas (Soldado – Comandante)
Rui Henriques (Soldado – Manicure)

O Gorgulho é uma típica comédia de reconhecimento, como outras que existem na obra plautina (*Cistellaria*, *Poenulus* ou *Epidicus*). Contudo, um dos pontos mais relevantes desta obra prende-se com a galeria notável de personagens-tipo que se encontram numa só comédia, algo de original em Plauto e na própria comédia greco-latina. Encontram-se aqui o escravo engenhoso, o enamorado, a velha ávida de vinho, a jovem enamorada, o alcoviteiro, o cozinheiro, o parasita, o onzeneiro e o soldado fanfarrão, cada um deles com as suas características tradicionais das peças plautinas.

do Programa





Gorgulho de Plauto
Fotos do grupo

X FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE TEMA CLÁSSICO

29 de Abril de 2008, 21.30 horas, Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras de Coimbra
As Vespas de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

7 de Maio de 2008, 21.30 horas, Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
Agamémnon de Ésquilo, grupo Thíasos do IEC

14 de Maio de 2008, 10.00 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
Ifigénia em Áulide de Eurípides, grupo de Teatro Clássico da Universidade de Alicante

14 de Maio de 2008, 15.30 horas, Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
As Vespas de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

15 de Maio de 2008, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
Ifigénia em Áulide de Eurípides, grupo de Teatro Clássico da Universidade de Alicante

17 de Maio de 2008, 21.30 horas, Jardim Botânico (Coimbra)
Agamémnon de Ésquilo, grupo Thíasos do IEC

18 de Maio de 2008, 21.00 horas, Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra
Doze anos, doze quadros, grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra

24 de Maio de 2008, 21.30 horas, Conimbriga
Doze anos, doze quadros, grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra

30 de Maio de 2008, 18.30 horas, Museu do Vinho (Anadia)
As Vespas de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

7 de Junho de 2008, 21.30 horas, Conimbriga
As Vespas de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

2 de Julho de 2008, 21.30 horas, Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
As Bacantes de Eurípides, grupo de Teatro Clássico da ESAD de Málaga

3 de Julho de 2008, 21.30 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
As Bacantes de Eurípides, grupo de Teatro Clássico da ESAD de Málaga

5 de Julho de 2008, 21.30 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
As Bacantes de Eurípides, grupo de Teatro Clássico da ESAD de Málaga

6 de Julho de 2008, 21.30 horas, Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
As Vespas de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

8 de Julho de 2008, 21.00 horas, Páteo da Universidade de Coimbra
As Vespas de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC



10 de Julho de 2008, 21.00 horas, Castelo de Penela
La Guerre est douce, grupo Les Enfants de Nysa (Paris, E.S.R.A.)

11 de Julho de 2008, 21.30 horas, Conimbriga
La Guerre est douce, grupo Les Enfants de Nysa (Paris, E.S.R.A.)

13 de Julho de 2008, 18.00 horas, Auditório Municipal de Santiago da Guarda
As Vespas de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

18 de Julho de 2008, 21.30 horas, Castelo de Penela
As Suplicantes de Eurípidés, grupo Thíasos do IEC

19 de Julho de 2008, 21.30 horas, Parque das Tílias (Fundão)
As Vespas de Aristófanes, grupo Thíasos do IEC

20 de Julho de 2008, 21.30 horas, Quinta do Ervedal (Castelo Novo)
As Suplicantes de Eurípidés, grupo Thíasos do IEC

Em 2008, o FESTEIA comemorou a décima edição dos festivais, razão pela qual a organização fez um esforço de valorização do programa. No sentido de cumprir este desiderato, o X Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico contemplou um conjunto de 22 iniciativas distintas (20 espectáculos de teatro e dois de música).

Uma das marcas do Festival é o forte carácter itinerante, pelo que as iniciativas decorreram em Coimbra, Conimbriga, Anadia, Sintra, Viseu e Braga, tendo este ano sido incluídos três novos espaços (Penela, Santiago da Guarda e Fundão), em obediência a um esforço continuado de descentralização. A organização julga que, com estes novos contactos, estabeleceu importantes parcerias para o futuro do Festival.

Houve igualmente um reforço na participação de grupos estrangeiros, neste ano em número de três: dois espanhóis – de Alicante e de Málaga – e um francês, criado especificamente para actuar no X Festival de Teatro de Tema Clássico, fruto da colaboração entre o FESTEIA e o Festival Européen de Latin et Grec (FELG) dirigido por Elisabeth Antébi. A produção deste último grupo foi de resto escrita e encenada em exclusivo para o Festival, pelo que a organização entendeu por bem editar o livro-bilhete da peça em versão bilingue, com isso pretendendo, ao mesmo tempo, chegar a novos públicos.

Delfim Ferreira Leão

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

Índices

Entre 29 de Abril e 20 de Julho com espectáculos em várias localidades do país

X Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico

Na sua décima edição, a associação promotora Festeia – Tema Clássico e a Associação Cultural Thiasos apresentam o Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico. De 29 de Abril a 20 de Julho o programa prevê espectáculos em Coimbra, Viseu, Braga, Conimbriga, Anadia, S. Miguel de Odrinhas, Miranda do Corvo, Penela, Santiago da Guarda e Fundão.

Paula Alexandra Almeida

Assinalando a sua décima edição, o Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico contempla este ano um conjunto de 22 iniciativas distintas – 20 espectáculos de teatro e dois de música –, para além de umas Jornadas de Turismo e Teatro Clássico, durante as quais será lançado o volume comemorativo dos 10 anos, que pretende também

funcionar como arquivo das actividades desenvolvidas.

Promovido pela associação Festeia – Tema Clássico e Associação Cultural Thiasos, uma das marcas do festival é, desde sempre, o seu forte carácter itinerante. Este ano não é excepção e o programa propõe iniciativas em Coimbra, Conimbriga, Miranda do Corvo, Anadia, Sintra, Viseu e Braga, espaços já tradicionais ao longo das edições anteriores, e arrisca três novos espaços — Penela, Santiago da Guarda e Fundão —, em obediência a um esforço continuado de descentralização.

São seis as peças incluídas na edição 2008 do Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico — As Vespas de Aristófanes, Agamémnon de Ésquilo e As Suplicantes de Eurípedes, pelo Grupo Thiasos do IEC, Ifigénia em Aulide de Eurípedes pelo Grupo de Teatro Clássico da Universidade de Alicante, As Bacantes de Eurípedes pelo Grupo de Teatro Clássico ESAD (Escuela Superior de Arte Dramá-

tico), de Málaga, e “La Guerre est jolée” pelo Grupo Les Enfants de Nysa (Paris, E.S.R.A.), uma peça baseada em textos antigos sobre a Paz, num espectáculo montado no quadro de colaboração europeia entre o Festeia e o Festival Européen Latin Grec, pela parte francesa.

Do programa constam ainda, como também já vem sendo habitual, dois espectáculos líricos pelo grupo Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra.

Teatro de tema clássico desperta interesse renovado do público

Ao longo dos últimos anos, e à semelhança da iniciativa do Thiasos, muitos têm sido os festivais de teatro de tema clássico que se vêm realizando. Com um sucesso de certa forma inesperado, estas representações, na sua maioria levadas a cabo por grupos amadores, tiveram o mérito, entre outros naturalmente, de renovar o interesse quer pelo teatro, quer por parte de camadas mais jovens quer adultos, e de despertar a atracção pela cultura clássica de uma forma geral, e particularmente por muitos dos seus textos, nomeadamente os de teatro.

Para tal contribuiu muito também a acção do Thiasos, que ao longo destes anos, de todas as peças por si representadas, ou por outros apresentadas nos festivais, sempre editou um livro, que originalmente serve de bilhete, com o texto em causa. Uma forma simpática e despreocupada de divulgar alguns dos textos mais significativos da cultura clássica, até então desconhecidos do grande público. E vale realmente a pena passear por estes textos escritos há séculos atrás mas, alguns deles, de plena actualidade.

As Vespas de Aristófanes foram apresentadas pela primeira vez em 422 a.C., no contexto da Guerra do Peloponeso. Na peça, Aristófanes procura satirizar o mau funcionamento das instituições democráticas, centrando-se, sobretudo, nos tribunais, que

apresenta, na pessoa de Filócleon e do próprio coro, como uma obsessão dos cidadãos mais envelhecidos, que só aí encontram a sua fonte de rendimento. Recriando-se em cena um tribunal doméstico, onde arguido e acusado são dois cães — porém representativos de dois políticos da ribalta, nesse tempo bem conhecidos —, torna-se a cada passo manifesta a corrupção que domina as instituições jurídicas do tempo.

Já Agamémnon de Ésquilo, que viveu entre 525 e 456 a.C., é a única parte da trilogia Oresteia — as outras são Coéforas e As Euménides — a chegar completa aos nossos dias. Na tragédia em causa, o pano de fundo é o regresso dos heróis gregos que combateram em Tróia. Também de Eurípedes são Ifigénia em Aulide, As Suplicantes e As Bacantes. Ifigénia em Aulide foi representada pela primeira vez em 405 a.C., nas Dionísias Urbanas de Atenas. Fazia parte de uma trilogia, juntamente com As Bacantes e Alceon em Corinto, e recebeu o primeiro prémio no concurso de tragédias. A tragédia baseia-se num dos episódios mais famosos do Ciclo Troiano, no qual Agamémnon, rei de Micenas, comandante das forças gregas que se preparam para atacar Tróia, é compelido a sacrificar sua filha Ifigénia para que a deusa Ártemis cesse a longa calmaria que impede o zarpar das naus aportadas em Aulide.

Já As Suplicantes, representadas no contexto da Guerra do Peloponeso, entre 431 e 404 a.C., resulta numa acutilante e sofrida reflexão sobre as consequências da guerra, de todos os tempos. E As Bacantes é uma peça repleta de contradições que, à margem da sua encenação, provoca uma série de dúvidas. Trata-se da última das obras conservadas de Eurípedes, representada já depois da sua morte, em que o antagonismo entre a tradição e os costumes do homem racional, na figura de Penteu, e a rebelião contra esta tradição, na figura de um deus Dionísio muito ambíguo, marca o contraponto da tragédia.

PROGRAMA

Dia 29 de Abril de 2008 (3ª feira), 21h30, Coimbra, Teatro Paulo Quintela (FLUC) Grupo Thiasos do IEC, As Vespas de Aristófanes

Dia 4 de Maio de 2008, 16h, Miranda do Corvo [A confirmar] - Grupo Thiasos do IEC, As Vespas de Aristófanes

Dia 7 de Maio de 2008 (4ª feira), 21h30, Viseu - Grupo Thiasos do IEC, Agamémnon de Ésquilo

Dia 14 de Maio de 2008 (4ª feira), 10h00, Odrinhas - Grupo de Teatro Clássico (Univ. de Alicante), Ifigénia em Aulide de Eurípedes

Dia 14 de Maio de 2008 (4ª feira), 15h30, Odrinhas - Grupo Thiasos do IEC, Vespas de Aristófanes

Dia 15 de Maio de 2008 (5ª feira), 21h30, Coimbra (Pátio da UC) - Grupo de Teatro Clássico (Univ. de Alicante), Ifigénia em Aulide de Eurípedes

Dia 17 de Maio de 2008 (Sábado), 21h30, Coimbra (Sta. Clara-a-Velha) - Grupo Thiasos do IEC, Agamémnon de Ésquilo

Dia 18 de Maio de 2008 (Domingo), 21h00, Coimbra (Sta. Clara-a-Velha) - Espectáculo lírico do grupo Canto e Drama (Conservatório de Música de Coimbra)

Dia 24 de Maio de 2008 (Sábado), 21h30, Conimbriga - Espectáculo lírico do grupo Canto e Drama (Conservatório de Música de Coimbra)

Dia 30 de Maio de 2008 (6ª feira), 21h30, Anadia (Museu do Vinho) - Grupo Thiasos do IEC, Vespas de Aristófanes

Dia 07 de Junho de 2008 (Sábado), 21h30, Conimbriga - Grupo Thiasos do IEC, As Vespas de Aristófanes

Dia 2 de Julho de 2008 (4ª feira), 21h30, Viseu - Grupo de Teatro Clássico ESAD Málaga (Escuela Superior de Arte Dramático), As Bacantes de Eurípedes

Dia 3 de Julho de 2008 (5ª feira), 21h30, Coimbra (Pátio da UC) - Grupo de Teatro Clássico ESAD - Málaga (Escuela Superior de Arte Dramático), As Bacantes de Eurípedes

Dia 5 de Julho de 2008 (Sábado), 21h30, Braga - Grupo de Teatro Clássico ESAD - Málaga (Escuela Superior de Arte Dramático), As Bacantes de Eurípedes

Dia 6 de Julho de 2008 (Domingo), 21h30, Braga - Grupo Thiasos do IEC, As Vespas de Aristófanes

Dia 8 de Julho de 2008 (3ª feira), 21h, Coimbra (Pátio da UC) - Grupo Thiasos do IEC, As Vespas de Aristófanes

Dia 10 de Julho de 2008 (5ª feira) Coimbra (Santa-Clara-a-Velha) - Grupo Les Enfants de Nysa (Paris, E.S.R.A.), La Guerre est jolée

Dia 11 de Julho de 2008 (6ª feira) Conimbriga - Jornadas de Turismo e Teatro Clássico - Grupo Les Enfants de Nysa (Paris, E.S.R.A.), La Guerre est jolée

Dia 13 de Julho de 2008 (Domingo) Santiago da Guarda - Grupo Thiasos do IEC, As Vespas de Aristófanes

Dia 18 de Julho de 2008 (6ª feira), 21h30, Penela - Grupo Thiasos do IEC, As Suplicantes de Eurípedes

Dia 19 de Julho de 2008 (Sábado), 21h30, Fundão - Grupo Thiasos, As Suplicantes de Eurípedes

Dia 20 de Julho de 2008 (Domingo) Fundão - Grupo Thiasos, As Vespas de Aristófanes

Associação Cultural Thiasos: há 17 anos a divulgar os clássicos

Em Novembro de 1991, alguns dos assistentes que agora integram o corpo de docentes do Instituto de Estudos Clássicos, então colegas de curso, encenavam, na cerimónia comemorativa da sagração da Sé Velha de Coimbra, um texto original, da autoria de Delfim Leão, intitulado “Sé Velha – Pedras Vivas”. Essa primeira iniciativa, inteiramente preparada por alunos, iria conhecer um importante avanço em Março de 1992, altura em que discentes do 4.º ano de licenciatura organizaram um colóquio subordinado ao tema “O Amor desde a Antiguidade Clássica”.

Entre as várias actividades propostas, foi possível assistir à representação de parte do Soldado Fanfarrão plautino, e foi a partir desse momento que se colocou, verdadeiramente, a possibilidade de criar um grupo de teatro de tema clássico.

No entanto, somente em 1996 é que se retomou o projecto de teatro, com a rodagem, em Conimbriga, da versão vídeo da comédia de Aristófanes “Mulheres no Parlamento”, sob a direcção de Delfim Leão.

No seguimento destas actividades, e por proposta do então director do Instituto, José Ribeiro Ferreira, decidiu oficializar-se a existência do grupo e aprofundar a formação teatral dos seus membros. Como consequência da nova orgânica, o Thiasos dramatizou o Epiduro de Plauto, encenado por Paulo Sérgio Ferreira, que foi visto por cerca de oito mil espectadores, em Portugal e Espanha, durante o biénio 1999/2000.

A 5 de Julho de 2000, o grupo celebrou a escritura pública dos seus estatutos, tendo adoptado a denominação de “Associação Cultural Thiasos”.



Agamémnon de Ésquilo é uma das peças que o Grupo Thiasos do IEC levará a cena durante o X Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico que organiza em conjunto com a associação promotora Festeia – Tema Clássico

Espectáculo hoje às 21h30

Teatro de Tema Clássico no Pátio da Universidade

O X Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico prossegue hoje. O espectáculo "Ifigénia em Áulide", de Eurípides, pelo Grupo de Teatro Clássico da Universidad de Alicante, está marcado para as 21h30, no Pátio da Universidade de Coimbra (Via Látina).

Em palco, o grupo espanhol apresentará uma peça que foi representada pela primeira vez em 405 a.C., nas Dionísias Urbanas de Atenas.

"Ifigénia em Áulide" «fazia parte de uma trilogia, juntamente com As Bacantes e Alceon em Corinto (tragédia perdida) e recebeu o primeiro prémio no concurso de tragédias. Eurípides havia morrido alguns meses antes e "Eurípides o Jovem", filho (ou sobrinho) do poeta, foi o responsável pela apresentação da trilogia», refere a organização do espectáculo.

«A tragédia baseia-se num dos episódios mais famosos do Ciclo Troiano. Agamémnon, rei de Micenas, comandante das forças gregas que se preparam para atacar Tróia, é compelido a sacrificar sua filha Ifigénia para que a deusa Ártemis cesse a longa calmaria que impede o zarpar das naus apórtadas em Áulide. A inesperada chegada de Clitemnestra em companhia da filha e a intervenção de



"Ifigénia em Áulide", de Eurípides, pelo Grupo de Teatro Clássico da Universidad de Alicante

Aquiles, alheio à trama, complicam os seus planos».

"Ifigénia em Áulide" tem tradução e adaptação de María Paz López, encenação e dramaturgia de Charo Amador e coloca em palco Enrique Piera (Agamémnon), Encarna Segara (Ancião), Fernando Garcia (Menelau), Minguel Ángel López (Mensageiro), Loles Moreno (Clitemnestra), Ariana

Martínez (Ifigénia), Francisca López (Ama), Miguel Ángel Bravo (Aquiles), Roberto Sparano (Calcas). Coreutas: Irene Marcelo (Corifeu), Paola García, María José Alpañés. Bailarinas: Laura Martínez, Vanessa Yago, Laura Buil, Elisabeth Nicolás, Ana Sánchez, Gracia Urraca. Instrumentistas: Noelia Junquera (arpa) e Miriam Aracil (oboé).

O espectáculo tem entrada

livre, tal como os que se seguem no festival, sábado às 21h30 no Jardim Botânico de Coimbra, com o Grupo Thíasos do Instituto de Estudos Clássicos (Faculdade de Letras) a representar "Agamémnon" de Ésquilo, e domingo, às 21h00, na Biblioteca Joanina, "Doze Anos, Doze Quadros", espectáculo lírico do grupo Canto e Drama (do Conservatório de Música de Coimbra).●

Diário de Coimbra
(15 de Maio de 2008)

As Vespas de Aristófanes

Grupo Thíasos do IEC

Encenação e tradução

Carlos de Jesus

Figurinos

Carla Braz, Carlos de Jesus,
Luísa de Nazaré Ferreira, Maria Valente

Composição musical

José Luís Brandão

Seleção musical

Carlos A. Martins de Jesus

Sonoplastia

Carla Cerqueira

Luminotecnia

Rodolfo Lopes, Carlos Santos

Cenografia

José Luís Brandão, Carla Braz

Elenco

José Luís Brandão (Filócleon)
Carlos A. Martins de Jesus (Bdelícleon)
Artur Magalhães (Xântias)
Susana Bastos (Sósias e Mírtia)
Carla Correia (Dárdanis)
Ângela Leão, Carla Correia (Cão Cidateneu)
Bruno Fernandes (Corifeu)

Coro

Mariana Matias, Ândrea Seiça,
Nelson Henrique, Carla Rosa,
Nilce Carvalho, Susana Rosa,
Amélia Álvaro de Campos, Miguel Sena

Corinho

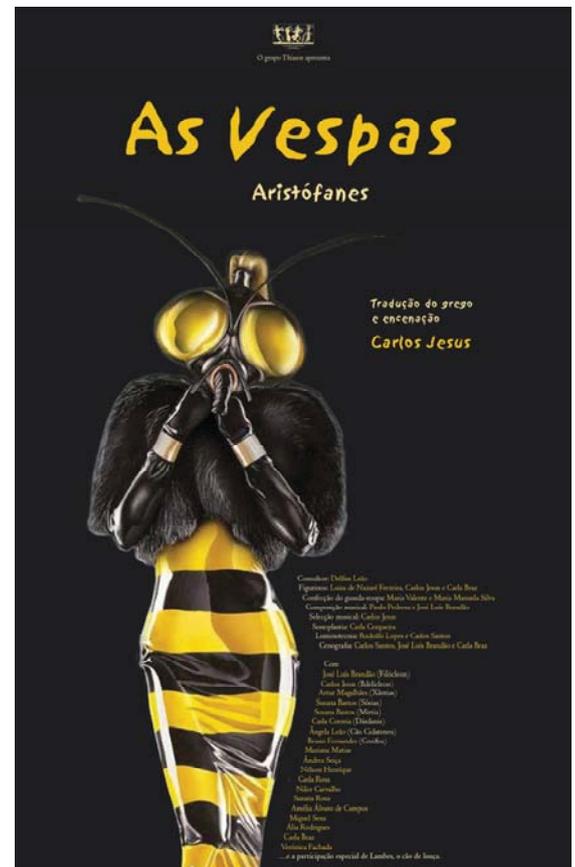
Ália Rodrigues, Carla Braz,
Verónica Fachada, Stella Quandt

Apresentada pela primeira vez em 422 a.C., no contexto da Guerra do Peloponeso, e obra de um Aristófanes já firmemente posicionado no panorama cómico ateniense, a comédia *Vespas* procura testar as diversas iguarias de cómico, entre a tradição e a novidade, e tem de ser entendida como reacção ao desaire que constituiu, para o seu autor, o

não reconhecimento do mérito da comédia apresentada no ano anterior, *Nuvens*.

No comum cenário do exterior de uma casa de Atenas, Aristófanes procura satirizar o mau funcionamento das instituições democráticas, centrando-se, sobretudo, nos tribunais, que apresenta, na pessoa de Filócleon e do próprio Coro, como uma obsessão dos cidadãos mais envelhecidos, que só aí encontram a sua fonte de rendimento. Recriando-se em cena um tribunal doméstico, onde arguido e acusado são dois cães – porém representativos de dois políticos da ribalta, nesse tempo bem conhecidos –, torna-se a cada passo manifesta a corrupção que domina as instituições jurídicas do tempo.

do Programa





As Vespas de Aristófanes
Museu do Vinho
de Anadia
Fotos de Rodolfo Lopes

***Ifigénia em Áulide* de Eurípides**

Grupo de Teatro Clássico
da Universidade de Alicante

Encenação e dramaturgia

Charo Amador

Composição musical

José María Vives Ramiro

Coreografia

María Obdulia Díaz

Cenografia

Enrique Piera, Talleres Piñero

Luminotecnia

Ximo Hernández

Figurinos

Charo Amador, Loles Moreno

Concepção do guarda-roupa

Isabel López, María Martínez,
Loles Moreno

Maquilhagem

Yolanda Escrich

Elenco

Enrique Piera (Agamémnon)

Encarna Segara (Ancião)

Fernando García (Menelau)

Minguel Ángel López (Mensageiro)

Loles Moreno (Clitemnestra)

Ariana Martínez (Ifigénia)

Francisca López (Ama)

Miguel Ángel Bravo (Aquiles)

Roberto Sparano (Calcas)

Coro

Irene Marcelo (Corifeu),

Paola García, María José Alpañés

Bailarinas

Laura Martínez, Vanessa Yago, Laura Buil,

Elisabeth Nicolás, Ana Sánchez,

Gracia Urraca

Instrumentistas

Noelia Junquera (harpa)

Miriam Aracil (oboé)

A *Ifigénia em Áulide* foi representada pela primeira vez em 405 a.C., nas Dionísias Urbanas de Atenas. Fazia parte de uma trilogia, juntamente com *As Bacantes* e *Alcméon em Corinto* (tragédia perdida), e recebeu o primeiro prémio no concurso de tragédias. Eurípides havia morrido alguns meses antes e “Eurípides o Jovem”, filho (ou sobrinho) do poeta, foi o responsável pela apresentação da trilogia.

A tragédia baseia-se num dos episódios mais famosos do ciclo troiano. Agamémnon, rei de Micenas, comandante das forças gregas que se preparam para atacar Tróia, é compelido a sacrificar sua filha Ifigénia para que a deusa Ártemis cesse a longa calmaria que impede o zarpar das naus aportadas em Áulide. A inesperada chegada de Clitemnestra em companhia da filha e a intervenção de Aquiles, alheio à trama, complicam os seus planos.

do Programa



Ifigénia em Aulide
de Eurípides
Fotos de Carlos Jesus



As Bacantes de Eurípides
Escuela Superior de Arte Dramático
(ESAD) de Málaga

Adaptação e encenação

Andreu

Cenografia

Pilar Jiménez

Desenho de luzes

Eun Kyung Kang

Figurinos

Andreu

Música

José Manuel Padilla

Canção de Tebas

Juan Carlos Vilaseca

Assistente de coreografia

Rebeca Ríos

Confecção do guarda-roupa

Pilar Jiménez, Andreu

Realização de cenografia

Héctor Morales

Director de cena

Emma Muñoz

Chefe da equipa técnica

Emilio Martínez

Assistente de direcção

Emma Muñoz

Sonoplastia

Germán Benítez Leiva

Elenco

Chico García (Penteu)

Luis Alcedo (Diónisos)

Raquel Pérez (Agave)

Fran Martín (Cadmo)

Emilio Martínez (Capitão)

Frank Vélez (Pastor)

Lucas Ortiz (Tirésias)

Fran Millán (Soldado)

May Melero (Autónoe)

Irina Baños (Ino)

Coro

Irina Baños, Tamara Gómez,

Laura Molina, Carmen Melero,

Emilia Moreno, Noelia Navarro,

Marta Pavón, Amanda Ríos, Rebeca Ríos,

Beatriz Saavedra, Marina Sánchez,

Vanesa Serrano



Estamos perante uma peça repleta de contradições que, à margem da sua encenação, provoca uma série de dúvidas. Trata-se da última das obras conservadas de Eurípides, representada já depois da sua morte, que, nas palavras de Julio Pallí Bonet, “pode considerar-se um canto de cisne.” O antagonismo entre a tradição e os costumes do homem racional, na figura de Penteu, e a rebelião contra esta tradição, na figura de um deus Diónisos muito ambíguo, marca o contraponto da tragédia.

Os acentuados contrastes do texto agudizam-se com a metamorfose de Diónisos, de carácter divino, e o transformismo de Penteu, numa tentativa artificial de mudar a realidade, mas, de qualquer modo, tudo está ao serviço da representação, com o objectivo de difundir a mensagem, não do deus, mas do próprio autor, por via da máscara teatral, ou seja, do metateatro como técnica dramática.

O tema e o argumento pertencem ao culto dionisiaco e dizem respeito à introdução destes ritos na Grécia. O deus Diónisos chega a Tebas para introduzir o seu culto, mas depara-se com a oposição do rei Penteu, defensor das tradições antigas. Diónisos deixa-se prender, mas logo se escapa de forma prodigiosa, e convence o rei a, vestido de mulher, ir ao monte espiar as bacantes, entre as quais se encontra Agave, a sua mãe. Descoberto pelas mulheres, Penteu é desmembrado por elas e a sua cabeça é levada pela mãe, como troféu, até à cidade.

do Programa



As Bacantes
de Eurípides
Teatro Mirita Casimiro
(Viseu)
Fotos de Carlos Jesus

Como é doce a guerra...

de Chantal Collion

Les Enfants de Nysa da E.S.R.A. de Paris

Encenação

Tiphaine Renard

Iluminação

Kevin Lafargue

Som

Jean Amanieu

Assistente de encenação

Benjamin Guicheteau

Cenários

Yohan Chemmoul, Julia Delprat

Música

Niels Prayer

Coreografia

Kiyoshi Yamamoto

Guarda-roupa e maquilhagem

Palmyre Roigt, Joséphine Mathis,

Dounia Khellaf

Fotografia

Aurélie Larnicol

Realização de vídeo

Michaël Ayach, Kevin Lafargue

Grafismo

Julia Diérickx-Brax

Elenco

Damien Sartran (Caronte)

Michaël Ayach (Alastor)

Guillaume Sorel (Erasmus)

Alias Issa (Trigeu, Ésquilo)

Clément Paillette (Hermes)

Joséphine Mathis (Paz)

Aurélie Larnicol (Lisístrata, Corifeu)

Dounia Khellaf (Calonice)

Lucie Stern (Mírrina)

Chloé Désiré (Lâmpito)

Palmyre Roigt (Moça, Andrómaca)

David Martinez (Príamo)

Kevin Lafargue (Arquíloco)

Jean Amanieu (Saint-Exupéry)

Maïa (Criança da Paz)

Como é doce a guerra... é uma obra ficcional, concebida no âmbito do Festival Européen de Latin et Grec (FELG), para o Festival Internacional de Tema Clássico, a realizar em Portugal. A única directriz que recebi foi a de criar uma montagem de textos gregos e latinos para apresentar em Coimbra um espectáculo que facilmente se inscrevesse no tema geral do FELG de 2008: “Os exploradores do mundo: o turismo, a guerra, a ciência”.

O nome de Erasmo (1467-1536) todos o conhecemos, mas a sua obra, considerada demasiado austera e digna somente da curiosidade dos historiadores, tem sido negligenciada ao longo dos tempos. Quando citamos um título de Erasmo, referimo-nos normalmente à sua obra *O Elogio da Loucura*. Uma vez cognominado “Príncipe dos Humanistas”, colocámo-lo num pedestal, esquecendo o ser apaixonado que, apesar “da pequena estatura, adoentada e delicada” e, mais tarde, “enfraquecida pela idade, pela fadiga de viagens esgotantes e de constantes esforços intelectuais”, trabalhou com afincamento determinado no renascimento da cultura greco-latina, sobretudo depois da sua fascinante descoberta da língua grega, quando contava já mais de trinta anos.

Este combate de toda uma vida é o suficiente para justificar a imagem que criámos de Erasmo como o herói do dia, neste festival consagrado à promoção da língua latina e grega. E mais: o cosmopolitismo da personagem que se dizia “cidadão do mundo” e “compatriota de todos”, destinava-o naturalmente a honrar com a sua presença, póstuma e dramatizada, os dois festivais europeus. O seu pacifismo resolutivo e intransigente, pode ajudar a aclarar a nossa própria reflexão sobre o tema da exploração do mundo pela guerra. Aqui está como Erasmo se tornou herói de *Como é doce a guerra...* e a sua obra o fio condutor desta fantasia dramática que, desta forma, se impõe claramente para além de um simples jogo literário, como um verdadeiro manifesto humanista.

Embora se trate de um texto lúdico, *Como é doce a guerra...* não deixa de estar recheado de intenções didáticas e pode ser abordado como um jogo de pistas, onde cada espectador deverá descobrir o autor que se esconde por detrás de cada réplica. Concedo ao leitor algumas indicações no início de cada quadro em pequenos textos-miniatura que não fazem parte do *corpus* dramático propriamente dito, mas que serão projectados em vídeo durante a representação, com o intuito de guiar os espectadores. Proponho a todos aqueles que desejam saber mais para nos encontrarmos no posfácio... mas só depois de terem visto o espectáculo ou lido a peça!

Chantal Collion

Tradução do francês de Ana Seíça



Como é doce a guerra...
de Chantal Collion
Castelo de Penela
Fotos de Carlos Jesus





1999

2000

2001

2002

2003



2004



2005

2006

2007

2008

Índices

Os livros-bilhete

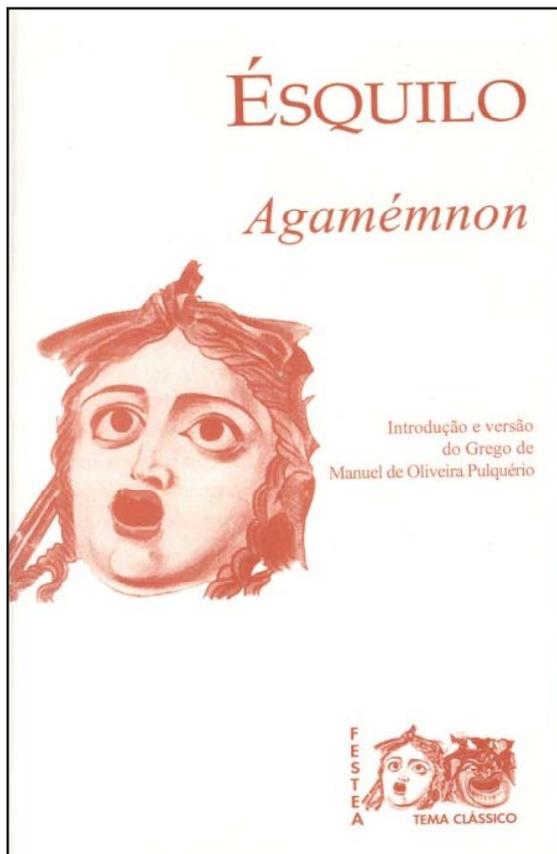
Ao longo dos dez anos da existência dos Festivais de Teatro de Tema Clássico, a organização editou, de forma sistemática, os textos das peças levadas à cena pelos diversos grupos, nacionais e estrangeiros, que passaram pelos palcos portugueses.

Sempre com a preocupação de publicar traduções realizadas directamente da língua original, da responsabilidade de especialistas na área e/ou no autor em causa, a colecção conta, até ao final de 2009, com trinta e oito volumes editados, entre tragédias e comédias, gregas e latinas, mas também outras dramatizações apresentadas no âmbito do Festival.

É primeiro objectivo destes volumes de bolso, de qualidade assegurada, a divulgação dos textos clássicos. No âmbito do Festival Escolar, as obras costumam ser enviadas antecipadamente aos grupos escolares que vêm assistir às representações, sendo que é também usual a sua distribuição pelo público imediatamente antes da performance teatral.

Os volumes, quando disponíveis em stock, podem ser adquiridos no Instituto de Estudos Clássicos (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Largo da Porta Férrea, 3004-530 Coimbra).



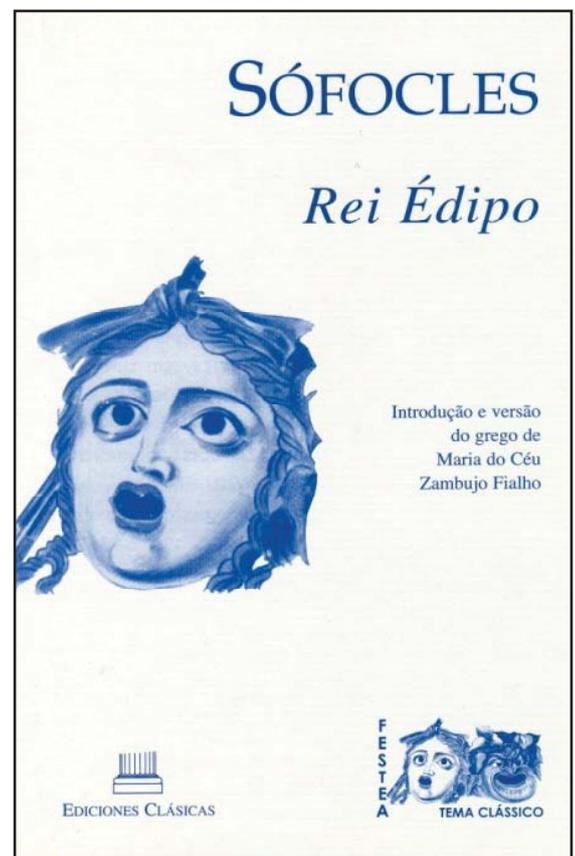


Autor
Sófocles
Título
Édipo em Colono
Tradução
Maria do Céu Fialho
Ano de edição
2001
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Sófocles
Título
Rei Édipo
Tradução
Maria do Céu Fialho
Ano de edição
2003, 2009
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Ésquilo
Título
Agamémnon
Tradução
Manuel de Oliveira Pulquério
Ano de edição
2007, 2008
Editor
FESTE A – Tema Clássico

Autor
Ésquilo
Título
As Coéforas
Tradução
Manuel de Oliveira Pulquério
Ano de edição
2001
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga



Autor
Sófocles
Título
Antígona
Tradução
Maria Helena da Rocha Pereira
Ano de edição
2003, 2006
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Sófocles
Título
As Traquínias
Tradução
Maria do Céu Fialho
Ano de edição
2003
Editor
Ediciones Clásicas
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Sófocles
Título
Filoctetes
Tradução
José Ribeiro Ferreira
Ano de edição
2005
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Eurípides
Título
Íon
Tradução
Manuel de Oliveira Pulquério
Maria M. S. Álvares
Ano de edição
2001
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Eurípides
Título
Os Heraclidas
Tradução
Cláudia Raquel Cravo da Silva
Ano de edição
2001
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

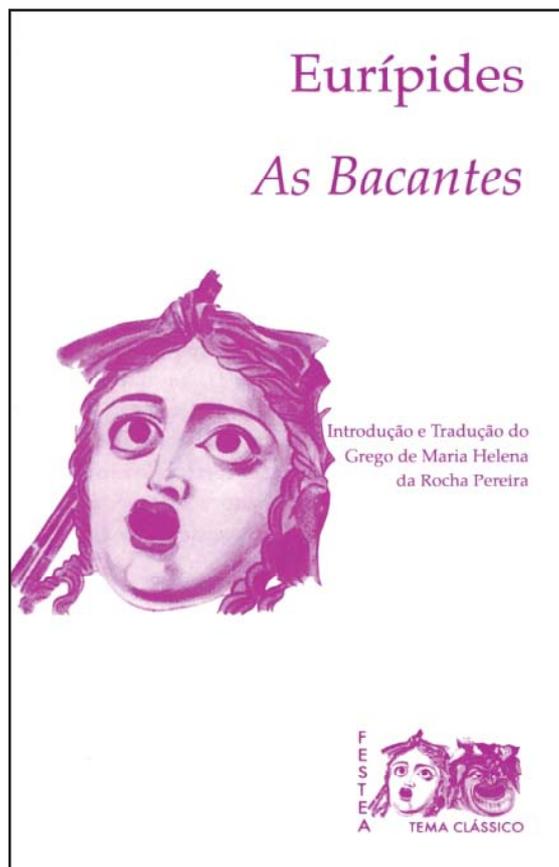
Autor
Eurípides
Título
Electra
Tradução
Fernanda Brasete
Ano de edição
2002
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Eurípides
Título
As Troianas
Tradução
Maria Helena da Rocha Pereira
Ano de edição
2005
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Eurípides
Título
Hipólito
Tradução
Frederico Lourenço
Ano de edição
2006
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Eurípides
Título
As Suplicantes
Tradução
José Ribeiro Ferreira
Ano de edição
2006
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Eurípides
Título
Andrómaca
Tradução
José Ribeiro Ferreira
Ano de edição
2005
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga



Autor
Eurípides
Título
Helena
Tradução
José Ribeiro Ferreira
Ano de edição
2005
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

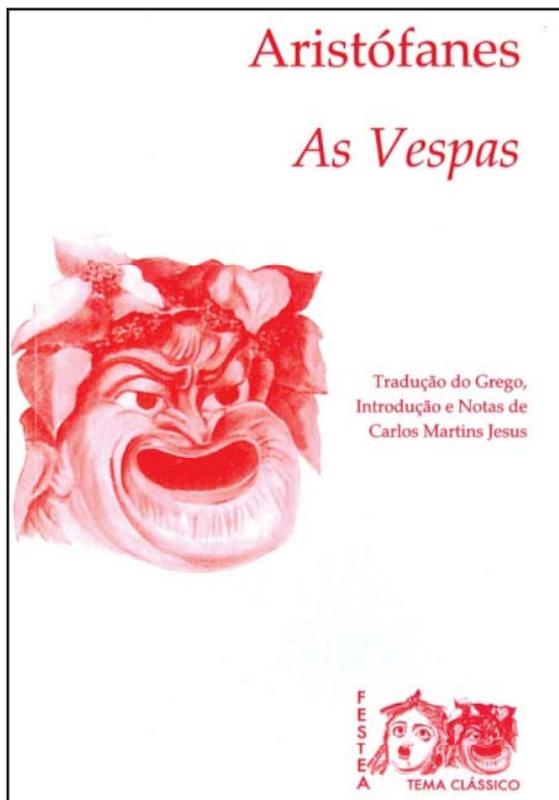
Autor
Eurípides
Título
Ifigénia em Áulide
Tradução
C. A. Pais de Almeida
Ano de edição
2008
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Eurípides
Título
As Bacantes
Tradução
Maria Helena da Rocha Pereira
Ano de edição
2008
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

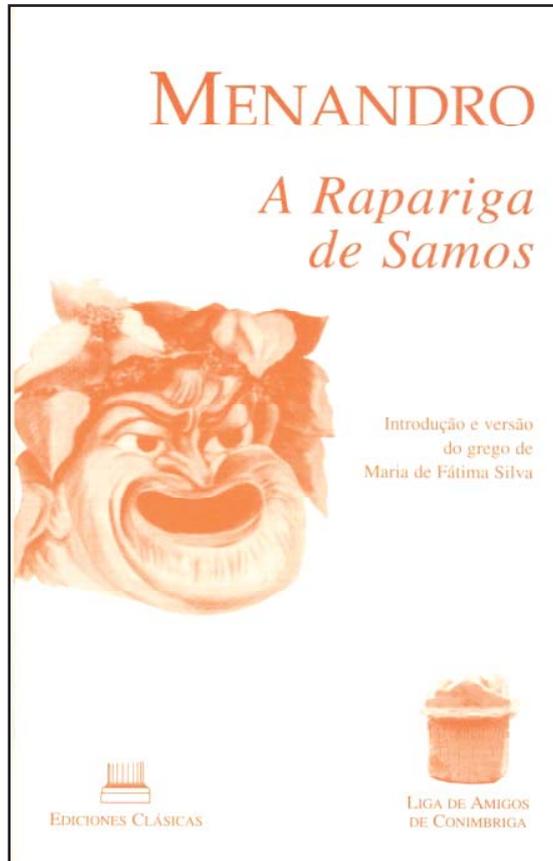
Autor
Aristófanes
Título
Lisístrata
Tradução
Maria de Fátima Silva
Ano de edição
2002
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Aristófanes
Título
As Rãs
Tradução
Américo da Costa Ramalho
Ano de edição
2004
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Aristófanes
Título
As Mulheres no Parlamento
Tradução
Maria de Fátima Silva
Ano de edição
2005, 2006
Editor
FESTEIA - Tema Clássico



Autor
Aristófanes
Título
Pluto (A Riqueza)
Tradução
Américo da Costa Ramalho
Ano de edição
2005
Editor
FESTEIA - Tema Clássico



Autor
Aristófanes
Título
As Vespas
Tradução
Carlos A. Martins Jesus
Ano de edição
2008, 2009
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Menandro
Título
A Rapariga de Samos
Tradução
Maria de Fátima Silva
Ano de edição
2000
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Plauto
Título
Epídico
Tradução
Walter de Medeiros
Ano de edição
2000
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Plauto
Título
O Gorgulho
Tradução
Walter de Medeiros
Ano de edição
2000
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Plauto
Título
A Comédia da Marmita (*Aulularia*)
Tradução
Walter Medeiros
Ano de edição
2001
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Plauto
Título
O Anfitrião
Tradução
Carlos A. Louro da Fonseca
Ano de edição
2002
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

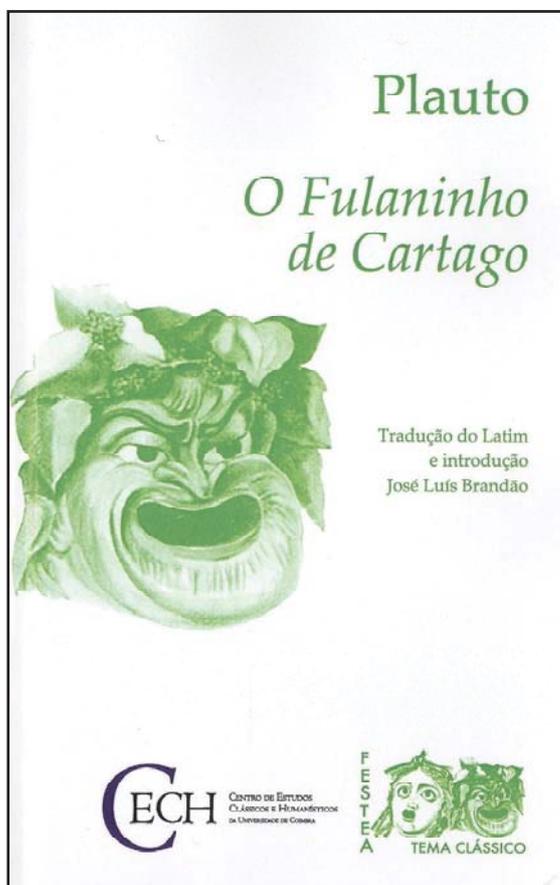
Autor
Plauto
Título
A Comédia do Fantasma (*Mostellaria*)
Tradução
Reina M. Troca Pereira
Ano de edição
2002
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Plauto
Título
Os dois Menecmnos
Tradução
Carlos A. Louro da Fonseca
Ano de edição
2002
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

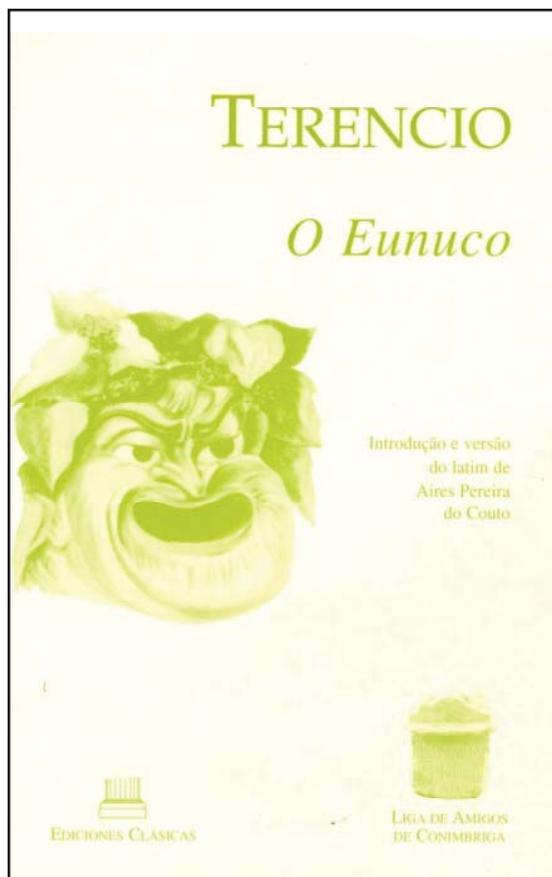
Autor
Plauto
Título
A Comédia da Cestinha (*Cistellaria*)
Tradução
Aires Pereira do Couto
Ano de edição
2004
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Plauto
Título
O Soldado Fanfarrão
Tradução
Carlos A. Louro da Fonseca
Ano de edição
2004, 2006
Editor
FESTEIA - Tema Clássico

Autor
Plauto
Título
A Comédia os Burros
Tradução
Aires Pereira do Couto
Ano de edição
2007
Editor
FESTEIA - Tema Clássico



Autor
Plauto
Título
O Fulaninho de Cartago
Tradução
José Luís Brandão
Ano de edição
2009
Editor
FESTEIA - Tema Clássico
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos



Autor
Terêncio
Título
O Eunuco
Tradução
Aires Pereira do Couto
Ano de edição
2002
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
AAVV
Título
Mitos Clássicos
na Poesia Portuguesa Contemporânea
Seleção
José Ribeiro Ferreira
Ano de edição
2000
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Composição
C. W. Gluck
Libreto
Ranieri De' Calzabigi
Título
Orfeu e Eurídice
Tradução
Lino Mioni
Ano de edição
2001
Editor
Ediciones Clásicas
Liga de Amigos de Conimbriga

Autor
Marcial
Título
Marcial em Traje de Cena
Tradução
Delfim Ferreira Leão
José Luís Brandão
Paulo Sérgio Ferreira
Seleção
José Luís Brandão
Ano de edição
2004
Editor
FESTEA - Tema Clássico

Autor
Teócrito e Virgílio
Título
Teócrito e Virgílio
Tradução
M. H. Rocha Pereira
M. M. Barbosa du Bocage
Ano de edição
2005
Editor
FESTEA - Tema Clássico

Autor
Esopo
Título
Fábulas
Tradução
Nelson H. S. Ferreira
Ilustrações
Katia C. Galhano
Ano de edição
2009
Editor
FESTEA - Tema Clássico
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Autor
Chantal Collion
Título
Como é doce a guerra...
Tradução
Ana Seça Carvalho
Ano de edição
2008
Editor
FESTEA - Tema Clássico

Grupos participantes e espaços



GRUPOS PARTICIPANTES

A Escola da Noite de Coimbra
Ágon de Caldas da Rainha
Angelus do Colégio de S. Miguel (Fátima)
Arthistrión/Calatalifa de Madrid
Balbo do IES de Puerto Sta. María (Cádiz)
Batrakoi da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Calatalifa de Madrid
Canto e Drama do Conservatório de Música de Coimbra
Escola Superior de Teatro e Cinema de Amadora
Fatias de Cá de Tomar
Grupo de Teatro Clássico da Escola Superior de Arte Dramática (Málaga)
Grupo de Teatro Clássico da Universidade de Alicante
Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga
Grupo de Teatro da Escola Secundária de Cantanhede
Grupo de teatro da Escola Secundária de Trancoso
Helios Teatro de Madrid
Les Enfants de Nysa da École Supérieur de Réalisation Audiovisuelle (Paris)
Meia Via de Torres Novas
Sardiña do IES Elpiña, Corunha
Selene do IES Carlos III de Madrid
Teat@amus do Colégio de Calvão
Theatro do Lyceu da Figueira da Foz
Thíasos do Instituto de Estudos Clássicos

ESPAÇOS E INSTITUIÇÕES QUE ACOLHERAM O FESTIVAL

Antigo Convento de Santana (Coimbra)
Antigo Mercado de Viseu
Aparthotel Sottomayor (Figueira da Foz)
Auditório Mirita Casimiro (Viseu)
Auditório Municipal de Santiago da Guarda
Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra
Câmara Municipal de Miranda do Corvo
Câmara Municipal de Tomar
Castelo de Penela
Castelo de Pinhel
Castelo Rodrigo
Centro Cultural D. Dinis (Coimbra)
Centro Cultural da Mêda
Centro de Arte e Espectáculos da Figueira da Foz

Claustros da Sé Velha de Coimbra
Claustros de Santa Cruz (Coimbra)
Claustros do Seminário de Viseu
Convento de Cristo (Tomar)
Convento de S. Francisco (Coimbra)
Festival Européen Latin et Grec 2007 (Nantes, França)
Instituto Português da Juventude de Coimbra
Instituto Universitário Justiça e Paz (Coimbra)
Jardim Botânico de Coimbra
Largo da Sé de Braga
Louriçal
Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga)
Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra)
Museu D. Diogo de Sousa (Braga)
Museu da Citânia de Sanfins
Museu do Vinho de Anadia
Museu Grão-Vasco (Viseu)
Museu Monográfico de Conimbriga
Museu Nacional Machado de Castro
Parque das Tílias (Fundão)
Pátio da Universidade de Coimbra
Pátio da Inquisição (Coimbra)
Pátio do Palácio dos Figueiredos (Condeixa)
Pátio Grego da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Pólo de Viseu da Universidade Católica
Praça 8 de Maio (Coimbra)
Praça do Município de Nelas
Quinta do Ervedal (Castelo Novo)
Salão dos Bombeiros Voluntários de Condeixa
Teatro Académico Gil Vicente
Teatro do Colégio de S. Teotónio (Coimbra)
Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Teatro Viriato (Viseu)
Termas Romanas de Braga
Tours (França)
Vila Nova de Foz Côa

Índice de espectáculos



ÉSQUILO

Agamémnon	112-113
As Coéforas	46-47
Persas	24-25

SÓFOCLES

Antígona	76
Édipo em Colono	48-49
Electra	58-59, 89-90
Filoctetes	99
Rei Édipo	74-75
Traquíñas	72-73

EURÍPIDES

Andrómaca	32-33
Bacantes	126-127
Electra	63
Hécuba	115
Helena	101-102
Heraclidas	40-42
Hipólito	105
Ifigénia em Áulide	121, 124-125
Íon	50-51
Suplicantes	108-109
Troianas	35-37

ARISTÓFANES

Lisístrata	60-61
Mulheres no Parlamento	94-95
Paz	86-87
Pluto (A Riqueza)	103-104
Rãs	84
Vespas	122-123

MENANDRO

A Rapariga de Samos	20-21, 89
---------------------	-----------

PLAUTO

Anfitrião	56-57
Comédia dos Burros	114
Comédia da Cestinha	85
Comédia do Fantasma	66-67
Comédia da Marmita	44-45
Epídico	22-23
Gorgulho	34, 116-117
Os Dois Menecmos	64, 83
Persa	100
Soldado Fanfarrão	88, 109

TERÊNCIO

Eunuco	62
--------	----

TEMA CLÁSSICO

Antígona, de A. Pedro	65
Como é doce a guerra...	128-129
Marcial em Trajes de Cena	81-82
Mitos Clássicos na Poesia	
Portuguesa Contemporânea	26-27
O Corpo de Helena, de A. J. Miranda	77
Poeta e Maçador	52-53
Teócrito e Virgílio	96-97
Ulisses, de M. A. Menéres	98
Viriato, de J. Aguiar	28-29

ESPECTÁCULOS MUSICAIS

Dido e Eneias, de H. Purcell	18-19
Orfeu e Eurídice, de C. Gluck	43

